

JOÃO RODRIGO OLIVEIRA E SILVA

**O DESENVOLVIMENTO DA NOÇÃO DE CARÁTER NO
PENSAMENTO DE REICH**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

SÃO PAULO

2001

JOÃO RODRIGO OLIVEIRA E SILVA

**O DESENVOLVIMENTO DA NOÇÃO DE CARÁTER NO
PENSAMENTO DE REICH**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientador: Prof. Dr. Paulo Albertini

SÃO PAULO

2001

**O DESENVOLVIMENTO DA NOÇÃO DE CARÁTER NO
PENSAMENTO DE REICH**

JOÃO RODRIGO OLIVEIRA E SILVA

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Ana Maria Loffredo

Prof. Dr. Claudio Mello Wagner

Prof. Dr. Paulo Albertini

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/____

Para Cybelle.

A escrita de uma dissertação precisa de solidão para se realizar, mas,
ao mesmo tempo, é um trabalho que não se pode fazer só.

Assim, gostaria de reconhecer a participação preciosa daqueles que,
estando por perto nestes últimos anos, entregaram um pouco de seu amor
e esperança para que este texto pudesse existir.

Agradeço a minha esposa, a meus pais, a minha irmã, a meus amigos e
familiares. Agradeço também a meu orientador, aos professores da
banca, aos professores e colegas de curso.

Por fim, agradeço à Capes pelo apoio necessário à finalização deste
trabalho.

O pensamento que é apenas pensamento, a obra de arte que é apenas concebida, o poema apenas sonhado, não custam muito; é a realização material do poema em palavras, da concepção artística num quadro ou numa estátua que demandam esforço. O esforço é penoso, mas é também precioso, mais precioso do que a obra que resulta dele, porque, graças a ele, tiramos de nós mais do que tínhamos, elevamo-nos acima de nós mesmos.

Henri Bergson

SUMÁRIO

RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 O contexto da reflexão sobre o pensamento de Wilhelm Reich.....	1
1.2 O problema de pesquisa.....	6
1.3 Considerações sobre o método.....	11
2. UMA APRESENTAÇÃO PRELIMINAR DO CAMPO DA CARACTEROLOGIA.....	16
2.1 Algumas definições de caráter.....	18
2.2 Os primórdios da caracterologia.....	20
2.3 Caracterologia e a proposição de tipos.....	23
2.3.1 Caracterologias de critérios psíquicos.....	24
2.3.2 Caracterologias de critérios biológicos.....	27
2.3.3 Caracterologias de critérios múltiplos.....	28
2.4. Síntese.....	30
3. A NOÇÃO DE CARÁTER NA TRADIÇÃO PSICANALÍTICA.....	32
3.1 Usos do termo caráter por Freud.....	34
3.2 Adler e o caráter neurótico.....	45
3.3 Abraham e o estudo da formação do caráter.....	47
3.4 Ferenczi e a análise do caráter.....	51
3.5 Síntese.....	54

4. A CONCEITUAÇÃO DE CARÁTER EM REICH – 1: <i>O CARÁTER IMPULSIVO</i>	56
4.1 Uma primeira referência a caráter.....	57
4.2 O contexto de <i>O caráter impulsivo</i>	60
4.3 A temática do caráter em <i>O caráter impulsivo</i>	66
4.4 Síntese.....	76
5. A CONCEITUAÇÃO DE CARÁTER EM REICH – 2: <i>ANÁLISE DO CARÁTER</i>	79
5.1 Visão sintética e contextual da primeira edição de <i>Análise do caráter</i>	79
5.2 O contexto técnico da primeira edição de <i>Análise do caráter</i>	90
5.3 O viés psicanalítico e sociopolítico sobre o conceito de caráter.....	94
5.3.1 A dimensão sociopolítica do caráter.....	95
5.3.2 O caráter como resistência.....	99
5.3.3 A formação do caráter.....	105
5.3.4 A função defensiva da couraça do caráter.....	106
5.3.5 A dimensão econômica do caráter.....	109
5.4 O contexto das duas edições ampliadas de <i>Análise do caráter</i>	112
5.5 A visão pós-psicanalítica sobre caráter em Reich: o viés biológico.....	116
5.6 A visão pós-psicanalítica sobre caráter em Reich: o viés orgonômico.....	123
5.7 Síntese.....	128
6. CONCLUSÃO.....	131
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	138

RESUMO

OLIVEIRA E SILVA, João Rodrigo. O desenvolvimento da noção de caráter no pensamento de Reich. São Paulo, 2001. 149 p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

A pesquisa investiga o desenvolvimento do conceito de caráter no pensamento de Wilhelm Reich. Está baseada numa leitura sistemática e historicizante de seus livros *O caráter impulsivo* e *Análise do caráter*. Inicialmente, explicita o contexto em que o conceito foi desenvolvido. Para tanto, compõe uma visão panorâmica da história da caracterologia e uma descrição de alguns usos dessa noção por psicanalistas anteriores ou contemporâneos de Reich. Em seguida, apresenta e discute os significados que o termo caráter adquire ao longo das obras referidas. Ao fazê-lo, reconhece a conexão entre suas reflexões iniciais sobre caráter e a tradição psicanalítica, destaca as particularidades de seu pensamento e observa, por fim, as mudanças que o conceito sofreu, decorrentes das transições teóricas realizadas, mais tarde, por Reich.

ABSTRACT

OLIVEIRA E SILVA, João Rodrigo. The development of the notion of character in Reich's thought. São Paulo, 2001. 149 p. Master Thesis. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

The research examines the development of the concept of character in Wilhelm Reich's thought. It is based upon a historical and systematic reading of the author's *The impulsive character* and *Character analysis*. At first, it presents the context in which this concept was brought out, including a brief view of the history of characterology and a description of some uses of this notion by psychoanalysts who preceded Reich and those contemporary to him. Following that, this research reveals and discusses the different meanings that the term character had throughout the author's work. It recognizes the connection between his early reflections on character and the psychoanalytic tradition, it indicates the particularity of his thought, and finally points out the changes in the concept, according to the theoretical transitions performed by Reich.

1. INTRODUÇÃO

1.1 O contexto da reflexão sobre o pensamento de Wilhelm Reich

Em 3 de novembro de 1957, Wilhelm Reich morreu na penitenciária federal de Lewisburg, Pensilvânia, Estados Unidos. Dois anos antes, após intensa campanha contra suas pesquisas e seus aparelhos de manipulação da energia orgone (como os acumuladores), fora conduzido a julgamento por violação de um mandato de segurança referente à ordem de destruir esses acumuladores e toda a literatura produzida sobre essa energia. Condenado à prisão por dois anos, teve seus textos retirados de circulação e queimados (Câmara, 1998b).

Nessa mesma época, seu pensamento começava a frutificar no Brasil através da figura de José Angelo Gaiarsa, primeiro reichiano do país, que, por necessidade – fundamentalmente clínica – e atração pessoal, encontrou em Reich a referência de que precisava (Gaiarsa, 1992). Mais tarde, ao longo da década de 1960 e, sobretudo da década de 1970, outros brasileiros reichianos surgiram. Inspirados pela contracultura, acompanhados de movimentos como o psicodrama e o movimento do potencial humano, empenhavam-se na possibilidade de transformação dos indivíduos, grupos e das relações pessoais. Aconteceram, então, os primeiros cursos e encontros dedicados a discussões sobre esse autor como, por exemplo, o curso de Reich-Gestalt no Instituto Sedes Sapientiae, o curso sobre Reich na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e os encontros anuais no

Rio de Janeiro, onde ocorriam palestras, apresentações de trabalho, mesas redondas e vivências (Favre, 1993).

Nesse período, a palavra de ordem era buscar contato com o corpo e partir para encontros e confrontos efetivos. Era tempo de evitar mediações e lutar contra as resistências que se erigissem no indivíduo. Tudo isso privilegiava – do ponto de vista da pesquisa e da transmissão do conhecimento – a propagação direta das idéias, a transmissão oral, os workshops, as vivências e maratonas de formação, em detrimento das produções mais mediatizadas, como as atividades acadêmicas¹. Esse estilo deixou sua marca.

Na década de 1980, a expansão das práticas terapêuticas corporais e reichianas intensificou-se. Houve um movimento de definição e distinção das diversas especialidades de terapia corporal. Os terapeutas se alinhavam e instituíaam-se núcleos de formação. As atividades, tanto clínicas como de formação, voltaram-se mais para os espaços privados e disso decorreu que, embora já existisse aceitação consolidada das práticas terapêuticas de base reichiana e efetivo interesse pelo pensamento do autor, não se houvesse produzido, até a década de 1990, praticamente nenhum trabalho acadêmico sobre Reich. Fica também a impressão de um certo desinteresse da academia pelo pensamento desse autor. Esse contexto permite compreender que o campo reichiano se desenvolveu paralelamente à academia, talvez até evitando o contato com o universo acadêmico e os centros universitários de formação, constituindo-se, assim, como uma prática “alternativa”. A esse respeito,

¹ Um desenvolvimento interessante sobre a questão da transmissão do conhecimento no campo reichiano pode ser encontrado no texto “O valor da linguagem escrita na ordem do saber reichiano” (Rodrigues,1998). Nele, o autor busca analisar as razões pelas quais se valoriza pouco a produção escrita no mundo das psicoterapias corporais de abordagem reichiana. Vai também refletir sobre os desafios e barreiras que dificultam a existência dessa produção.

Albertini, na introdução de seu livro *Reich: história das idéias e formulações para a educação*, escreve:

É fácil constatar a quase completa ausência de investigações sobre o pensamento reichiano nos estudos universitários (...). Por outro lado, na prática vigente em nosso meio, muitos profissionais da área de psicologia trabalham tendo por base este referencial – ou, pelo menos, de alguma forma, consideram-se ligados a ele. Tal interesse pela psicologia reichiana reflete-se no número de núcleos e associações dedicados ao estudo de sua obra (...). A própria existência de tais associações implica um interesse e uma considerável aceitação, tanto por parte dos estudantes e graduados em psicologia, quanto do público que busca atendimento psicoterápico. (1994, p. 13-14)².

Criou-se, desse modo, um descompasso entre o considerável interesse pelo pensamento desse autor e a inexpressiva quantidade de pesquisas acadêmicas sobre seus trabalhos. Isso certamente contribuiu para o isolamento do pensamento de Reich, bem como fomentou a relativização e a simplificação dos seus conceitos.

Mas, enfim, a década de 1990 viu surgirem no Brasil, dentro e fora do meio universitário, iniciativas em sentido contrário a esse descompasso. Desenvolveram-se estudos de qualidade e publicações

² Todas as citações apresentadas neste trabalho registram-se em português no texto. Nos casos em que o material consultado está escrito em língua estrangeira, constam nas referências bibliográficas as fontes originais. As traduções aqui assumidas são de minha inteira responsabilidade.

regulares, esforços que contribuíram para a transformação paulatina do panorama que vigorava até então.

No campo da produção especificamente acadêmica, publicaram-se, a partir de 1992, alguns trabalhos que abordam a perspectiva reichiana. Em 1992 foi defendida a tese de doutoramento “Uma contribuição para o conhecimento do pensamento de Reich: desenvolvimento histórico e formulações para a educação” (Albertini, 1992). No ano seguinte, outra tese de doutorado foi concluída: “Afetividade e cognição: o conceito de auto-regulação como mediador da atividade humana em Reich e Piaget” (Bellini, 1993) e, ainda, em 1994, a dissertação de mestrado “A psicanálise de Sigmund Freud e a vegetoterapia carátero-analítica de Wilhelm Reich: continuidade ou ruptura?” (Wagner, 1994). Mais recentemente, outras dissertações e teses foram apresentadas – destaquem-se as dissertações “A educação do corpo e as práticas corporais alternativas: Reich, Bertherat e Antiginástica” (Matthiesen, 1996) e “Em busca de Eros: a democracia natural do trabalho e a relação entre poder e afetividade no pensamento de Wilhelm Reich” (Barreto, 1997); e as teses “Princípios reichianos fundamentais para a educação: base para a formação do professor” (Mota, 1999), “Para além do claustro bipessoal: proposições teóricas para uma psicoterapia grupal de base reichiana” (Câmara, 1999) e “A transferência na vegetoterapia carátero-analítica” (Wagner, 2000).

Além desses trabalhos, surgiram outras iniciativas importantes: a *Revista Reichiana* (1991-), por exemplo, é publicada pelo Departamento Reichiano do Instituto Sedes Sapientiae desde 1991. Nesta revista os artigos de divulgação e de consideração sobre a aplicação clínica e social da abordagem reichiana prevalecem, mas há também artigos teóricos

sobre o pensamento de Reich (Rego, 1993; Gaiarsa, 1993; Rego, 1994). Outro bom exemplo de sistematização de contribuições teóricas reichianas é o artigo de Berlinck, “Reich psicanalista: algumas considerações” (1995), publicado no *Boletim de Novidades da Livraria Pulsional* em número dedicado a este autor. Com a comemoração do centenário de nascimento de Wilhelm Reich, em 1997, foi lançada uma edição especial da revista *Arquivos Brasileiros de Psicologia* (1997) contendo diversos artigos com reflexões relevantes sobre o pensamento reichiano. Também em comemoração ao centenário de nascimento de Reich, lançou-se o primeiro número da *Revista da Sociedade Wilhelm Reich do Rio Grande do Sul* (1997-). Ainda mais recentemente, três livros foram publicados: *Reich contemporâneo: perspectivas clínicas e sociais* (Gibier, 1998) e *Reich: o corpo e a clínica* (Maluf Júnior, 2000), ambos coletâneas de artigos sobre o campo reichiano. O terceiro, *Reich – o descaminho necessário: introdução à clínica e à política reichianas* (Câmara, 1998b), procura abordar de forma ampla algumas questões teóricas ligadas ao desenvolvimento do pensamento de Reich.³

É justamente nesse movimento de reflexão apurada sobre a teoria reichiana e de assunção, por parte da academia, do valor da obra desse autor que a presente pesquisa se inscreve.

³ Surgiram também, ultimamente, instrumentos de divulgação e reflexão sobre a abordagem reichiana nos meios eletrônicos. No Brasil, dois deles que destacaria: o cd-rom *O saber em movimento: tecendo a rede das psicoterapias corporais* (O saber em movimento, s.d.) e o portal *ORGONizando: Psicoterapia Corporal e Orgonomia desde Wilhelm Reich* (Orgonizando).

1.2 O problema de pesquisa

Como dissemos, alguma produção acadêmica se desenvolveu no Brasil, nestes últimos anos, em torno das idéias de Wilhelm Reich. No entanto, são ainda poucos os trabalhos, tanto em âmbito nacional como no exterior, dedicados a focalizar os conceitos que integram o referencial reichiano⁴. Dentre esses diversos conceitos do arsenal teórico reichiano, há um – o de caráter – que nos interessa, nesta pesquisa, em especial.

A noção de caráter é central na obra reichiana. Isso se dá por diversas razões. Em primeiro lugar, por ela estar presente nas três técnicas terapêuticas que Reich desenvolveu: Análise do caráter, Vegetoterapia carátero-analítica e Orgonoterapia. Além disso, por ser uma noção que, no pensamento reichiano, perpassa a dimensão educacional e a clínica, visto que essas dimensões contribuem para a formação e a transformação do caráter⁵. Este conceito articula, ainda, para Reich, as perspectivas psicológicas e sociopolíticas. As reflexões psicológicas ganham um matiz histórico, sociológico e político com base na marca que o caráter traz em si de sua época. Quanto às reflexões sociológicas elaboradas por Reich, ganham maior consistência psicológica ao se remeterem à construção do caráter como um fator social e político relevante⁶. Por fim, esse conceito de caráter traz ainda

⁴ Em pesquisa realizada junto à base de dados em cd-rom PsycLit (1998), consultando livros, capítulos e artigos de revistas, foram encontradas, no período de 1967 a 1998, 70 referências diretas a Wilhelm Reich, sendo 25 entre 1988 e 1998 - menos de três referências por ano. Deste total, não havia nenhum livro, capítulo ou artigo dedicado integralmente à consideração do cabedal conceitual reichiano.

⁵ Esta perspectiva, de aproximação entre o universo clínico e o educacional/preventivo, acentuou-se nas duas últimas décadas da trajetória de Reich. (Albertini,1994).

⁶ O livro *Psicologia de massa do fascismo* (Reich, 1933/1974) é um excelente exemplo de reflexão sobre um objeto típico da sociologia - o comportamento político das massas – profundamente amparado no saber psicológico psicanalítico.

uma dimensão ética, já que, como referência teórica e técnica, estrutura práticas e concepções sobre o ser humano.

Além dessas razões, o estudo exaustivo da noção de caráter e suas conseqüências técnicas para a clínica psicanalítica são reconhecidamente grandes contribuições de Reich a esta tradição, nas palavras de Berlinck, *Análise do caráter* é “... o livro psicanalítico mais importante que Wilhelm Reich escreveu...” (1995, p. 9) e “... se constitui hoje num clássico.” (p. 9). O psicanalista e posteriormente orgonomista, Ola Raknes, reforça essa visão ao afirmar que “Reich foi o primeiro psicanalista a formular uma teoria coerente do caráter.” (Raknes, 1988, p. 20).

Isso posto, convém verificarmos como esse conceito vem sendo abordado na bibliografia sobre o pensamento do autor.

Embora existam livros sobre sua vida e obra que trazem esclarecimentos conceituais, estes não ocupam um lugar central na maioria dos casos. Deteremo-nos, assim, em textos de comentadores reichianos reconhecidos, nos quais há, em alguma medida, esse esforço de esclarecimento conceitual especialmente voltado à noção de caráter.

Nos caminhos de Reich (Boadella, 1985), *A esquerda freudiana* (Robinson, 1971) e *Jung e Reich: o corpo como sombra* (Conger, 1993) são exemplos de obras em que constam capítulos ou trechos elucidativos sobre a noção de caráter reichiana. Ainda assim, essa elucidação não é o objeto específico de tais textos, o que lhes impede um efetivo aprofundamento desse tópico. Apenas como exemplo, Robinson aproxima as noções de caráter e de ego e procura relacionar também a técnica de análise do caráter com a corrente conhecida como Psicologia

do ego, mas não chega, em nenhum dos casos, a desenvolver conclusões a respeito (Robinson, 1971).

Um outro autor, Federico Navarro, em seu livro *Caracterologia pós-reichiana* (1995), lança as bases para o trabalho anunciado no título, do que decorre uma discussão sobre a noção de caráter, na qual contrasta este conceito com os de temperamento e personalidade. Comenta muito brevemente o surgimento do conceito em Reich, discute as características do caráter neurótico e do genital e propõe um modelo de desenvolvimento humano ligado aos anéis de couraça reichianos. Com essa orientação, desenvolve uma caracterologia vinculada a encouraçamentos em cada um dos anéis. Todavia, não há propriamente um aprofundamento teórico acerca do conceito de caráter; decerto por não ser este o seu objetivo.

Cem flores para Wilhelm Reich (Dadoun, 1991) é uma exceção no universo da literatura reichiana, uma vez que assume como seu objetivo primordial o esclarecimento histórico e conceitual de diversos termos da obra de Reich (inclusive o conceito de caráter, focalizado com algum detalhamento). Publicado originalmente em 1975 e organizado como um vocabulário/glossário, esse livro se compõe de pequenos artigos que discorrem sobre conceitos e temas relevantes do pensamento reichiano.

No âmbito das publicações brasileiras, encontramos em *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?* (Wagner, 1996) alguns trechos esclarecedores da noção de caráter. Na edição especial dedicada a Wilhelm Reich da revista *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, já mencionada, há também dois artigos que se debruçam sobre o conceito. O primeiro deles, de autoria da psicóloga e vegetoterapeuta Maria Elisa Araújo (1997), busca apresentar o que seria o caráter do ponto de vista

da orgonomia. Para tanto, opera uma proposta de atualização de alguns pontos de vista de Reich, na qual problematiza especialmente a dimensão estrutural e energética do caráter, tomando como referência a Biologia e a Teoria Geral dos Sistemas. Porém, a brevidade do artigo e a ausência de maiores referências limitam seu alcance. O outro trabalho, também breve, escrito pela psicóloga Frinéa Brandão e pelo psiquiatra João Paulo Lyra da Silva (1997) configura mais um jogo de associações e referências do que propriamente uma reflexão teórica organizada. De todo modo, pretende definir estrutura e caráter em suas relações com os fluxos energéticos da pessoa, apreendidos, por exemplo, na comunicação que esta é capaz de realizar, em sua habilidade de “contar histórias”. Os autores propõem, em síntese, a respeito de estrutura e caráter, que “... as histórias que inventamos são nossas estruturas, e como escolhemos contá-las é o nosso caráter...” (Brandão & Silva, 1997, p. 82).

Um artigo bastante mais completo e elucidativo é o texto “Wilhelm Reich e a caracterologia psicanalítica” (Weinmann & Vitola, 1999), no qual os autores apresentam o aparecimento do conceito de caráter em Freud, em Abraham e, por fim, discutem a teoria do caráter de Reich. O texto, de expressiva precisão teórica, convida ao seu desenvolvimento.

Alguns trabalhos com teor mais conceitual dedicam-se a outras formulações reichianas, como as noções de corpo (Câmara, 1997) e de bioenergia (Rego, s.d.). Mesmo assim, a grande maioria dos estudos sobre Reich publicados e disponíveis no Brasil são ensaios que já partem dos pressupostos reichianos (Wagner, 1998; Rudge, 1997; Cerri, 1993), artigos de divulgação de trabalhos realizados (Favre, 1997; Gallo, 1996; Sofiati, 1994) e reflexões sobre questões da clínica pós-reichiana

(Samson, 1996). Também se tem empreendido, recentemente, esforços de revisão e crítica epistemológica da teoria reichiana (Câmara, 1998a; Marinho, 1998; Cipullo, 1997).

Ainda sobre a noção de caráter em Reich, foi realizada por mim, em conjunto com o psicólogo Francisco Iglioni-Gonsales, uma primeira problematização no artigo “Matéria e Caráter: substratos para o impulso vital em Bergson e Reich” (Oliveira e Silva & Iglioni-Gonsales, 2000).

Nesse trabalho, inspirados por uma referência de Dadoun sobre a noção de couraça como organizadora da relação conflituosa entre as forças pulsionais e o mundo externo⁷ e pela discussão acerca do monismo ou dualismo de Bergson, propusemos um paralelo da relação entre pulsão e caráter na visão reichiana, com a relação entre élan vital e matéria, segundo as formulações de Henri Bergson. Para tanto, realizamos uma análise do modo como essas relações operavam em cada um desses autores e, ao final, reconheceu-se que a aproximação proposta apontava para “... dois processos similares de relacionamento entre um impulso de cunho ontológico e um substrato necessário à sua realização” (Oliveira e Silva & Iglioni-Gonsales, 2000, p. 29).

Para alcançarmos essa conclusão, foi necessário, no decurso da pesquisa, iluminar alguns aspectos da relação entre pulsão e caráter em Reich. Verificamos, então, como o conceito de caráter, tão significativo para a compreensão da obra reichiana, necessitava ser investigado de modo mais incisivo.

⁷ “Reich tinha a tendência de privilegiar exageradamente a função defensiva da couraça; ora, pelo próprio fato de que se levanta contra dois sistemas de realidade antagônicos, não está somente *contra*, mas também *entre* [grifos do autor], quer dizer que ela chega necessariamente a assumir uma função de ordenação, de organização e de controle das relações que ligam os dois sistemas em questão [o mundo externo e as forças pulsionais].” (Dadoun, 1991, p. 133).

Assim, tendo em vista a importância desse conceito, bem como as dificuldades que emergiram em nossa tentativa de defini-lo, somadas à escassez de material reflexivo sobre o mesmo, é que se tornou evidente a necessidade de um outro estudo mais minucioso sobre o conceito – um trabalho que pudesse contribuir para a explicitação e a discussão de seus sentidos.

A proposta da presente pesquisa é justamente desenvolver uma análise do conceito de caráter no pensamento de Reich, de modo que seja possível identificar os sentidos com que o autor emprega esse termo, bem como enraizá-lo na tradição em que foi desenvolvido. Acredito também que o conjunto da produção desse autor pode ser iluminado a partir das considerações sobre o caráter que proporei adiante.

1.3 Considerações sobre o método

Este estudo baseia-se em uma leitura de uma parcela da obra de Wilhelm Reich, dirigida ao tema já proposto. Pretendo compreender as afirmações de Reich sobre o caráter com base no conjunto formado pelas obras aqui focalizadas, bem como pela evolução do pensamento desse autor, descrita e presente nessas obras.

A leitura feita para a realização da presente pesquisa pode ser considerada uma leitura sistemática e historicizante (Figueiredo, 1999). Este procedimento, segundo Figueiredo, é caracterizado por ser uma leitura que busca “... expor de forma mais clara, concisa e justificada o que seriam as ‘teses’ do texto...” (p. 18), buscando-as não apenas nele,

mas também “... no contexto da área, da obra e/ou do desenvolvimento do pensamento de um autor.” (p. 15). Neste caso, as teses visadas são as que participam da constituição da noção de caráter. Esse procedimento permite que os sentidos em torno do conceito e de sua constituição se revelem. Assim sendo, a idéia norteadora deste trabalho não é reduzir o conceito de caráter ao seu “mínimo denominador comum” ao longo da história do pensamento reichiano, mas valer-se dessa história para fazer melhor aparecer o conceito em suas diversas facetas.

Para a leitura realizada nesta investigação, supõe-se que só existam sentidos contextualizados. Disso decorre a opção pelo esforço de contextualizar o material, recuperando-lhe as conexões, tanto internas (com outras noções reichianas e com os próprios movimentos de seu texto), quanto externas (com sua história, com a tradição em que se inclui e com a obra que constitui) (Figueiredo, 1999).

Não se pretende, portanto, estabelecer, através desta leitura, um entendimento único dos textos ou do conceito que me proponho a estudar. Por isso falei em “sentidos” da noção de caráter e não apenas em “sentido”. Acrescente-se a isso, que a própria noção de caráter para Reich, complexa e múltipla como se apresenta, não se submeteria a uma consolidação rígida em torno de uma unidade ideal de sentido (Figueiredo, 1999).

Não tratarei aqui, também, de justificar as teses que Reich apresenta para além do que ele próprio fez. Tampouco será feito um estudo comparativo exaustivo em relação a outros autores, a não ser para fins de melhor situar o contexto no qual as idéias foram geradas.

Por fim, deve-se atentar para um risco presente nesta leitura – o de se a tornar dogmatizante, no pior sentido, em que se “... reduzem, fixam

e esterilizam as possibilidades de sentido e (...) perdem alguma coisa essencial para que se entendam os *movimentos* das ‘teses’ para aquém e para além de suas exposições.” (Figueiredo, 1999, p. 18). Os benefícios desta leitura para a aproximação teórica pretendida nesta pesquisa, porém, parecem compensar o risco.

Em termos de procedimentos, efetuirei os seguintes passos:

Numa primeira etapa, para situarmos a tradição do uso do conceito de caráter, será necessária a realização de um breve apanhado sobre o seu uso por outros autores. Esta recuperação terá a forma de uma apresentação sumária da história da caracterologia. Também serão observados, sucintamente, os usos do conceito de caráter assumidos por alguns autores ligados à psicanálise, anteriores e contemporâneos a Reich. No entanto, como a proposta não é esclarecer esse conceito em geral, mas segundo Reich, essa apresentação servirá principalmente como uma referência para as questões que irei tratar posteriormente. Além disso, essa visualização salienta de modo proveitoso os contrastes e também as semelhanças entre as concepções de caráter para Reich e para os outros autores referidos.

Logo em seguida, volta-se a atenção para o esclarecimento e a definição do conceito para o próprio Reich. Este é o eixo central da pesquisa: localizar, em duas obras suas nas quais o conceito de caráter é apresentado – especificamente *O caráter impulsivo: um estudo psicanalítico da patologia do ego* (Reich, 1925/1975)⁸ e *Análise do caráter* (Reich, 1948/1995) – o papel que assume e as definições que podemos extrair daí. A escolha desses livros como material de base para a presente pesquisa se justifica, quanto ao primeiro deles, por tratar-se de

uma das primeiras obras de Reich em que a noção de caráter aparece claramente e é problematizada. Escrito em 1925, num momento em que o pensamento reichiano estava totalmente vinculado ao movimento psicanalítico de então, é basicamente um texto de reflexão clínica, que ilustra como o conceito de caráter foi a princípio utilizado por Reich. Creio se tratar de uma porta de entrada consistente para nossa pesquisa. Em relação ao segundo livro, sua escolha se dá, antes de mais, por ser esse um dos trabalhos psicanalíticos mais completos sobre o tema caráter. Ele problematiza a formação do caráter, sua importância para a técnica psicanalítica e apresenta diversas situações clínicas para ilustrar e fundamentar a discussão e as proposições técnicas que o autor formula. É também uma obra abrangente, em termos da evolução do pensamento de Reich, já que a edição que utilizamos traz, além dos capítulos publicados na primeira versão, de 1933, outros escritos de 1934 a 1948 e incorporados em edições posteriores. Como já na primeira edição havia capítulos escritos e publicados anteriormente sob a forma de artigos, encontramos nesse livro textos escritos entre 1926 e 1948, 22 anos que abarcam os diversos momentos do pensamento desse autor. Assim, acredito que tal referência nos ofereça condições de aprofundar a reflexão sobre caráter e também de balizar uma visão comparativa dos diversos momentos do pensamento reichiano.

Nesse percurso de aproximação dos significados da noção de caráter para Reich, duas perguntas mostram-se fundamentais: o que é caráter para Reich? E como este conceito surgiu e se desenvolveu em seu pensamento? São estas as questões norteadoras desta pesquisa.

⁸ Nesta e nas demais citações deste trabalho, a primeira data refere-se à publicação original, enquanto a segunda, à edição utilizada.

Em termos da organização deste texto, o caminho proposto se coloca da seguinte forma: o capítulo que se segue a esta introdução volta-se a uma apresentação breve da história da caracterologia, incluindo algumas definições de caráter bem como certas apropriações do termo para a formulação de classificações tipológicas. O terceiro capítulo resgata o uso desse conceito por autores ligados à psicanálise – particularmente, Freud, Adler, Abraham e Ferenczi. O capítulo quatro destrincha o surgimento da noção de caráter na obra de Reich buscando delimitar seu emprego no livro *O caráter impulsivo* (1925/1975). O quinto capítulo busca encontrar em seu *Análise do caráter* (1948/1995) mais elementos que propiciem um aperfeiçoamento da compreensão sobre esse termo, bem como verificar suas transformações a partir das transições teóricas reichianas representadas no livro. O último capítulo conclui o trabalho retomando suas principais contribuições e lançando questões derivadas da pesquisa.

2. UMA APRESENTAÇÃO PRELIMINAR DO CAMPO DA CARACTEROLOGIA

Compreendemos o que se quer dizer ao se afirmar que “alguém tem caráter”, ou “não o tem”, ou ainda que possui um “caráter fraco” e outras expressões dessa ordem. É bem verdade que o sentido dessas expressões não é lá muito definido, mas tais julgamentos se referem a caráter, sempre, de uma forma ou de outra, como um conjunto de características pessoais indicativas de forte consistência moral, determinação e constância, valorizadas bastante positivamente.

O *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa* (Ferreira, 1994-1995) apresenta o termo caráter como sendo, de forma genérica, um sinal convencional, uma marca. No caso humano, seria o “... conjunto dos traços particulares, o modo de ser de um indivíduo, ou de um grupo (...), o conjunto de qualidades (boas ou más) de um indivíduo.” (p. 128), ou ainda a “... firmeza e coerência de atitudes, o domínio de si.” (p. 128). Temos aí uma definição já razoavelmente precisa de um sentido usual.

Nos meios psicológicos, psicanalíticos e afins, vemos, ainda hoje, essa noção ser evocada. Tão somente para arrolar alguns exemplos, gostaria de lembrar duas obras recentes que trazem em seu título essa palavra. A primeira é o livro do psicanalista Christopher Bollas, *Sendo um personagem* (1998), originalmente intitulado *Being a Character*, que, embora tenha enfatizado, na tradução do título, o sentido de personagem que a palavra comporta em língua inglesa, carrega em sua sombra este outro termo, caráter, que o próprio revisor oferece ao leitor,

na apresentação feita à edição brasileira, como uma possibilidade a mais de tradução. A outra obra é o livro do sociólogo Richard Sennett, *A corrosão do caráter* (1999), em que discute, do ponto de vista do impacto no caráter, as conseqüências do capitalismo contemporâneo. Além dessas referências, vale citar dois capítulos de livros que tratam da noção de caráter e de sua análise. São “É o caráter ainda um conceito significativo?”, do psicanalista Jerome Braun (1995) e “O valor clínico do devaneio e uma nota no seu papel em Análise de caráter” do também psicanalista Harold Blum (1995).

Aqui, pretendo apresentar um breve levantamento dos dados colhidos sobre o emprego do conceito de caráter em alguns autores do pensamento ocidental. Com isso, espero compor apenas uma breve visão panorâmica de um campo em relação ao qual a presente pesquisa pode se colocar. Por ser esse um domínio muito amplo, fez-se necessário realizar um recorte, operando uma montagem baseada em algumas das diversas propostas de caracterologia e de conceituação de caráter que encontrei. Procurei destacar autores que pudessem representar diferentes tendências e visões sobre essa matéria e agrupá-los de modo a facilitar a organização deste texto. Evidentemente, não será possível desenvolver uma abordagem mais detalhada dos autores apresentados. Assim, embora haja o risco de superficialidade, creio que este capítulo contribua para a pesquisa, fornecendo referências às quais será possível recorrer ao longo dos desdobramentos deste trabalho.

Fundamentalmente, partindo da divisão proposta pelo professor e caracterologista francês, Roger Gaillat (1976), elaborei uma nova classificação a partir dos critérios adotados pelos autores para definir

caráter e compor suas tipologias. Tal classificação tem sentido didático; portanto não deve ser pensada como propositiva, mas instrumental.

2.1 Algumas definições de caráter

Com o objetivo de circunscrever as definições de caráter, começamos com a história dessa palavra. Segundo Allers (1946), o termo vem do grego, tendo sua origem ligada a um substantivo que significava “a estaca”, e a um verbo que designava o ato de “cortar” ou “chanfrar”. Na origem, então, caráter:

... parece ter designado (...) a chanfradura de uma estaca divisória. Aquele sinal geral, conhecido no interior de uma comunidade (...) com que [esta] se separou das terras adjacentes (...). A palavra designa, portanto, um sinal universalmente conhecido. (Allers, 1946, p. 19).

Posteriormente, a palavra passou a designar “... a máscara do ator que, como se sabe era, no teatro grego, imóvel e destinada a determinado papel.” (1946, p. 19)⁹. Dessas definições antigas, desenvolveu-se o sentido mais atual, em que o termo se refere ao:

... sinal, ou conjunto de sinais, que distingue um objeto e permite reconhecê-lo facilmente entre os outros. Em

⁹ A palavra “pessoa” também tem sua origem ligada inicialmente à máscara do ator, “... através da qual soava a voz (personare) e, mais tarde, àquele que se fazia ouvir através da máscara.” (Allers, 1946, p. 20).

particular o modo de ser ou de comportar-se habitual e constante de uma pessoa, na medida que individualiza e distingue a mesma pessoa. (Abbagnano, 1982a, p. 109).

Essa definição enfatiza o caráter como aquilo que sinaliza na pessoa sua singularidade, cuja referência temporal é a constância, e o modo de apresentação é a forma de ser.

De maneira geral, pode-se afirmar que há semelhanças e diferenças entre os diversos autores que procuraram conceituar caráter. Por exemplo, para M. Fouillée, caracterologista francês da virada do século XIX ao XX, citado por Gaillat, “... o caráter, marca distintiva do indivíduo, é a maneira relativamente una e constante de sentir, pensar, querer...” (1976, p. 15), definição semelhante à proposta por Abbagnano, como se vê. Também H. Wallon, médico e psicólogo francês, define caráter como “... o que distingue os indivíduos entre si (...). Ele constitui, para cada indivíduo, a sua maneira habitual ou constante de reagir.” (1949/1995, p. 19). Acentuando ainda o sentido de reação típica, o suíço W. Boven, professor de psiquiatria e caracterologia, citado por Gaillat, diz que o caráter é a “... maneira que um homem possui de assumir a vida e de suportar-lhe os percalços.” (1976, p. 15)

Nessas definições, temos autores que, reconhecendo o sentido distintivo e individual de caráter, também conferem ao mesmo um valor subjetivo. Alguns estudiosos, por outro lado, privilegiam uma dimensão constitutiva na sua definição de caráter em detrimento desse viés mais subjetivo ou reativo. Para o caracterologista A. Le Gall, o caráter se encontra inscrito na natureza humana na forma de gostos e aptidões individuais (Le Gall, 1959). Neste mesmo sentido, G. Berger, segundo

Gaillat, afirma que “... o caráter é a estrutura fundamental em que vem depositar-se influências e registrar-se acontecimentos. Ele é a nossa própria natureza, que determina os principais modos de nossas disposições.” (1976, p. 16).

Numa posição intermediária, por assim dizer, Paulhan define caráter como aquilo que caracteriza uma pessoa, “... o que faz que ela seja ela mesma e não outra. É a natureza própria de seu espírito, a forma particular de sua atividade mental.” (Paulhan, 1893/1909, p. 1).

Assim, pensar o caráter com tais autores é pensar em sinais distintivos e singularização, modos de ser e se comportar, modos de reagir, modos de suportar a vida, constância e unidade, inscrições em nossa natureza, estrutura de nossas disposições, nossa própria natureza, enfim. Mais adiante, ao focalizarmos o caráter em Reich, estaremos no universo dessas referências; porém, antes de seguirmos adiante com Reich, detenhamo-nos um pouco mais na história de algumas aparições do conceito.

2.2 Os primórdios da caracterologia

Uma primeira referência indicadora de que os filósofos antigos já utilizavam a noção de caráter é de Heráclito, que viveu entre os séculos VI e V a.C. Segundo Abbagnano, “Heráclito diz que o caráter de um homem é o seu destino.” (1982a, p. 109).

Costuma-se considerar Hipócrates, “pai da medicina”, o criador, na Antigüidade, de uma caracterologia. Ele propôs, no século V a.C., uma doutrina do temperamento, com descrição e agrupamento dos tipos

físicos e seus temperamentos, conforme a predominância de um dos quatro humores do corpo sobre os outros: fleuma (linfa, muco nasal e intestinal, saliva), sangue, bílis e atrabílis. Posteriormente, Aristóteles daria continuidade a essa compreensão humoral do temperamento, associando o mesmo à qualidade do sangue, que o filósofo apresenta como a base das diferenças de temperamento, em vez dos quatro humores propostos por Hipócrates (Roback, 1927/1973). De todo modo, esses filósofos não falam especificamente de caráter; incluem-se na tradição da caracterologia pela semelhança entre as noções de caráter e temperamento, bem como pela afinidade que a caracterologia teve com a elaboração de tipologias. Afinal, o que Hipócrates criou foi uma doutrina médica e uma tipologia a ela correspondente. É também verdade que, com a passagem da noção de temperamento do domínio da medicina para o da psicologia, esta palavra passou a ser substituída parcialmente por caráter (Abbagnano, 1982b).

Um discípulo de Aristóteles, Teofrasto, citado por Abbagnano, seguindo essa mesma tradição descritiva e classificatória, apresentou, por volta de 300 a.C., “... trinta tipos de caráter morais (o importuno, o vaidoso, o descontente, o fanfarrão etc.), descritos precisamente sobre o fundamento de suas manifestações habituais” (1982a, p. 110) em seu escrito intitulado *Os caracteres*.

Durante a Idade Média, a palavra deixou de ser usada nessa acepção e passou a designar, para São Tomás, “... a indestrutibilidade da ordenação sacerdotal.” (Abbagnano, 1982a, p. 110). No século XVII essa noção retomou seu sentido anterior com o escritor moralista francês J. La Bruyère, que concluiu, em 1687, um livro onde apresenta apuradas descrições de caráter.

A partir de então, alguns filósofos, entre os quais Leibniz, Kant e Schopenhauer, interessaram-se pelo conceito de caráter. A essa altura, já se pode verificar o conceito sendo apropriado ao campo de estudo da filosofia moderna, que o levaria, mais tarde, à psicologia.

Kant, por exemplo, segundo Abbagnano (1982a), utiliza o conceito de caráter em sua *Antropologia*, em que distingue um:

... caráter *físico*, que é o sinal distintivo do homem como ser natural, e um caráter *moral*, que é o sinal do homem como ser racional, provido de liberdade. O caráter físico diz ‘o que se pode fazer do homem, o caráter moral diz o que o homem é capaz de fazer de si mesmo’. (Kant¹⁰ *apud* Abbagnano, 1982a, p. 110).

Há, como se vê, uma divisão em Kant: de um lado, um caráter que é natural e imutável; de outro, um caráter livre e modificável. Abbagnano estima que, se a antropologia contemporânea abandonou essa divisão, parece ser possível reconhecer, entre suas diversas concepções de caráter, aquelas que tendem mais para um lado ou para o outro. De certo modo, é isso que se pode observar nas definições expostas até aqui.

¹⁰ *Anthropologie in pragmatischer Absicht*, 1798.

2.3 Caracterologia e a proposição de tipos

No final do século XIX, a noção de caráter passou também a interessar à nova ciência psicológica. Este conceito mostrou-se útil para a organização e classificação de tipos humanos através da identificação dos caracteres. Esse uso teve expressão tamanha, a ponto de serem tratadas, caracterologia e tipologia, como equivalentes, assim como seus respectivos conceitos de base, caráter e tipo. Essa tendência da caracterologia é criticada por seu reducionismo e também pela tendência de colocar o caráter como algo estático. (Filloux, 1966).

Embora para o interesse da presente pesquisa não seja relevante esmiuçar as diversas tipologias criadas – estamos interessados na própria noção de caráter que subjaz e precede qualquer esforço de classificação – , acredito ser ilustrativo citar alguns dos caminhos pelos quais esse tipo de caracterologia enveredou. Isso porque, em primeiro lugar, encontramos ainda hoje propostas de tipologias que não se distanciam totalmente destas aqui referidas como, por exemplo, as que Rego problematiza em seu artigo “Psicoterapia e corpo I – Biopsicotipologias” (1994). Além disso, há também uma discussão sobre o próprio Reich ter chegado a compor uma tipologia.

Nessa tradição da caracterologia, há visões que variam conforme os critérios utilizados para classificar os tipos, bem como o que está subentendido por caráter. Algumas delas podem, no entanto, ser aproximadas. A seguir, apresento três grupos de caracterologias que se assemelham pela natureza de seus critérios de classificação. No primeiro grupo, colocam-se as classificações que se definem por características do

funcionamento psíquico; no segundo, são as características biológicas que definem a classificação; no terceiro, ambos os critérios são usados.

2.3.1 Caracterologias de critérios psíquicos

Nos primórdios da chamada caracterologia científica, alguns autores se concentraram em distintos modos de funcionamento do psiquismo ou de características do mesmo, para, em torno deles, delimitar tipos.

Alguns desses autores:

O caracterologista francês F. Paulhan, em sua obra *Os caracteres*, de 1893, apresenta duas grandes classes de qualidades que permitem o julgamento dos diversos tipos psicológicos. A primeira delas se compõe das tendências que constituem o indivíduo e que dirigem a atividade mental. Essas tendências são divididas em: vitais, sociais, e supra-sociais. A voracidade, a intelectualidade, o altruísmo e o misticismo configuram, respectivamente, exemplos de tais tendências. A segunda classe constitui-se das formas de atividade mental ou associação psíquica, que remetem à maneira pela qual as tendências acima citadas se relacionam entre si. A coerência, a lógica e a vivacidade são exemplos dessas qualidades. (Paulhan, 1893/1909).

O também francês P. Malapert, contemporâneo de Paulhan, organiza, segundo Roback (1927/1973), quatro propriedades principais. Publicou sua visão nas obras *O caráter* e *Os elementos do caráter e suas leis de constituição*. As propriedades que dividem suas quatro classes de caráter são: a afetividade, a inteligência, a atividade e a vontade. Há

ainda duas classes suplementares, a apática – cuja sensibilidade é muito baixa – e a de modulação equilibrada entre os elementos.

Em 1912, o psicólogo experimentalista francês T. Ribot publicou *Psicologia dos sentimentos* onde, segundo Roback (1973) e Gaillat (1976), separa também dois elementos diferenciais dos tipos psicológicos: a sensibilidade e a atividade. Mais tarde, acrescentou aos mesmos a apatia, uma classe que comporta, em pequeno grau, estes outros dois elementos.

O psiquiatra suíço C. G. Jung, em 1920, publicou seu livro *Tipos Psicológicos* (1920/1976). Nessa obra, organiza dois tipos gerais de disposição, os quais delineiam efetivamente modos de relação entre sujeito e objeto: a introversão e a extroversão. A primeira indica que o interesse e a motivação partem predominantemente do sujeito, ficando o objeto relegado a um valor secundário. O tipo introvertido “... observa, sem dúvida, as condições exteriores, mas elege como decisivas as determinações de caráter subjetivo.” (1920/1976, p. 434). A extroversão, por sua vez, caracteriza-se pelo oposto, por um movimento no qual o interesse caminha no sentido do objeto. O tipo extrovertido tem suas ações e decisões predominantemente condicionadas por circunstâncias objetivas. “Toda sua consciência está olhando para fora, pois a determinação importante e decisiva vem sempre de fora.” (Jung, 1920/1976, p. 390).

Além desses modos de reação, Jung discrimina quatro funções psicológicas fundamentais: o pensamento, o sentimento, a intuição e a percepção. O predomínio de uma das funções num indivíduo para fins de orientação e adaptação permite que sejam distinguidos quatro tipos funcionais correspondentes às quatro funções psicológicas fundamentais:

são os tipos pensativo, sentimental, intuitivo e perceptivo. Da combinação destes quatro tipos funcionais com os dois tipos gerais de disposição surgem oito tipos psicológicos.

Ainda na orientação de tipologias com critérios psíquicos, os irmãos E. R. e W. Jaensch propõem, segundo Gaillat (1976), especialmente em sua obra *Sobre a estrutura da consciência*, de 1930, que a adaptação do indivíduo resulte de três processos, dos quais se pode partir para a organização de uma tipologia. Os processos seriam de integração ou desintegração das funções psíquicas, de orientação para o exterior ou para o interior e, por fim, de adaptação ao meio por assimilação ou acomodação, donde o primeiro privilegia o ajuste do ambiente ao ser, e o último, o inverso.

Uma outra caracterologia de interesse que foi proposta nessa linha é a de R. Le Senne. Para o autor, o caráter é “... o conjunto das disposições congênitas que forma o esqueleto mental do homem.” (Gaillat, 1976, p. 16) ou, de maneira mais sofisticada, um “... sistema invariável das necessidades, que se encontra, por assim dizer, nos confins do orgânico e do mental.” (1976, p. 16). Para ele:

... o caráter não constitui a totalidade do homem: é só um dos elementos de sua personalidade, a qual compreende, além do caráter também elementos livremente adquiridos, que podem contribuir para especificar o próprio caráter em um sentido ou em outro. O caráter é portanto um limite objetivo, intrínseco à própria personalidade... (Abbagnano, 1982a, p. 110).

Como método de classificação, Le Senne, segundo Gaillat (1976), faz o pareamento de três fatores com seus pólos positivo e negativo e compõe, a partir da combinação entre eles, oito tipos caracterológicos. Os fatores são: emotividade/não emotividade; atividade/não atividade; e ressonância das impressões (reação lenta/ rápida). Além destes, outros fatores complementares foram incorporados, posteriormente, como: a sociabilidade, a ternura, a avidez, a inteligência e outros.

2.3.2 Caracterologias de critérios biológicos

Um outro caminho de organização e distinção entre os diversos tipos caracterológicos parte de estruturas corporais: morfológicas, fisiológicas ou funcionais, das quais se inferem os tipos de caráter.

Apenas para ilustrar, uma dessas chamadas biotipologias foi proposta, com base nas respostas neurofisiológicas, pelo professor de psicologia russo e prêmio Nobel de medicina de 1904, I. P. Pavlov. Este autor formulou uma tipologia baseada na oposição entre os processos de excitação e inibição interna que acreditava estarem ligados a três tipos de sistema nervoso. Daí surgiram os três tipos que propôs: excitável ou neurastênico, inibido ou histérico e central – este último teria equilibrados os processos de inibição e excitação, ainda que variando quanto à facilidade de passar de um processo a outro. Essa classificação originou-se de seus experimentos sobre reflexos condicionados com cães, mas Pavlov julgava possível remeter esses resultados ao homem. (Pavlov, [1927]/1955)¹¹.

¹¹ Nesta e nas demais citações deste trabalho em que a primeira data se encontra entre colchetes, isto se dá por ela registrar quando foram finalizados os originais e não a data de sua primeira publicação.

2.3.3 Caracterologias de critérios múltiplos

Além dessas vertentes que concentraram atenção na classificação por critérios predominantemente psíquicos ou biológicos, houve autores que propuseram classificações apoiadas na combinação desses dois critérios.

Um deles é o psiquiatra alemão E. Kretschmer. Em seu livro *Constituição e caráter: uma investigação sobre a natureza da constituição e sobre a teoria do temperamento* (1921/1925), ele utiliza critérios físicos e psiquiátricos de classificação tipológica e procura correlacioná-los. Combina os dois grandes tipos psicopatológicos descritos por Kraepelin, o tipo maníaco-depressivo e o tipo esquizofrênico, com diversos tipos morfológicos como o astênico e o atlético, entre outros.

Outro autor que incluiu vários critérios em sua classificação é o italiano N. Pende. Ele montou sua biotipologia, calcado na análise de quatro vértices constitutivos do caráter: o morfológico, o fisiológico-humoral, o moral ou ético-afetivo-volitivo e o intelectual. Da síntese desses vértices é que se ergue o biótipo individual. Sua classificação morfológica abrange quatro qualidades como, por exemplo, massa corporal e raça. Sua classificação fisiológica envolve sete aspectos de classificação como orientação neurovegetativa e qualidade endócrina dominante, entre outras. A medida do caráter moral divide-se em seis qualidades; por exemplo, grau de sensibilidade psíquica e de tônus psíquico. E, por fim, a medida da inteligência toma por parâmetro o tipo de pensamento predominante. No cruzamento dessas categorias é que se formam os tipos, segundo esse autor. (Pende, 1947).

L. Corman, outro estudioso dessa tradição, constitui tipos morfopsicológicos a partir da variação individual forjada pela oposição entre uma força de expansão e outra de retração. Para ele, a forma do organismo é constituída no encontro de duas forças antagônicas: a força vital e a resistência de um meio exterior. É da dinâmica de equilíbrio estabelecida entre elas que se pode reconhecer a prevalência da vitalidade do sujeito sobre o meio ou os impedimentos impostos por este último ao primeiro. Logo, para uma correta apreensão dos tipos, seria preciso considerar o meio com o qual cada tipo está combinado. Partindo dessas premissas, o autor se debruça sobre certos fatores individuais para construir uma classificação tipológica. Os fatores analisados são a morfologia, a fisiologia, a patologia, as atitudes mentais e as regras de higiene. (Corman, 1953).

Por fim, o professor norte-americano W. H. Sheldon, escritor de *A variedade da constituição humana* (1940), organizou, utilizando técnicas antropométricas baseadas em análise fotográfica, três tipos morfológicos: endomórfico, ectomórfico e mesomórfico, considerada a prevalência de vísceras digestivas, músculos, ossos e fáscia ou de tecido nervoso na constituição física desses tipos. Os nomes de cada um deles se referem às bainhas embrionárias de que se originam os diferentes tecidos e sistemas. Em seguida, discriminou em fatores algumas características de personalidade fundamentado em testes e entrevistas. Agrupou-as em três tipos: viscerotonia, somatotonia e cerebrotonia. No primeiro tipo, exemplificando de modo rudimentar, podemos dizer que prevalece o desejo por conforto, uma intensa sociabilidade, tolerância em relação aos outros e extroversão dos afetos. O segundo tipo designa pessoas enérgicas e ativas, que se comportam mais agressivamente e são mais extrovertidas na ação que nos afetos. O último tipo configura o

introvertido, controlado, que prefere o isolamento às situações sociais. Tendo organizado os tipos de temperamento e os tipos somáticos, procurou propor as correlações e conseqüentes correspondências entre os mesmos. (Sheldon, 1940).

2.4 Síntese

Acredito que, apesar da irrevogável necessidade de um recorte, logrou-se apresentar, até aqui, o campo da caracterologia e as linhas gerais de sua história.

Neste capítulo, abordamos o sentido coloquial do termo caráter – que o liga à consistência moral, à constância e, mais especificamente, aos traços que distinguem e singularizam um indivíduo. Remetemo-nos a recentes menções dessa noção na literatura psicológica e psicanalítica e traçamos uma trilha histórica, desde seu surgimento na Grécia – onde definia uma marca distintiva reconhecida coletivamente –, passando pela apropriação que alguns filósofos fizeram do termo, para chegar à sua incorporação pela ciência psicológica. Verificamos, então, como o conceito de caráter passou a referir a traços que, além de particularizar o indivíduo – o modo de se comportar e reagir à vida, por exemplo –, falam de sua natureza e propiciam sua classificação.

A partir daí, entramos no campo da caracterologia como exercício de classificação. Neste ponto a noção de caráter vê-se diminuída em sua dimensão singularizante e assume um maior sentido tipificador. Procuramos, então, com base nisso, apresentar esse campo por meio da referência a diversos autores, distribuídos conforme os critérios que cada um utilizava para discriminar os tipos de caráter. De cada um desses

estudiosos, buscamos ressaltar-lhes justamente os critérios e os decorrentes tipos de caráter propostos.

É claro que a visão de tais autores não se reduz às passagens citadas, tampouco às referências brevemente elaboradas. Todavia, se nos auxiliar na contextualização e na compreensão dos aspectos originais do conceito de caráter desenvolvido por Reich, esta apresentação decerto tem justificada sua razão de ser.

3. A NOÇÃO DE CARÁTER NA TRADIÇÃO PSICANALÍTICA

No capítulo precedente, empreendeu-se um passeio, digamos assim, por aparições da noção de caráter na obra de alguns autores do pensamento ocidental e, em particular, da psicologia e da psiquiatria modernas. Esse caminho, como dissemos, visava à composição de um entorno que nos permitisse adentrar o universo de desenvolvimento do conceito de caráter em Reich. Para tanto, gostaria, ainda, de me deter um pouco nos elementos contextuais mais próximos de sua produção.

Reich, como se sabe, começou sua carreira de médico, terapeuta e pesquisador como psicanalista. Em 1919, ainda estudante de medicina em Viena, começou a participar do Seminário de Sexologia, criado pelo também estudante, seu colega e futuro psicanalista, Otto Fenichel. A partir de seu envolvimento nesse seminário, Reich, eleito para presidi-lo, encarregou-se de conseguir material para o mesmo; conheceu assim a psicanálise e acabou por entrar em contato com Freud. Antes do fim desse ano, Reich já estava trabalhando como analista. Em 1920, aos 23 anos, foi admitido como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, após apresentar um trabalho realizado sobre o poema dramático “Peer Gynt”, do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen (Reich, 1920/1975). No meio do ano de 1922, formou-se em medicina. Já trabalhava como psicanalista havia três anos e permaneceria filiado à Associação Psicanalítica Internacional até sua expulsão, em 1934.

Essa trajetória é que faz parecer necessária a abordagem do uso da noção de caráter na tradição psicanalítica. Evidentemente, como Reich terá sua noção já desenvolvida até o princípio da década de 1930, não

pretendo me estender sobre as contribuições que tenham surgido após essa data, procuro me concentrar no que antecedeu a segunda metade da década de 1920. Vale ainda registrar que, se, por um lado, busco apresentar o uso que alguns autores fizeram da referida noção; por outro, pretendo evitar que a realização dessa tarefa tenha efeito semelhante à de puxar um fio de malha que nunca chega ao fim. Tanto pela estreita ligação que esse conceito tem com outros do cabedal teórico desses autores, quanto pela atração que a reflexão sobre eles exerce, é preciso que nos contemos um pouco para desenvolvermos unicamente o indispensável à compreensão do conceito de caráter segundo esses psicanalistas. Posto isso, está claro que tal apresentação deixará lacunas sobre os pontos não diretamente vinculados ao interesse desta pesquisa.

Assim, para começar, registramos que, até mesmo antes da década de 1920, referências ao caráter vinham sendo realizadas pelos mais importantes psicanalistas. De forma geral, empregavam esse conceito amparados no sentido já habitual do termo, embora também tenham agregado ao mesmo outros sentidos, de acordo com a teoria psicanalítica. As reflexões feitas por tais autores dão indicações importantes sobre o processo de formação do caráter, por exemplo, que Reich seguiu e aprofundou em seus textos a respeito. Dedicamo-nos, então, a algumas dessas apreciações.

Tomarei como referência, para tanto, os quatro autores mais citados por Reich em seus primeiros trabalhos¹² que, inclusive, abordaram, de uma forma ou de outra, o conceito de caráter. São eles Freud, Adler, Abraham e Ferenczi.

3.1 Usos do termo caráter por Freud

¹² Trabalhos reunidos no livro *Primeiros escritos* (1975a).

Caráter é um termo que aparece disperso na obra freudiana. Não tem uma presença contínua e me parece difícil reconhecer em Freud uma teoria do caráter propriamente dita (diferentemente do que ocorre com a teoria das pulsões, por exemplo). Entretanto, há que se reconhecer que Freud concede, em alguns de seus textos, razoável importância a essa noção, o que provavelmente serviu de estímulo às investigações de seus seguidores como Abraham, Jones, Ferenczi e o próprio Reich.

A primeira aparição do termo na obra freudiana se dá nos *Estudos sobre a histeria* (1893-1895/1974). Relatando dois de seus casos (Frau Emmy von N. e Fraülein Elisabeth von R.), o autor faz menção ao caráter como um conjunto de traços ou características psicológicas pessoais, como, por exemplo, a desobediência, a ambição, a violência, a independência, a irritabilidade etc. Este seria um uso descritivo e moral do termo, bastante convencional, diga-se. No capítulo sete de *A Interpretação de sonhos* (1900-1901/1972), Freud faz também uma pequena referência ao caráter, mas apenas para auxiliar seu esforço de construir um modelo do aparelho psíquico, sem formular acréscimos de qualquer elemento novo ao uso do termo. O mesmo se dá no artigo “O método psicanalítico de Freud” (1904[1903]/1972), no qual o autor apresenta o método psicanalítico desde sua origem no método catártico, até sua proposta de então, baseada no método da associação livre dirigida à eliminação dos mecanismos de repressão atuantes no psiquismo do paciente. Nesse artigo, Freud repete a utilização do termo caráter no sentido mais convencional, moral, quando diz:

... se o médico tem que lidar com um indivíduo de caráter desprezível, logo perde o interesse que lhe torna possível penetrar profundamente na vida mental do paciente. Deformações de caráter muito arraigadas, traços de uma constituição realmente degenerada, mostram-se durante o tratamento como fontes de uma resistência que dificilmente pode ser superada. (1904[1903]/1972, p. 262).

É no seu texto de 1905, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), que um elemento novo e rico nos é fornecido, permitindo a reformulação da noção de caráter. Nesses ensaios, Freud aborda a sexualidade humana como um constituinte fundante do homem. Partindo dessa premissa, enfoca dimensões da experiência humana nas quais a sexualidade é, no dizer do senso comum, suprimida ou estigmatizada, para, em seguida, recuperar aí mesmo sua universalidade. Cada ensaio trata de uma dessas dimensões: o primeiro enfoca as “aberrações sexuais”; o segundo, a sexualidade infantil, e o terceiro discute o que ocorre com a sexualidade durante a adolescência. No decorrer dessas reflexões, alguns elementos teóricos fundamentais da psicanálise vão sendo apresentados, como as noções de pulsão e libido. Também a noção de caráter passa a ser dotada de um interesse teórico. Nesse seu texto, quatro pontos merecem destaque, no que diz respeito ao entendimento do caráter.

Primeiramente, o autor faz uso semelhante ao que já descrevemos, quando considera os traços de caráter atributos do indivíduo, os quais, observados por um prisma convencional, distinguem, por exemplo, um

caráter masculino de um caráter feminino – mantém-se o sentido moral. Mais adiante, porém, faz uma comparação importante: entende algumas impressões profundas, inconscientes, derivadas do desenvolvimento sexual infantil, como determinantes do caráter nos indivíduos sadios, e da sintomatologia nos neuróticos. Ora, dessa colocação extraímos a primeira consideração de Freud sobre a formação do caráter – ligando-o ao desenvolvimento sexual infantil – mas também vemos um paralelo entre o caráter e o sintoma, como se parte da distinção entre eles derivasse do fato de o primeiro estar presente na saúde, ao passo que o último só se faria presente na neurose. Esta é uma relação que, veremos, vai se transformar mesmo na obra de Freud.

Um terceiro ponto de destaque que esse texto de Freud apresenta sobre caráter surge quando o autor afirma que:

Aquilo a que chamamos ‘caráter’ de um homem constrói-se, numa boa medida, a partir do material das excitações sexuais, e se compõe de pulsões fixadas desde a infância, de outras obtidas por sublimação, e de construções destinadas ao refreamento eficaz de moções perversas reconhecidas como inutilizáveis. (1905/1996, p. 225).

Temos, neste excerto, uma ponderação mais sofisticada sobre a formação do caráter, e a apresentação de uma tese sobre sua matéria constitutiva. A tese, inequívoca, é de que o caráter se constrói pela transformação de excitações sexuais, especialmente as ligadas à disposição sexual perversa polimorfa da infância; pelas fixações; sublimações e formações reativas. Indo mais além, a solução psíquica da

construção do caráter é vista favoravelmente como alternativa à perversão – que se desenvolveria caso essas excitações sexuais não fossem transformadas e se fortalecessem – e à neurose – que se instalaria caso essas excitações fossem totalmente contidas mediante recalque e encontrassem solução apenas através do sintoma. Novamente se situa o caráter mais próximo à normalidade do que à patologia.

O quarto ponto a observar sobre a consideração de caráter nesse texto abre uma ampla frente de investigação psicanalítica. Trata-se do reconhecimento de que é possível, em certos casos, observar a ligação entre o traço de caráter e um determinado componente erógeno, o que não quer dizer necessariamente que as tendências mais fortes da infância dominarão o caráter do adulto, até porque o processo de transformação de um componente erógeno em traço de caráter não é mecânico. De qualquer forma, essa constatação estimula a busca clínica de tal ligação. Alguns anos após a publicação desse livro, Freud se debruçou sobre essa busca no texto “Caráter e erotismo anal” (1908/1976a).

No referido artigo, Freud propõe analisar a conexão existente entre certos traços de caráter e o funcionamento, na infância, de certos órgãos, ou, noutras palavras, a relação entre esses traços e o erotismo infantil. Com tal orientação, considerando a experiência com pacientes que apresentavam determinados traços de caráter como a ordem, a parcimônia e a obstinação, começou a reconhecer nos pacientes a possibilidade de inferir que a dimensão erógena da zona anal fora especialmente forte na infância, o que se identificava por histórico de dificuldade de superação da incontinência fecal e por uma experiência infantil prazerosa na retenção das fezes, por exemplo. Desta ligação, Freud formula que esses traços de caráter surgiriam com o

desaparecimento do erotismo anal, num processo de substituição, por meio tanto da sublimação desse erotismo, quanto da formação reativa ao mesmo. Oferece como exemplo desse processo a obstinação enquanto um traço de caráter que representaria a sublimação do exercício de vontade própria do bebê em reter as fezes, e a limpeza e a ordem como formações reativas derivadas do interesse pela imundice, próprio a essa fase. Desse exercício analítico, emerge um reforço da tese apresentada nos *Três ensaios...*(1905/1996) sobre a formação do caráter. É o que fica expresso quando Freud diz que:

... o caráter, em sua configuração final, se forma a partir dos instintos constituintes: os traços de caráter permanentes, são ou prolongamentos inalterados dos instintos originais, ou sublimação desses instintos, ou formação reativa contra os mesmos. (1908/1976a, p. 181).

No mesmo ano, o autor publicou o texto “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna” (1908/1976b). Neste trabalho, aponta o impacto das restrições morais à sexualidade sobre a saúde e também sobre a constituição do caráter, reforçando ainda mais a importância da sexualidade para a formação do mesmo:

Costuma-se dizer que a luta contra um instinto tão poderoso [sexual], com a acentuação de todas as forças éticas e estéticas necessárias para tal, ‘enrijecem o caráter’. Isso pode ser verdadeiro no caso de algumas naturezas de organização muito favorável. Devemos

admitir também que a diferenciação do caráter individual, tão marcante hoje em dia, só se tornou possível com a existência da restrição sexual. Contudo na imensa maioria dos casos, a luta contra a sexualidade consome toda a energia disponível do caráter... (Freud, 1908/1976b, p. 201).

Este trecho ilustra o sentido complementar que o artigo tem, relativamente às reflexões acerca da formação do caráter, em comparação ao precedente. Enquanto em “Caráter e erotismo anal” (Freud, 1908/1976a) o autor enfatiza a força do erotismo como elemento fundante da constituição do caráter, neste último texto, a ênfase segue em direção inversa: seria a força da repressão moral da sociedade a fundamentar essa constituição. Que não se entendam tais considerações como antagônicas: elas simplesmente apontam para extremidades diferentes do conflito entre as pulsões sexuais e a repressão.

Até aqui, viu-se que Freud se deteve, inicialmente, no interesse descritivo e moral da noção de caráter e, em seguida, na promissora relação entre o erotismo e o desenvolvimento do caráter. Em 1916, publicaram-se três ensaios seus, indicativos de um novo empenho relacionado ao estudo do caráter. Reunidos sob o título “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico” (Freud, 1916/1974), contêm o primeiro registro da atenção explicitamente voltada às dificuldades técnicas relacionadas a certos tipos de caráter. Diz Freud:

Quando um médico empreende o tratamento psicanalítico de um neurótico, seu interesse não se dirige de modo

algum em primeiro lugar para o caráter do paciente (...) Contudo, a técnica que ele é obrigado a seguir logo o compele a dirigir sua curiosidade imediata para outros objetivos. Observa que sua investigação se acha ameaçada por resistências erguidas contra ele pelo paciente, podendo o médico, com razão, encarar essas resistências como parte do caráter do paciente. Isso passa a adquirir a prioridade de seu interesse. (Freud, 1916/1974, p. 351).

Vê-se, então, o reconhecimento de Freud de que o interesse psicanalítico não só pode, como deve, voltar-se sobre o caráter, em determinadas situações clínicas. Além disso, apresenta-se a possibilidade de se pensar em resistências de caráter. Como veremos mais adiante, afiguram-se aí duas entradas significativas que Reich viria a desenvolver.

Em seguida, nesse artigo de Freud, apresentam-se três tipos de caráter e as dificuldades técnicas que são consequência dos mesmos na clínica. Como o autor não aprofunda muito a discussão técnica nesse texto, deixa-a em aberto, fomentando sua necessidade. Assim segue para a descrição dos tipos, ilustrando-os, por vezes, através de personagens da literatura. O primeiro tipo congrega aqueles indivíduos que, sentindo-se, em certo ponto de suas histórias, vítimas ou sofredores de um destino infeliz, passam a considerar-se exceções, com direito a serem poupados das exigências desagradáveis da vida. Ilustra esse tipo Ricardo III, personagem de Shakespeare. O segundo caso seria o dos indivíduos “arruinados pelo êxito”, que adoecem justamente em decorrência da realização de um desejo. Freud procurou explicar dinamicamente esse

tipo, ilustrando-o com as personagens de Shakespeare e Ibsen, Lady Macbeth e Rebecca (de Rosmersholm). O último tipo seria o dos criminosos cujas ações decorrem de um sentimento pré-existente de culpa.

Se com esse texto podemos dizer que se abre o campo da reflexão sobre a técnica da análise do caráter, é apenas em *O ego e o id* (Freud, 1923/1980) que os elementos de uma ponderação metapsicológica sobre o caráter se alinham efetivamente.

Nesse trabalho, Freud conduz o leitor, gradativamente, através de reflexões desveladoras das três estruturas psíquicas que vieram a constituir sua chamada segunda tópica.

No primeiro capítulo do livro, retoma-se a perspectiva da primeira tópica, a saber, a divisão do aparelho psíquico entre três sistemas: inconsciente, pré-consciente e consciente. Nesta divisão, a instância mental chamada ego – responsável pelo controle da motilidade e pela conseqüente descarga das excitações para o mundo externo, bem como da recalcação de certas tendências – se ligava ao consciente. Em seguida, porém, demonstrada pelo próprio autor, a insuficiência dessa formulação o conduziu ao reconhecimento de que há também no ego uma significativa dimensão inconsciente. Tal insuficiência se revelara na sua consideração do inconsciente, que seria sempre o reduto de conteúdos recalcados; a essa altura, Freud passava a admitir a existência de uma importante parte não recalçada do inconsciente.

Explorando essa idéia nos dois capítulos seguintes, Freud reformulou sua tópica. Principiou diferenciando o id do ego; o primeiro seria o manancial inconsciente e desconhecido de paixões, gradualmente modificado no contato com o mundo, em decorrência do que se

originária o ego, uma instância intermediária entre o id e a realidade externa, instância que busca “... aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade.” (Freud, 1923/1980, p. 38)

Em seguida, o autor apresenta o ideal do ego, ou superego, como uma diferenciação mais tardia do ego, realizada com base em processos de identificação, cuja função é julgar, interditar e fornecer um ideal forjado através do prisma constituído com a interiorização das exigências e das interdições derivadas da resolução do complexo de Édipo.

É neste ponto que Freud enuncia algumas considerações sobre o caráter. Embora elas não forneçam explicações definitivas sobre o conceito para Freud, nem elevem sua eventual definição ao patamar de importância das instâncias acima referidas, tais considerações aportam elementos inéditos ao exame da formação do caráter. Justamente a esses elementos me parece importante dedicar-nos¹³.

Na primeira referência feita ao caráter, no texto mencionado, Freud diz:

... esse tipo de substituição [de uma catexia do objeto por uma identificação] tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu ‘caráter’. (1923/1980, p. 41).

¹³ Para uma apreciação mais detalhada da metapsicologia freudiana, o que não é nosso objetivo aqui, seria necessário abordar também seus outros textos ditos “metapsicológicos”.

Aqui recolhemos dois novos elementos. Primeiro, a observação de que o processo chamado de identificação participa da construção do caráter; segundo, a consideração de que o caráter está ligado ao ego, mais ainda, é o caráter do ego. São essas as principais contribuições do referido texto ao nosso propósito.

Quanto à primeira, destaque-se que, quando Freud apresenta a construção do superego a partir da diferenciação do ego, tem de se remeter ao processo de identificação como o modelo dessa diferenciação, ou alteração, do ego. E como se dá o processo de identificação? O modelo que Freud adota é semelhante ao que supõe ocorrer na melancolia, isto é, em seguida à perda de um objeto sexual, o ego introjeta as características desse objeto, facilitando o abandono do mesmo e se oferecendo ao id como um substituto. Esse processo remete à organização sexual da fase oral, quando a catexia de objeto e a identificação estão juntas, posto que a meta da pulsão é a incorporação ou absorção do objeto. Assim, face ao abandono de um objeto sexual, como o que necessariamente ocorre em relação aos pais na solução do complexo de Édipo, o ego se altera com base nas características do objeto abandonado.

O caráter então seria o conjunto resultante dessas modificações no ego. Ele seria, conseqüentemente, "... um precipitado de catexias objetais abandonadas..."(Freud, 1923/1980, p. 42), funcionando como um cemitério de relações objetais a atrair para si o investimento libidinal, cumprindo uma importante função econômica, mais tarde abordada com detalhes por Reich.

Evidentemente, o caráter não deve acolher quaisquer identificações, uma vez que elas podem se opor umas às outras,

arriscando, em última análise, a própria integridade do ego. Assim, também o caráter passa a resistir ao retorno das catexias objetais, tornando-se mais fixo. De todo modo, “... os efeitos das primeiras identificações efetuadas na mais primitiva infância serão gerais e duradouros.” (Freud, 1923/1980, p. 43-44).

Agora, considerada essa relação entre o caráter, o ego e o superego, veremos que o caráter se afigura justamente como a dimensão do ego erigida pelas diversas marcas que lhe foram impressas pelas identificações, atribuindo-lhe singularidade ao mesmo tempo em que assinala a história de suas perdas de objetos. Em relação ao superego, arriscaria dizer que, no artigo mencionado, sua formação se apresenta idêntica à do caráter, ou seja, dá-se através de transformações do ego por meio de identificações. O que diferencia o caráter do superego é o fato de as modificações de ego que constituem este último, derivadas da primeira identificação – “... uma identificação que ocorreu enquanto o ego ainda era fraco...” (p. 61) –, bem como do complexo de Édipo – que “... introduziu os objetos mais significativos no ego.” (p. 61) –, se manterem de alguma forma à parte, exercendo certo domínio sobre o ego; enquanto as alterações constitutivas do caráter são pelo ego incorporadas.

Com isso, parece-me evidente a relevância de *O ego e o id* (1923/1980) para o entendimento da noção de caráter em Freud. No capítulo que sucede esse delineamento, discutem-se as pulsões referentes ao segundo dualismo pulsional da teoria freudiana – a oposição não se dá mais entre as pulsões sexuais e as de autoconservação, mas entre as pulsões de vida e de morte. No último capítulo, retoma-se a discussão

sobre as relações entre id, ego e superego. Todavia, não há nele acréscimos expressivos à noção de caráter.

Tendo percorrido a bibliografia freudiana no que tange à noção de caráter, até *O ego e o id* (1923/1980), traçamos os contornos do que, no conceito freudiano, pode ter desempenhado algum papel na formulação de Reich. Viu-se como Freud, partindo de um uso convencional, descritivo e moral do termo, começou a incorporá-lo ao interesse psicanalítico: primeiramente, devido à relação que estabeleceu entre caráter e erotismo e, em seguida, dado a algumas situações técnicas desafiadoras lhe terem acusado uma ligação com certos traços de caráter. E, afinal, verificou-se como Freud chegou a dar lugar a essa noção na apresentação de sua segunda tópica, de modo que o caráter, além de estar relacionado, ou melhor, ser constituído pelo prolongamento ou transformação de pulsões parciais, é também, simultaneamente, fruto de identificações com objetos amorosos abandonados.

Realizado o intuito de apresentar apenas a noção de caráter no modo como apareceu no pensamento de Freud até meados da década de 1920, creio que possamos seguir, agora, a outros autores.

3.2 Adler e o caráter neurótico

Em 1912, Adler, em seu livro *O caráter neurótico* (1912/1954), desenvolve uma discussão sobre a noção de caráter. Ele acabara de se desligar do grupo psicanalítico de Viena, tornando-se o primeiro grande dissidente do movimento psicanalítico, assumindo divergências sobre pontos nevrálgicos. Adler, por exemplo, não reconhece a etiologia sexual da neurose, e propõe que as neuroses têm por finalidade a afirmação de

um sentimento de potência e de compensação do sentimento de inferioridade experimentado na infância – opinião que vai fortemente contra a proposição de Freud e as de seus seguidores. Em uma carta escrita a Ferenczi em 1925, Reich assim resume as posições geradoras dessa divergência: “... *não* libido *mas* análise do caráter (*Adler*) versus análise do caráter *através* da análise da libido (*Freud*).”[grifos do autor] (Reich, 1975b, p. 128). Vale observar que entre esses dois pólos, Reich estava inteiramente identificado com o que atribui a Freud.

Mas, voltando ao livro de Adler, vemos que ele se lança à discussão sobre a organização neurótica do caráter, tornando-se um dos primeiros autores do movimento psicanalítico, ainda que justamente quando rompe com ele, a se interessar sobre o estudo mais detalhado do caráter. Para esse autor, o caráter neurótico surge quando, sob um aumento da necessidade de segurança, há um acréscimo de eficiência e rigidez nos traços de caráter habituais. Esse processo principia um tipo de substancialização do caráter, fazendo com que, de meio de adaptação e contato com o mundo, transforme-se num fim em si, ganhando autonomia e incapacitando o indivíduo de adaptar-se à realidade. Dessa forma – neurótica –, o caráter seria “... produto e instrumento a serviço de uma alma viciada de desconfiança e de prevenção...” (Adler, 1912/1954, p. 56). Nas palavras do autor:

O caráter neurótico não surge como um produto, independente, mecânico, de forças naturais, biológicas ou constitucionais. Obedece a uma direção e a uma tendência impostas por uma superestrutura psíquica compensadora... (p. 56).

Veremos mais adiante que esta visão de caráter neurótico como enrijecimento dos traços de caráter defensivos é compartilhada por Reich.

3.3 Abraham e o estudo da formação do caráter

Contemporaneamente a Reich, e em debate com ele, alguns outros psicanalistas enveredaram pelo caminho da reflexão sobre o papel do caráter na análise¹⁴. Na primeira metade da década de 1920, Abraham escreveu três ensaios em que constam contribuições ao desenvolvimento da reflexão sobre caráter; quase simultaneamente ao surgimento desse interesse em Reich. Investiga, nesses textos, a relação entre a formação do caráter e o desenvolvimento psicosexual da criança, seguindo de perto a trilha sugerida por Freud em “Caráter e erotismo anal” (1908/1976a).

No primeiro ensaio escrito, “Contribuições à teoria do caráter anal” (Abraham, 1921/1970), o autor procura atualizar a pesquisa realizada por Freud no artigo acima referido, articulando sua reflexão à de autores contemporâneos como Jones. Apresenta também novos traços de caráter – além da ordem, da parcimônia e da obstinação – que se ligam ao erotismo anal – e discute suas particularidades clínicas. Por exemplo, mostra como a excessiva docilidade e seu oposto, o desafio, podem se ligar ao erotismo anal como reações invertida e direta, respectivamente, ao ataque narcísico que o treinamento para a limpeza e

a regularidade nas excreções representa. Essas atitudes são soluções que envolvem abdicar ou apegar-se ao “... direito primitivo de auto determinação.” (Abraham, 1921/1970, p. 177). Em suma, esse ensaio desenvolve e aprofunda o texto de Freud. Ao final, faz um comentário que o aproximará bastante de formulações reichianas erigidas mais tarde. Ele repara que “... o caráter anal às vezes parece estampar-se na fisionomia de seu possuidor.” (p. 194).

O texto escrito a seguir, “A influência do erotismo oral na formação do caráter” (Abraham, 1924/1970), procura encontrar a relação entre os elementos dispostos em seu título. Logo no começo, retoma a tese freudiana:

...deve-se procurar a origem da formação do caráter em parte na disposição herdada e em parte nos efeitos do ambiente (...) Foi a investigação psicanalítica que, pela primeira vez, chamou a atenção para fontes de formação caracterológicas que até então ainda não haviam sido suficientemente consideradas. (...) aqueles elementos da sexualidade infantil que são excluídos de participação na vida sexual do indivíduo adulto em parte se transformam em certos traços de caráter. (p. 161).

A partir daí, procura reconhecer traços de caráter que se ligariam ao erotismo oral. Adverte que tal tipo de erotismo sofre repressão menos intensa na realização posterior da sexualidade (comparativamente ao

¹⁴ Entre os autores que se debruçaram então sobre este conceito, além dos que serão apresentados neste capítulo, podemos citar H. Nunberg, O. Fenichel, R. Sterba, J. Strachey, R. Waelder, H. Hartmann, F. Alexander e M. Balint (Allers, 1946; Fenichel, 1985; Pacchini, 1986; Haynal, 1995).

erotismo anal) e que por isso a necessidade de transformá-lo em traços de caráter é menor. Ainda assim, reconhece sua influência no traço caracterológico de um “otimismo imperturbável” (Abraham, 1924/1970, p. 167) que pode se exacerbar até a crença de que alguém generoso sempre se disporá a suprir as necessidades do indivíduo, sendo este, assim, conduzido à inatividade. A mesma influência é reconhecida nos traços opostos a esse: a voracidade, o pessimismo e a impaciência. A direção do caráter num sentido ou noutro é vinculada à experiência de gratificação oral conforme tenha sido mais forte, no primeiro caso, ou mais fraca, no segundo.

Em seguida, Abraham discorre sobre mais alguns traços ligados ao erotismo oral e propõe que o mesmo se transforma, gradativamente, para incluir o erotismo anal, de modo que, ao prazer oral da incorporação e da excreção sem controle, se junta o prazer da retenção, próprio ao erotismo anal.

Seu último ensaio, “A formação do caráter no nível genital do desenvolvimento da libido” (1925/1970), versa sobre a forma definitiva do caráter, erguida sobre a égide do erotismo genital. Neste estágio, são eliminados os “... traços remanescentes dos estágios mais primitivos do desenvolvimento, naquilo em que são desfavoráveis ao comportamento social do indivíduo...” (p. 196), e o que permanece como caráter “... depende da história de seu complexo edipiano e, particularmente, da capacidade que desenvolveu de transferir seus sentimentos amistosos para outras pessoas ou todo o seu ambiente.” (p. 198) .

Ainda nesse ensaio, ele desdobra uma reflexão ligada à clínica, contemporânea às considerações reichianas a esse respeito. Diz ele que:

Os psicanalistas estão familiarizados com o fato de que quando uma neurose se estabelece ela pode trazer consigo uma modificação regressiva de caráter e, inversamente, que uma melhora na neurose pode ser acompanhada por uma alteração de caráter numa direção progressiva. (Abraham, 1925/1970, p. 200).

Assim, aponta uma relação fundamentalmente empírica entre a neurose e o caráter. Em sintonia e contemporaneidade com Reich, Abraham também se refere, no final do texto, à importância crescente, na psicanálise, de se lidar com “deformações patológicas do caráter” (p. 205) por meio de sua análise; além disso, aponta a relação estreita que o caráter individual e o de uma sociedade mantêm com as condições históricas de sua época, sujeitos à variação de concepções de limpeza, economia, justiça etc.

Resumindo, tais ensaios configuram, basicamente, uma relação existente entre o caráter e a posição geral da libido, revelando de que forma o desenvolvimento desta condiciona a formação daquele, valendo-se de exemplos ligados aos estágios oral, anal e genital do desenvolvimento psicosexual. Ao fazer isso, o autor não deixa de enfatizar a dimensão mutável do caráter, que pode regredir e progredir em seus estágios de desenvolvimento, bem como se ajustar à cultura na qual se insere. Como elementos a serem retomados mais adiante, quando examinaremos a noção de caráter em Reich, encontramos em Abraham menções à impressão do caráter na fisionomia do indivíduo, à relação entre caráter e neurose, ao surgimento da análise do caráter e à ligação entre caráter e momento histórico.

3.4 Ferenczi e a análise do caráter

Ferenczi é outro psicanalista que, por volta de 1930, dispõe-se a pensar sobre a formação e a transformação do caráter, bem como sobre o problema técnico que esse conceito revela para a psicanálise. Esta última dimensão – a técnica – fica expressa, por exemplo, quando o autor nos conta:

No início da minha carreira analítica, eu fazia o possível e o impossível para não agir sobre o caráter dos meus pacientes; pelo contrário, empenhava-me em respeitá-los; conciliava assim a personalidade do doente, ou seja, o seu ego e o seu superego. Esse pacto de amizade tácita permitia em seguida ao analista e ao analisando colaborar na revelação do inconsciente. Inúmeras vezes esse método se mostrou suficiente para eliminar os sintomas neuróticos, de modo que nem mesmo chegou a se apresentar o problema de uma análise mais profunda do caráter. Mas pareceu-me necessário, com freqüência, abordar firmemente esse domínio, também mais delicado, pois o mecanismo dos sintomas estava misturado, de maneira excessivamente íntima com os traços de caráter patológicos. ([1930]/1992, p. 218).

Essa posição, que revela a crescente necessidade analítica de se dirigir ao caráter dos pacientes, mostra-se em sintonia com o reconhecimento de Abraham da importância cada vez mais evidente da

análise do caráter. Também está de acordo com as observações que Reich já fizera sobre esse tipo de análise. Essas observações, publicadas em diversos artigos na década de 1920, muito provavelmente eram conhecidas de Ferenczi, já que em cartas a ele, Reich lhes fazia referência. (Reich, 1975b)

No entanto, embora Ferenczi afirme a importância e a novidade da análise de caráter, ele próprio não chega a desenvolver uma reflexão prolongada sobre esse tema. No único texto que escreve diretamente relacionado à análise do caráter, intitulado “O tratamento psicanalítico do caráter”([1930]/1992), o psicanalista afirma, sobretudo, como já pude registrar, a necessidade e a importância da análise do caráter. Além disso, levanta alguns pontos relativos à formação do caráter. A esse respeito, segue basicamente as direções já indicadas por Freud e Abraham, enfatizando a constituição psíquica do caráter, como se verifica na seguinte consideração:

... a maior parte do que chamamos caráter não é inato mas constrói-se em relação ao mundo exterior e isso, muito precocemente, no decorrer do período de latência ou ainda mais cedo... (p. 220).

Quanto à mutabilidade do caráter e a conseqüente possibilidade de transformação do mesmo através da análise, adverte:

... [o caráter] é suscetível de ser melhorado por meio da técnica psicanalítica (...). Isso não quer dizer (...) que se

possa modificar o caráter de um indivíduo por encomenda. Tudo o que podemos prometer a um paciente a esse respeito é que, após uma análise de caráter, ele terá um melhor conhecimento de si mesmo, o que lhe permitirá dominar suas reações caracteriais, as quais eram automaticamente deflagradas até então, e adaptar-se à realidade. (Ferenczi, [1930]/1992, p. 220).

Vemos nessa referência os objetivos por ele delimitados para a análise de caráter. Ainda nessa citação, quando afirma que há um automatismo das reações caracteriais que passa a causar uma desadaptação do paciente à realidade, observa-se uma proximidade de Ferenczi em relação às idéias de Reich sobre o caráter, em sua dimensão defensiva – sobre o que trabalharemos nos próximos capítulos

Noutro ponto desse texto, ao descrever um aluno ou paciente seu, cuja resistência de caráter se estruturava como descrença encoberta no método psicanalítico, Ferenczi descreve-o se protegendo de seus próprios devaneios de grandeza e de êxito através de uma “carapaça” de modéstia. A semelhança entre a metáfora usada por esse autor e a noção reichiana de “couraça” do caráter é também evidente.

Temos assim que, mesmo sem se dedicar ao desenvolvimento da reflexão sobre o caráter, sua formação e sua análise, em muitos pontos há um contato entre as idéias de Ferenczi e as de Reich, proximidade que pode nos ser de interesse quando formos examinar essa temática em Reich.

3.5 Síntese

Neste capítulo, pudemos abordar o que alguns importantes psicanalistas pensaram a respeito do conceito de caráter nas três primeiras décadas do século XX. Primeiramente, indiquei a presença de uma raiz psicanalítica em Reich, posto ter sido o universo psicanalítico o contexto inicial de sua carreira. Parti, então, em busca das considerações que outros psicanalistas fizeram sobre caráter e que podiam, de alguma forma, reverberar na obra de Reich ou revelar reverberações desta. Principiei pelos usos que Freud fez desse termo, desde seu uso mais moral ao mais definitivamente psicanalítico. Procurei mostrar o movimento de Freud na sugestão da relação entre a formação do caráter e o desenvolvimento psicosssexual e também da relação entre essa formação e os processos de identificação responsáveis pela diferenciação do aparelho psíquico.

Em seguida o autor tratado foi Adler, psicanalista dissidente, que ressaltou a importância de se dirigir a análise ao caráter do paciente e ainda acentuou a existência da relação entre caráter e neurose.

Abraham foi o psicanalista apresentado na seqüência. Observamos como ele também aproxima caráter e neurose e indica a importância da análise do caráter. Viu-se, ainda, seu detalhamento na relação entre a formação do caráter e o desenvolvimento do erotismo infantil. Por fim, indiquei como esse autor aponta a mutabilidade e a historicidade do caráter, além de mencionar a relação entre o caráter e a fisionomia do indivíduo.

O último autor tratado neste capítulo foi Ferenczi, que elaborou considerações sobre a virada técnica da análise de sintomas para a análise do caráter e que também reforçou a tese da mutabilidade do

caráter. Ademais, vimos que o caráter, para esse psicanalista, mostra-se ligado a um certo automatismo nas reações.

Apresentadas mais essas reflexões, acredito estarmos suficientemente situados para partirmos rumo às idéias de Reich.

4. A CONCEITUAÇÃO DE CARÁTER EM REICH – 1:

O CARÁTER IMPULSIVO

Nos capítulos precedentes, vimos como o termo caráter tem uma longa história. Assinalamos alguns de seus usos, desde seu surgimento na Grécia Antiga, até apropriações mais recentes pela psicanálise do começo do século XX. Fizemos notar que, em se tratando de autores psicanalistas, houve, especialmente nas décadas de 1910 e 1920, uma sofisticação teórica das reflexões sobre caráter, abrangendo-lhe as dimensões descritiva, metapsicológica e técnica. Nesse mesmo período, lembre-se que Reich, estudante de medicina, envolvia-se com um seminário de sexologia em sua faculdade, que o levou a conhecer Freud e a psicanálise. Tornou-se, então, psicanalista antes mesmo de formar-se médico. Corria o ano de 1920. Já em 1922, apenas dois anos após ter sido formalmente aceito no movimento psicanalítico, escreveu um trabalho intitulado “Dois tipos narcisistas” (1922/1975), o qual, em parte, responde ao artigo de Franz Alexander, “Complexo de Castração e Caráter” (Alexander¹⁵ *apud* Reich, 1922/1975). Já nesse artigo, Reich faz suas primeiras referências ao termo caráter, ainda que apenas vinculadas à concepção de uma neurose de caráter.

¹⁵ Kastrationskomplex und Charakter: eine Untersuchung über passagere Symptome. *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* (1922).

4.1 Uma primeira referência a caráter

Reich, em tal texto, aprova a distinção apresentada por Alexander entre neurose – na qual os sintomas estariam localizados e definidos – e neurose de caráter – na qual os sintomas estariam difusos, sem clara localização, e misturados ao conjunto do modo de ser do paciente. Mas, para além de acatar essa distinção, Reich elabora uma tese própria sobre a origem dessa diferença. Ele formula uma distinção entre os caminhos que conduzem à neurose ou a uma neurose de caráter: o tipo de investimento libidinal – no que diz respeito ao alvo desse investimento – que está prejudicado. Em outras palavras, se a libido de objeto, ou seja, aquela parcela das pulsões sexuais que toma por alvo um objeto externo, encontra-se mais intensamente perturbada, por exemplo, pela repressão das pulsões sexuais objetais, há possibilidade de se desenvolver uma neurose com delineamento claro dos sintomas, separado do conjunto da personalidade e em estreita relação simbólica com o desejo reprimido e as pulsões em jogo. Porém, se a libido do ego, a parcela das pulsões que tomam o próprio ego por objeto, é que se encontra mais predominantemente perturbada, então os sintomas são difusos e extensos, impossíveis de serem separados do conjunto da personalidade. A diferença entre ambas, porém, coloca-se mais quantitativa que qualitativamente, sendo as respectivas características descritas correspondentes a configurações extremas, visto que, freqüentemente, o que se encontra é uma mistura de neurose sintomática e de caráter, em graus variados. Tanto é assim, que o próprio autor afirma: “... não há neurose, não importa quão claramente definida, sem traços de um distúrbio de toda a personalidade.” (1922/1975, p. 134-135).

Em seguida, Reich delineia algumas características típicas da clínica de pacientes com neuroses de caráter, no sentido em que utilizou o termo, contrastando ainda com os pacientes neuróticos (sintomáticos). Uma dessas características é a menor intensidade conjugada à maior demora no estabelecimento de uma transferência positiva, no caso dos pacientes com neuroses de caráter. Outra, é a presença, muito freqüente, de uma transferência negativa inicial vigorosa, explícita ou latente, decorrente da dimensão ameaçadora que a análise assume para esses pacientes. Eles percebem a análise como uma castração, sendo o analista o inimigo a infligi-la. Como conseqüência desse processo, surgem sempre defesas (couraças) narcísicas, as quais o analista deve habilidosamente penetrar. Aqui vale observar que Reich, nesse texto, já utiliza o termo couraça, que, posteriormente, assumiu grande importância em sua obra.

Após ter delineado diferenças entre neurose de caráter e neurose, Reich finalmente passa a discorrer sobre os dois tipos de neurose de caráter ou os “dois tipos narcisistas” que intitulam o artigo.

Resumindo-se suas colocações, tem-se que o primeiro tipo descrito congrega pacientes acometidos de sentimentos expressos de inferioridade, os quais encobrem (ou encouraçam) uma crença íntima e secreta de superioridade, depositada inconscientemente na posse de um ideal de ego¹⁶ nobre e inatingível, sendo fonte de prazer e principal objeto da libido o próprio ideal de ego.

O segundo tipo contrasta com o primeiro: promove um narcisismo

¹⁶ Nos textos de Reich considerados neste capítulo, os termos ideal de ego e superego surgem como sinônimos, em concordância, inclusive, com o uso freudiano dos termos em *O ego e o id* (Freud, 1923/1980).

compensatório manifesto e sentimentos latentes de inferioridade decorrentes do complexo de castração inconsciente que, impedindo a construção de um ideal de ego, obteve compensação através de uma supervalorização do ego. É dessa supervalorização que extrai sua satisfação, por meio, por exemplo, de uma postura exibicionista.

Após discorrer sobre esses dois tipos delineados, Reich ainda procura apresentar elementos ligados ao desenvolvimento psicosexual dos mesmos. Mas não chega a propor uma reflexão sobre a formação do caráter em tais casos.

Entretanto, o levantamento de alguns pontos de referência sobre o caráter contidos nesse artigo serve ao confronto com os textos que examinaremos a seguir. Antes de mais nada, consideremos que Reich usa caráter como um contraponto a sintoma, num certo sentido. Se o último aparece na neurose, isolado e facilmente localizado, por exemplo num comportamento; o primeiro, quando é usado numa expressão como neurose de caráter, agrega uma qualidade difusa à perturbação, envolvendo a totalidade do indivíduo. Mas nem mesmo essa dimensão difusa se explica nesse texto de Reich. Ademais, quanto à distinção apresentada, institui-se um certo paradoxo nesse texto: ao mesmo tempo em que o autor busca discernir neurose e neurose de caráter; noutra momento, ressalta que toda neurose traz uma dimensão “total” ou narcísica, que a princípio seriam as características determinantes de uma neurose de caráter; refaz-se, com isso, uma certa unidade entre os dois tipos de neurose. Em seguida, o autor busca ligar a neurose de caráter a um distúrbio na libido do ego, enquanto a neurose estaria ligada a um distúrbio na libido objetal. As conseqüências desta hipótese para a própria definição de caráter igualmente não têm lugar no artigo. A

discussão das singularidades que essas neuroses de caráter criam, em termos da situação clínica, com suas couraças narcísicas e transferências negativas, é outro ponto relevante desse trabalho, que acena para a abordagem das conseqüências técnicas da nova formulação sobre a neurose. Nesse sentido em particular, o esforço é coerente com a sugestão, feita por Freud, no texto “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico” (1916/1974), de se explorarem as sutilezas técnicas da abordagem de uma neurose de caráter ou de uma resistência de caráter.

Do conjunto das considerações que Reich faz nesse texto, não é possível ainda deduzir de forma estruturada e fidedigna o que ele chama de caráter, embora sua relação com o narcisismo, com a formação do ego e do ideal de ego, bem como com as resistências à análise, já se afigurem.

Decerto esta apresentação não esgota a riqueza do artigo em foco; acredito, porém, terem sido elencados os elementos de maior proveito para o esclarecimento do conceito sob investigação. Isso posto, seguimos.

4.2 O contexto de *O caráter impulsivo*

Como dissemos, o referido artigo foi escrito em 1922, dois anos após Reich ter se filiado ao movimento psicanalítico. No mesmo ano dessa publicação, Reich começou a atuar na Clínica Psicanalítica de Viena. Esta, fundada a partir de uma sugestão de Freud, feita no Congresso de Budapeste em 1918, atendia à proposta de se abrirem clínicas psicanalíticas públicas que acolhessem quem não podia pagar

por um tratamento. De acordo com essa orientação, em 1920 fundou-se em Berlim uma clínica nesses moldes, sob a direção de Karl Abraham e, em maio de 1922, começou a funcionar, sob direção de Edward Hitschmann, a Clínica Psicanalítica de Viena. Nesta, oferecia-se tratamento psicanalítico gratuito a uma população composta por pessoas com baixa remuneração: trabalhadores, camponeses e estudantes. Reich conta que:

Os horários de consulta viviam apinhados de gente (...) a afluência era tão grande que nós não dávamos conta, sobretudo depois que a clínica se tornou conhecida entre o povo. Cada psicanalista concordou em oferecer gratuitamente uma sessão diária. Mas não foi o suficiente... (1942/1981, p. 72).

Ele trabalhou nessa Clínica durante oito anos, vendo emergir questões ausentes da clínica privada. Por exemplo, muitas vezes era necessário, devido à miséria, oferecer ajuda material para que algum tratamento pudesse ser levado a cabo. Da mesma forma, a precariedade das condições materiais do seu público tornava mais grave e perigosa a constituição de certas patologias, como, por exemplo, o caráter impulsivo, já que certos conflitos podiam ser intensificados no contexto de extrema pobreza de alguns pacientes.

À época, Reich também presidia o Seminário de Técnica Psicanalítica. Nele reuniam-se quinzenalmente diversos jovens analistas, em torno dos problemas da técnica terapêutica da psicanálise e dos casos clínicos difíceis. A idéia de formar um seminário para estudar a técnica

terapêutica psicanalítica surgiu após o Congresso Psicanalítico de 1922, em Berlim. Nesse congresso:

... Freud propôs como tema de um ensaio que concorreria a um prêmio, a questão da relação da teoria analítica com a técnica terapêutica. Reich não entrou na competição mas, na volta do congresso, propôs a formação de um ‘seminário técnico’ para o estudo dos problemas terapêuticos e uma verificação cuidadosa dos casos difíceis. O seminário de Viena para a terapia psicanalítica recebeu a aprovação de Freud e foi marcado naquele mesmo mês sob a direção de Edward Hitschmann, que já era diretor da policlínica psicanalítica de Viena. (Boadella, 1985, p. 41).

No ano seguinte, a direção ficou a cargo de Numberg e, em 1924, Reich assumiu o posto. Esse seminário proporcionou-lhe um espaço privilegiado para refletir sobre a técnica psicanalítica a partir das dificuldades e dos fracassos clínicos relatados. Mais tarde, em *Análise do caráter* (Reich, 1948/1995), essa experiência revelou-se muito fecunda.

Nesse mesmo Congresso Psicanalítico de 1922, Reich assistiu à última palestra proferida por Freud em um congresso. Trata-se da apresentação do conteúdo de *O ego e o id* (1923/1980). Essa palestra, de conteúdo metapsicológico, sobre a qual nos debruçamos no capítulo três, deixou em Reich fortes impressões:

... foi lindo, foi muito lindo. Essa foi a última vez que ele [Freud] discursou num congresso. Ele dizia algo muito

importante aí, algo muito profundo. O ego é tão inconsciente quanto o id. Magnífico! Maravilhoso! É preciso um gênio para pensar assim.” (Reich, 1975b, p. 73).

As repercussões desse texto apareceram nas duas obras de Reich que abordaremos com maior ênfase nesta pesquisa e, quando for o caso, pontuaremos essas repercussões.

Desde seu ingresso no movimento psicanalítico até 1925, Reich escreveu diversos artigos na área da psicanálise, além daquele comentado há pouco. Em 1924, na apresentação do artigo “Observações complementares sobre a importância terapêutica da libido genital” (1925[1924]/1975), no Congresso Psicanalítico de Salzburg, esse autor apresentou e ilustrou clinicamente a noção de potência orgástica. Esta tornou-se central em sua recém-formulada teoria do orgasmo. Para Reich, toda neurose estaria fundada na estase de libido, que forneceria a energia ao desenvolvimento da patologia – não podendo haver, portanto, caso algum de neurose em que a satisfação sexual genital não estivesse prejudicada. Para diferenciar essa satisfação da simples execução do intercuro sexual, Reich passou a falar em potência orgástica. Esta seria a capacidade, numa situação sexual, de o indivíduo se entregar inteiramente num “... abandono de si, sem inibição, ao parceiro.” (1925/1975), de forma que toda a personalidade e todo o corpo participassem da experiência do prazer e de descarga da excitação, apesar de todos os conflitos possíveis. A potência orgástica se distinguiria assim da potência eretiva ou de ejaculação, nas quais a

descarga de excitação, a experiência de prazer, a entrega ao outro e o empenho da totalidade do indivíduo podem não estar presentes.

Nesse contexto, foi escrito *O caráter impulsivo: um estudo psicanalítico da patologia do ego* (Reich, 1925/1975). Esse livro, o primeiro do autor, foi publicado originalmente em 1925. Reich, à época de sua publicação, contava 27 anos. Formara-se médico havia três, e trabalhava como psicanalista há mais de cinco. Tendo como pano de fundo seu exercício na Clínica Psicanalítica de Viena – donde apreendeu o problema clínico–, as discussões do Seminário de Técnica Psicanalítica - que lhe instigaram a atenção para os procedimentos adotados pelos analistas em seu trabalho – e o novo arsenal metapsicológico extraído de *O ego e o id* (Freud, 1923/1980)¹⁷ e de sua recente teoria do orgasmo, é que constrói esse livro. Esse texto se compõe por sete partes, ou capítulos, que convém visitarmos.

Nas duas primeiras partes, Reich apresenta o propósito de seu livro, esboça o que entende por sintoma e caráter; traz alguns elementos sobre sua formação, integrando-a ao processo de formação do superego e, por fim, dialoga com *O ego e o id* (1923/1980) de Freud e com outros autores dessa tradição. Nesse conjunto de reflexões é que encontramos os elementos mais esclarecedores sobre a noção de caráter. Nas três partes seguintes, o autor explica metapsicológica e clinicamente a formação e o funcionamento dos caracteres impulsivos, tomando como base casos acompanhados na Clínica Psicanalítica de Viena. Este caráter em particular seria uma forma específica de caráter neurótico dominado

¹⁷ Podemos dizer que o capítulo III desse livro é particularmente importante para as considerações que Reich faz em seu texto, afinal, é aí que Freud discute a constituição do superego, o que se tornou crucial para a reflexão de Reich sobre o caráter impulsivo.

pela pulsão, donde surge seu nome – impulsivo¹⁸. Essa dominação ocorre quando a inibição da pulsão se deu de forma defeituosa, geralmente muito tardia e traumática, de modo que no desenvolvimento do ego, ao invés de haver uma integração do superego ao conjunto do psiquismo, ele fica isolado. As raízes desse processo remeteriam à impossibilidade de uma constante e gradual constituição do superego com incorporação de seus elementos ao ego, devida a diversas razões: uma postura muito ambivalente dos pais em relação à repressão das pulsões das crianças, a ausência de modelos externos (parentais) para o superego, a alternância muito grande da apresentação de figuras ideais, entre outras. A tese que Reich defende aqui é a de que, no processo de educação saudável, as pulsões infantis sejam parcialmente gratificadas e parcialmente reprimidas pelos pais, numa medida e numa forma tais, que essa repressão seja suportada pela criança por amor aos pais (particularmente àquele que é responsável pela interdição) e, assim, incorporada como ideal de ego em seu psiquismo, proporcionando, desse modo, um desenvolvimento egóico integrado e dirigido à realidade. No caso do caráter impulsivo, a pulsão teria seguido muito tempo sem ser reprimida, fortalecendo as demandas pulsionais e o ego primitivo, estando impedido o desenvolvimento de tolerância à frustração por um lado, e obstaculizada a constituição gradual de um ideal de ego, por outro. Frente a esse quadro, em dado momento se faria uma interdição com intensidade e violência brutais, desfavoráveis ao processo de assimilação e identificação com a figura repressora. Constitui-se, daí, não um superego fundido ao ego do indivíduo, como seria o usual, mas um superego isolado composto de elementos da autoridade repressora,

¹⁸ Vale recordar que impulso é um termo também utilizado em português para designar a pulsão. Ambos referindo ao original alemão *Trieb*.

adotados de forma dissociada do ego. Isso configura, dito muito sucintamente, senão de modo simplificado, um dos caminhos de formação do superego no caráter impulsivo que Reich vai propor. Ele também descreve variações desse caminho; contudo, para efeito de esclarecimento, este exemplo me parece suficiente. Aliás, toda essa discussão é ilustrada ao longo do texto com alguns casos clínicos minuciosamente relatados, aos quais não pretendo me dedicar agora, pois, se o fizesse, escaparia demasiado ao propósito do presente trabalho. Sigo, enfim, às duas últimas partes do texto aludido, nas quais Reich desenvolve algumas considerações complementares: o autor mostra como processos de dissociação do ego – a “projeção esquizofrênica” e a “cisão histérica”, por exemplo – confirmam e fortalecem a hipótese de isolamento do superego, uma vez que esse isolamento explica também a presença de tais processos nos caracteres impulsivos; e discute, ainda, as dificuldades específicas do trabalho terapêutico com pacientes impulsivos.

Em termos da discussão sobre caráter, como disse, esse livro traz alguns elementos bastante relevantes. Convém, por isso, aprofundarmos nossa abordagem sobre suas duas primeiras partes, a fim de melhor conhecê-los.

4.3 A temática do caráter em *O caráter impulsivo*

Logo na primeira frase desse estudo, Reich aponta a ausência de uma teoria psicanalítica sistemática do caráter. Diz:

... no presente nós não temos uma teoria psicanalítica do caráter que seja sequer parcialmente sistemática (...). O pré-requisito para uma caracterologia psicanalítica seria o conhecimento exato dos mais detalhados mecanismos do desenvolvimento psíquico, uma demanda que estamos longe de satisfazer. (Reich, 1925/1975, p. 237).

Nem mesmo a coerência dos elementos da teoria do desenvolvimento sexual de então auxilia suficientemente a tarefa de uma compreensão caracterológica da personalidade, até porque “... as dinâmicas do ego são mais difíceis de compreender do que as dinâmicas do desenvolvimento sexual.” (p. 237).

Assim, já na introdução, Reich aponta para o que aludimos no capítulo três: não havia, nesse momento do pensamento psicanalítico, uma teoria estruturada e sistemática sobre caráter. Além disso, as reflexões mais avançadas, particularmente *O ego e o id* (Freud, 1923/1980), indicavam que, para além das considerações sobre a importância do erotismo na constituição do caráter (a qual vimos que Abraham e o próprio Freud já haviam mencionado), o campo novo da psicologia – ou metapsicologia – do ego surgia como a nova fronteira da teoria psicanalítica, promissora para o estudo do caráter.

Do ponto de vista do interesse terapêutico, Reich já se mostrava convicto da importância do entendimento sobre o caráter dos pacientes. Ademais, reconhecia que essa importância já vinha sendo absorvida pela psicanálise que “... deixou há muito de ser meramente uma terapia de sintomas; pelo contrário, vem se transformando constantemente em uma terapia de todo o caráter.” (1925/1975, p. 238). Isso se devia, em parte, à

compreensão de Freud de que o fator crucial do trabalho analítico é a eliminação das resistências¹⁹ e não apenas a remissão dos sintomas. Acrescente-se a isso que, no esforço de atentar às resistências, também se pode percebê-las, independentes do conteúdo reprimido, expressas de diferentes formas em diferentes caracteres, revelando, assim, constituírem-se mais segundo o caráter do indivíduo, do que segundo o conflito que as origina.

Reich, que já apontava a análise do caráter neurótico como sendo crucial, dá ares definitivos a essa avaliação quando afirma que “... se alguém pretende alcançar recuperação genuína, na qual a recaída está fora de questão, então a análise do caráter deve substituir a análise de sintomas.” (1925/1975, p. 238-9). Com essa ponderação, enfatiza, afinal, a necessidade de aventurar-se por esse terreno.

Com base nesse primeiro apanhado de referências, já podemos elencar elementos para nossa reflexão. Reencontramos aqui, como um marco da noção de caráter, a mesma distinção entre sintoma e caráter encontrada no texto “Dois tipos narcisistas” (Reich, 1922/1975). Essa diferenciação continua em destaque mesmo em textos posteriores do autor, e vemos que referencia parte das proposições técnicas por ele estabelecidas, a começar pela própria direção do foco da análise para o caráter dos pacientes e o reconhecimento da superioridade da análise do caráter, em termos de eficácia clínica, se comparada à análise de sintomas. Desse modo, parece-me justo colocar em relevo esse contraste, ou contraponto, entre sintoma e caráter, como uma relação cuja dinâmica seguirá atribuindo significado a este último.

¹⁹ Pensadas como a organização psíquica que impede determinado conteúdo inconsciente de se tornar consciente, ao mesmo tempo em que ela mesma, enquanto resistência, mantém-se inconsciente.

Um outro elemento que se enuncia no começo desse texto de Reich é a relação do caráter com a forma tomada pelas resistências. Não há nada de inovador na consideração do caráter como instância vinculada à forma de o indivíduo ser, comportar-se e também de resistir. Vimos que outros autores da história da caracterologia a isso já se haviam referido, dando ênfase ao caráter como uma forma de reação, um modo de ser, de comportar-se, sentir, pensar etc. Vimos que Freud começou a utilizar o termo caráter num sentido ligado à forma de se comportar e se relacionar com os outros. Não será excessivo, porém, fazer notar que essa percepção também se faz presente na obra de Reich; afinal, justamente nela, terá um desdobramento importante mais tarde.

Em síntese, no começo desse livro, Reich recupera a importância do caráter e de sua análise para a psicanálise, e mostra que a atenção dos pesquisadores psicanalistas voltara-se para esse fato havia muito pouco. Além disso, reconstrói a distinção entre caráter e sintoma, e sinaliza a relação do caráter com a forma de expressão das resistências do indivíduo.

Ainda na primeira parte desse trabalho, Reich faz outras três colocações, as quais, embora um pouco isoladas e descontínuas, alimentam nossa investigação.

A primeira delas é tecida quando o autor comenta que a análise do caráter deve necessariamente exercer mais a análise das ações e dos comportamentos do que se faria usualmente, numa “análise da memória” (1925/1975, p.239), isto é, numa análise voltada às lembranças do paciente. Fundamenta essa proposição seu entendimento de que as peculiaridades do caráter encontram sua expressão privilegiada nas ações. Dessa consideração, engendra-se mais um laço, desta vez, entre

caráter e ação, o que, do ponto de vista técnico, cria certas dificuldades, posto que “... as ações são pouco adaptadas à interpretação genético-analítica sem recordações subseqüentes ou sem ao menos uma reconstrução analítica das fontes do comportamento.” (Reich, 1925/1975, p. 239). De qualquer modo, essa constatação de Reich era compartilhada por outros autores, como Ferenczi e Rank, que também vinham buscando novas maneiras de intervenção clínica capazes de dar conta dessa dimensão recém-incorporada à análise.

A segunda colocação de interesse para nós é bastante mais específica e corresponde a uma equivalência que a certa altura Reich propõe, entre o caráter e a personalidade inteira. Não desenvolve, sequer tematiza essa aproximação, mas, uma vez que garimpamos nesse texto elementos de proveito a nossa pesquisa, podemos nos empenhar no vislumbre do que essa equivalência nos oferece. A meu ver, ela confirma, a despeito de haver nessa explicação uma certa circularidade, o que era expresso na distinção entre sintoma e caráter, a saber, que a este último cabe a dimensão totalizante e ampla de algo que podemos chamar personalidade (para manter o termo proposto por Reich).

A última das considerações colhidas nessa primeira parte do livro em questão consiste num elogio ao livro de Freud, *O ego e o id* (1923/1980), reconhecendo-o como um marco da caracterologia psicanalítica. A partir desse reconhecimento, Reich arrola os pontos que considera serem indicações derivadas desse artigo, importantes na explicação da formação do caráter. E que pontos são esses? O autor cita como significativos: as atitudes dos pais assimiladas pela criança como ideal de ego positivo ou negativo; o padrão de ideal de ego que foi principalmente seguido, o do genitor de mesmo sexo ou de sexo oposto;

o estágio do desenvolvimento da libido no qual as identificações se deram; o quanto do ideal do ego pode ser realizado no ego-real²⁰ e sob quais condições; e a atitude do ego-prazer²¹ frente às primeiras identificações. Esses pontos vão servir ao longo de todo *O caráter impulsivo...* (Reich, 1925/1975) como referências permanentes para avaliar a formação do caráter e do superego, nos casos examinados pelo autor.

Com mais essas três colocações, a primeira parte desse livro fica bem trabalhada em termos das referências à noção de caráter. Em sua unidade, ela assinala a relevância da análise do caráter para a psicanálise e a escassez de reflexões acerca do tema no meio psicanalítico de então. Também aí começam a se delinear contornos da noção de caráter: o autor reforça a distinção existente entre essa noção e a de sintoma, apresenta a relação entre a forma de expressão das resistências e o caráter e coloca este como uma dimensão total da personalidade. O autor mostra, ainda, como a ação é um meio privilegiado de conhecimento sobre o caráter, e alude às implicações técnicas disso – que não chega a desenvolver – para a análise do caráter. Configura-se, enfim, uma primeira e consistente apresentação dos elementos que contribuem para definir a forma do caráter.

Na segunda parte desse livro, duas contribuições expressivas para nossa reflexão se dão a exame. Reich prepara-se, aqui, com vistas a apresentar o quadro clínico que chama de “caráter impulsivo”. Para tanto, debate com vários autores que, de uma forma ou outra,

²⁰ Nesse texto, ao falar em ego-real (*real ego*), Reich se refere à soma dos elementos do ideal do ego efetivamente assimilada e, digamos assim, realizada – acrescida, nos adultos, dos impulsos sexuais dirigidos à realidade, sem que estejam em conflito com o superego.

²¹ Nesse texto, fala em ego-prazer (*pleasure ego*) e ego-pulsão (*drive ego*) como sinônimos referentes ao primitivo ego do bebê, anterior às identificações e à constituição do superego. Compõe-se “...

descreveram quadros clínicos próximos do que ele pretende desvelar²².

Soma-se a esse

inteiramente de tendências pulsionais de natureza sexual e destrutiva.” (Reich, 1925/1975, p. 301); inclui tudo que é prazeroso e estranha tudo que é desconfortável.

²² Embora essa discussão seja detalhada, ao interesse de nossa pesquisa não traz acréscimos significativos, de modo que não vou me preocupar em apresentá-la.

esforço de preparar o terreno para as reflexões subseqüentes, uma detida ponderação em torno da própria definição de caráter. Assim, a definição que Reich propõe nesse livro nada mais é do que um embasamento para a discussão sobre o caráter impulsivo. Desse modo, o autor afirma, a certa altura, que vinha usando indiscriminadamente expressões como caráter impulsivo e neurose de caráter e seria necessário, então, realizar um esforço para esclarecer estes termos. Tal esclarecimento é difícil, segundo o autor, porque, em geral, trata-se de modo muito vago o conceito de caráter. Diante disso, assume ele próprio uma definição, sendo esta uma das raras passagens em que Reich interrompe seu pensamento dedicando-se a explicações terminológicas. Diz:

... nós podemos definir ‘caráter’ como a atitude psíquica particular em direção ao mundo externo específica a um dado indivíduo. Isso é determinado pela disposição e pela experiência no sentido da ‘série complementar’ (Ergänzungsreihe) de Freud. Assim nós consideramos tipos de caráter neurótico os indivíduos que apresentam desvios mais ou menos amplos em relação a uma norma de comportamento constante ajustado à realidade tanto sexual quanto cultural, bem como em relação ao ajustamento social. (1925/1975, p. 250).

Deste excerto podemos considerar quatro aspectos. O primeiro: a definição em si – de caráter como uma atitude psíquica particular em direção ao mundo externo – alinha Reich aos autores que pensam o caráter com base em atributos psíquicos e em relação com o mundo.

Aproxima-o, por exemplo, de Jung, para quem a atitude psíquica em direção ao mundo externo assume papel importante na distinção entre introversão e extroversão. Mas a atitude psíquica de que Reich fala é também uma atitude específica a um dado indivíduo, algo muito condizente com as formulações de autores a que referi, como Foillée, Wallon, Abbagnano, Paulhan e, ainda, coerente com a posição de Freud e de Abraham.

Em seguida, Reich divide a determinação do caráter entre a disposição e a experiência, de modo que há complementaridade e relação inversa entre esses fatores. Se há forte disposição endógena, o peso da experiência é menor, e vice-versa. Ele não renega nem uma dimensão nem outra, confiando a determinação do caráter à relação entre elas, de forma semelhante à postulada por Freud e por Abraham. Finalmente, a avaliação da neurose como um desvio de uma norma de ajustamento sexual, cultural e social é, por um lado, uma consideração em si um tanto imprecisa, no que concerne à natureza da neurose; por outro lado, essa avaliação indica que estas três dimensões – sexual, cultural e social – revelam-se fundamentais à abordagem dessa questão. O olhar atento a essas três dimensões é um traço marcante da obra reichiana, expresso emblematicamente na célebre frase em que diz que o amor (dimensão sexual), o trabalho (dimensão social) e a sabedoria (dimensão cultural) são as fontes de nossa vida e devem governá-la.

Mais adiante no texto em foco, Reich procura esmiuçar sua definição. Recorre novamente à distinção entre sintoma neurótico e caráter neurótico; de modo bastante mais refinado, desta vez. Diz ele:

O sintoma neurótico localizado corresponde diretamente às áreas parciais da personalidade que foram “fixadas” em um estágio ou outro, enquanto o caráter neurótico é sempre uma expressão da atitude total correspondente à fixação. Assim a fixação (e o conflito psíquico resultante dela) irá sempre exibir simultaneamente dois modos de expressão: primeiro, o sintoma neurótico particularmente correspondente a ela (por exemplo, vômito histérico como expressão de uma fixação oral-genital) e segundo, o caráter neurótico que corresponde ao distúrbio evocado na personalidade inteira pela fixação parcial. (Reich, 1925/1975, p. 250-1).

Vê-se que o autor considera sintoma e caráter neuróticos como expressões de uma fixação no âmbito do desenvolvimento psicosexual, o que ainda não havia enfatizado nesse livro. A diferença entre eles aparece em sua amplitude: enquanto o sintoma encontra-se diretamente ligado a essa fixação, podendo ser localizado em um comportamento isolado, como o vômito a que o autor refere; o caráter, por sua vez, corresponde às alterações totais que tal fixação provoca na personalidade, sendo impossível localizá-las em um comportamento apenas. É notável também que o autor coloca que a fixação sempre vai se expressar simultaneamente através do caráter e do sintoma, criando uma indissociabilidade entre ambos, que será mantida como fundamento do trabalho proposto mais tarde, em *Análise do caráter* (1948/1995). Ao pensar no caráter como uma expressão abrangente das fixações parciais na personalidade, Reich criou condições para colocá-lo como base do

sintoma neurótico, o que implicaria pensar a neurose sintomática como sendo sempre, em termos mais amplos, uma neurose de caráter.

Com isso, parece-me termos extraído desse capítulo o que de mais precioso oferece sobre a noção de caráter: a definição de caráter como sendo uma atitude total do indivíduo em relação ao mundo, em parte herdada, em parte constituída pela experiência, que pode se desenvolver num sentido mais ou menos neurótico, conforme critérios e condições dadas pela sociedade e pelo desenvolvimento da sexualidade desse indivíduo.

Nos capítulos seguintes, o autor descreve clinicamente os quadros de caráter impulsivo e outros (narcisistas, inibidos) que dele procura distinguir. Paralelamente à apresentação de ilustrações clínicas, tece a diferenciação entre elas, comparando o processo de desenvolvimento do ego e particularmente de formação do superego nesses casos, valendo-se do referencial teórico psicanalítico²³. É daí que elabora, no capítulo cinco, a hipótese de que no caso dos caracteres impulsivos, o superego teria se constituído isolado. Os dois capítulos finais são, na verdade, apêndices. O primeiro deles reforça essa hipótese de isolamento do superego e procura relacionar esse fenômeno a dois processos de dissociação do ego: a projeção esquizofrênica e a cisão histérica. Já o último capítulo apresenta algumas ponderações sobre as dificuldades técnicas do atendimento a esse tipo de paciente. Toda essa discussão se afigura bastante atraente, mas não devemos nos deixar fugar por ela, sob o risco de nos perdermos do nosso objeto. Não que a abordagem da

²³ A título de ilustração do quanto Reich está, aqui, dentro do referencial da psicanálise, vale arrolar algumas concepções que ele adota: usa as noções fundamentais de inconsciente, repressão, sublimação e formação reativa; fala em desenvolvimento psicosexual organizado em fases oral, anal, fálica e genital; adota evidentemente a noção de pulsões parciais; aceita o complexo de Édipo; utiliza as hipóteses de desejo e inveja do pênis; adota a segunda tópica e sua divisão em id, ego e superego e

noção de caráter no seu sentido descritivo, por meio dos relatos clínicos, não pudesse constituir um desafio profícuo, mas o proveito dessa empreitada seria escasso em termos teóricos, e é justo este o recorte a que nos propusemos.

4.4 Síntese

Neste capítulo, acompanhamos o uso da noção de caráter por Reich desde seu primeiro aparecimento, em “Dois tipos narcisistas” (1922/1975), até seu uso mais extenso, no texto *O caráter impulsivo...* (1925/1975). Vimos que em ambos os trabalhos o autor oferece elementos esclarecedores, coerentes tanto com as referências de outros autores, apresentados nos capítulos precedentes, como entre si.

Reich define o conceito de caráter de várias maneiras. Para ele, caráter seria a dimensão total das atitudes e ações individuais em relação ao mundo. Sua formação estaria ligada a diversos fatores, entre os quais os processos de identificação com as figuras parentais, o desenvolvimento psicosexual, a relação entre ideal de ego e ego e a receptividade do ego-prazer às restrições e identificações. A variação desses fatores, devida ao contexto social, cultural e sexual, bem como à disposição herdada pelo indivíduo, poderia aproximar ou afastar o caráter da neurose.

A dimensão total e ampla do caráter é bastante enfatizada pelo autor por meio do contraste entre neurose de caráter e neurose ou, simplesmente, entre caráter e sintoma, já que, na comparação com a

reconhece a importância dos processos de identificação. Enfim, nesse período, está totalmente instrumentalizado com ferramentas de pensamento psicanalíticas.

especificidade e a localização restrita do último, fica mais compreensível a dimensão difusa e total do primeiro. Mas, se por um lado Reich diferencia a neurose de caráter das neuroses (sintomáticas); por outro, afirma que na base de toda neurose há um caráter neurótico, tornando-se a abordagem do caráter essencial a qualquer intervenção terapêutica. E esse é um outro elemento de destaque dos textos examinados: o autor ressalta a vantagem técnica da análise do caráter sobre a análise de sintomas. Só que o caráter que imprime a forma das atitudes, dos comportamentos e das resistências do paciente é expresso, em grande parte, por meio da ação, e isso cria dificuldades para a técnica terapêutica mais habituada a trabalhar com outro tipo de material. Reich indica, por fim, outras dificuldades terapêuticas, vinculadas particularmente às neuroses de caráter que descreveu. Estas seriam típicas de tais pacientes. A pouca intensidade da transferência positiva, a transferência negativa inicial vigorosa, as couraças narcísicas contra a análise e a falta de consciência da patologia são exemplos dessas dificuldades.

Gostaria enfim de, neste percurso, levantar uma questão relativa à compreensão de caráter e de superego em Freud e em Reich. Como dissemos, Reich afirma que o superego isolado é, digamos assim, uma organização patológica responsável pelo funcionamento dos caracteres impulsivos. Desse modo, talvez tivéssemos de retomar Freud, para quem o que diferenciaria o caráter do superego é justamente o fato de o superego ficar à parte do restante do ego, enquanto o caráter estaria incorporado ao mesmo. Se ambos os autores estivessem falando de isolamento, e o fizessem no mesmo sentido, haveria então uma oposição entre os dois ou um erro de interpretação de minha parte. Não creio em nenhuma dessas alternativas. Se lembrarmos o que Reich descreve no processo normal de desenvolvimento do ego, veremos que o isolamento

do superego a que ele refere é a situação em que não há adaptação do ego a ele. Normalmente, o superego como instância à parte e dominante exerce pressão sobre o ego que, gradualmente, torna suas as demandas superegóicas, constituindo, nessas condições, seu caráter. Se o superego é isolado, ocorre que esse processo de adaptação do ego fica impedido. Logo, para recompor a dessemelhança entre superego e caráter, diria que este se constitui de elementos do superego que foram incorporados pelo ego, deixando de instituir-se como crítica, para assumir uma condição de identidade. Essa visão revela-se inteiramente de acordo com o que encontramos em Freud. Isso posto, parece-me pertinente concluir que se oferece, até aqui, uma concepção de caráter reichiana francamente psicanalítica. No próximo capítulo, veremos de que modo essa formulação gradualmente se transformou.

5. A CONCEITUAÇÃO DE CARÁTER EM REICH – 2:

ANÁLISE DO CARÁTER

No capítulo anterior, acompanhamos o delineamento da noção de caráter em dois textos escritos por Reich. Procuramos esmiuçar o uso do termo e extrair daí uma definição razoável do que seria caráter na visão desse autor, à época dessas reflexões. Os textos analisados foram escritos na primeira metade da década de 1920 e apresentam a concepção psicanalítica de Reich sobre os temas que aborda. Pudemos conhecer também um pouco das atividades por ele desenvolvidas no período, incrementando o contexto da produção de tais trabalhos. Apresentou-se, assim, a emergência dessa noção no pensamento reichiano.

Neste capítulo, partimos da base constituída nos anteriores, em busca das evoluções que o conceito sofreu nos desdobramentos do pensamento desse autor. Para tanto, nosso caminho nos conduz ao livro *Análise do caráter* (Reich, 1948/1995).

5.1 Visão sintética e contextual da primeira edição de *Análise do caráter*

A primeira edição dessa obra, publicada em 1933, reunia textos escritos de 1926 até 1933. Os seis primeiros capítulos, todos escritos até 1929, compõem uma discussão sobre a técnica psicanalítica, na qual se apresentam críticas e reformulações de procedimentos técnicos, seguindo novos princípios elaborados a partir da reflexão sobre as dificuldades e

os fracassos clínicos da psicanálise de então. O autor revela as dimensões técnicas da reformulação que a análise do caráter representava para a psicanálise e fundamenta essa discussão em termos metapsicológicos.

O primeiro desses capítulos, chamado “Alguns problemas da técnica psicanalítica”, constitui-se de uma excelente síntese sobre a técnica psicanalítica, em que se destacam as premissas por ela adotadas e algumas questões deixadas sem resposta (por exemplo, a premissa de que se deve buscar as origens infantis das manifestações de transferência não diz claramente quando nem como isso deve ser feito). Diante disso, Reich formula como propósito do livro o esforço de responder de forma clara e sistemática a essas perguntas.

O autor abre o capítulo seguinte questionando-se sobre quais fatores seriam necessários e suficientes para a cura dos pacientes, garantindo o desaparecimento duradouro dos sintomas. A resposta que oferece aponta, consideradas suas descobertas a respeito da função do orgasmo, para a satisfação genital da libido como o fator principal. Isso porque só essa satisfação anularia a base econômica ou somática das neuroses, ou seja, a estase da libido. A satisfação genital da libido, no entanto, só seria possível, segundo o autor, se as inibições sexuais enraizadas no caráter fossem analisadas e superadas.

O terceiro capítulo ilustra os erros na técnica de interpretação, decorrentes de respostas equivocadas às questões apresentadas no primeiro capítulo. Mostra que esses erros podem levar a análise à chamada “situação caótica”. Nessa situação, o paciente apresenta intensa e desordenada produção de material de seu inconsciente, e o analista interpreta muito, mas também desordenadamente. Assim, não há aprofundamento e, apesar da aparente produtividade, na verdade a

análise fica estagnada. Reich sistematiza, então, os vários tipos de erro que configuram situações desse tipo; entre eles, a interpretação prematura do significado – na qual manifestações profundas do inconsciente são interpretadas sem que o analista tenha considerado as resistências do paciente e sua capacidade egóica de assimilar esse material – e a interpretação de resistência e de significado fora de uma seqüência adequada – na qual material distinto é interpretado simplesmente na ordem em que emerge. Para Reich, há uma diferença crucial entre a interpretação de significado, ou de sentido, e a interpretação de resistência. Na primeira o analista volta-se para o conteúdo inconsciente mais profundo, procurando revelá-lo ao paciente. Na última o foco dirige-se para a forma com que o paciente impede a emersão desse conteúdo. Considera que avançar na direção do significado sem analisar anteriormente a resistência inviabiliza o sucesso da análise, pois, cedo ou tarde, as resistências negligenciadas pela análise acabam desqualificando os avanços supostamente obtidos. Após acusar esses equívocos, Reich propõe diretrizes técnicas a fim de os evitar. Entre elas, a de não fazer interpretações de significado antes de haver uma interpretação da resistência e a de não deixar de utilizar o comportamento do paciente como material analítico.

O capítulo quatro, “Sobre a técnica de análise do caráter”, apresenta e ilustra o que seria a análise do caráter. Para tanto, tece explicações acerca do caráter e de suas resistências e couraças, propondo, em seguida, as diretrizes de uma técnica capaz de incluir tais elementos à análise, e compara-a com a técnica de análise de resistência habitual. Duas características marcam a análise do caráter nessa comparação: primeiro, a adoção de uma seqüência regular de interpretação do material, de acordo com a estrutura individual da

neurose, iniciando sempre pela análise das resistências transferenciais mais superficiais até as análises mais profundas e de significado; segundo, o esforço de isolar e objetivar certos traços de caráter, permitindo ao paciente sua libertação dos mesmos. Por fim, Reich dá a conhecer vários casos clínicos de sua experiência. Procura, através dessa apresentação, ilustrar o modo de intervenção de uma análise do caráter, com suas peculiaridades.

O capítulo que se segue consiste numa breve discussão de algumas contra-indicações da técnica de análise do caráter. Por exemplo, o autor mostra cautela no que se refere a seu uso por terapeutas inexperientes, já que muitas vezes afetos violentos são despertados por essa técnica e, não raro, o paciente fica num estado mais ou menos desamparado. Também desaconselha o uso inicial dessa abordagem com pacientes cuja couraça de caráter não esteja bem consolidada, como nos “... casos de histeria de angústia aguda e extrema.” (Reich, 1948/1995, p. 120). Finalmente, constrói uma sucinta consideração sobre as possibilidades e os limites de modificação do caráter através da análise.

No sexto capítulo, último da primeira parte desse livro, Reich pensa o manejo da transferência, tanto positiva quanto negativa. Sua tese: no início da análise não há transferência positiva genuína – a que consiste em expressão duradoura de tendências amorosas objetais, não-ambivalentes e eróticas–, sendo a transferência positiva que aí surge ilusória, pois, apesar da aparência polida e amorosa, consiste em atitude de devoção, em transferência de desejos narcísicos ou em transferência positiva reativa – visando encobrir uma latente transferência negativa. Em todos esses casos, a transformação de positivas em negativas é, a seu ver, inevitável, se não forem desmascaradas a tempo. Por isso, concede

grande importância à análise da transferência negativa – a principal fonte de resistência, pouco notada e interpretada pelos analistas da época, segundo Reich. Ainda nesse capítulo, discute o manejo da regra de abstinência. Esta era interpretada, então, por alguns analistas, como a proibição estrita de que seus pacientes tivessem relações sexuais enquanto estivessem em processo de análise. Evidentemente, Reich não concorda com essa interpretação e propõe que essa regra se aplique com muita elasticidade e “... subordinada ao princípio econômico da concentração da libido na zona genital.” (1948/1995, p. 137). Finalmente, emite considerações deveras importantes sobre a contratransferência e a postura do psicanalista em relação aos seus pacientes. Reich enfatiza a importância da flexibilidade e da abertura do analista ao novo e mostra como essa atitude e a própria disponibilidade do analista para reconhecer certos eventos da análise – como a transferência negativa – dependem, em grande parte, de sua própria coragem de caráter.

Com essas idéias, encerra-se a primeira parte do livro, voltada à técnica da análise do caráter. Nela lança uma reflexão sobre as premissas e os objetivos do tratamento psicanalítico, bem como sobre os erros mais correntes nessa prática. Baseado em tal exposição, procura elaborar diretrizes técnicas que não apenas respondessem de forma mais direta aos objetivos da clínica psicanalítica, mas também evitassem os erros por ele detectados e descritos. Essas orientações constituem sua análise do caráter.

A segunda parte do livro, do sétimo ao décimo segundo capítulo, aborda a teoria da formação do caráter. Os capítulos sete, oito e doze discutem principalmente a formação do caráter, ilustrada em reflexões

clínicas nos capítulos nove e onze e em uma apresentação de tipos no capítulo dez. Assim, o livro *Análise do caráter* (Reich, 1948/1995) forma uma unidade composta por reflexões técnicas e metapsicológicas sobre a psicanálise e a análise do caráter, acrescidas de fundamentação clínica.

No capítulo sete, “A solução caracterológica do conflito sexual infantil”, escrito em 1930, o autor busca salientar as possibilidades de reconhecimento, nos traços formais do caráter, dos elementos históricos que permitem sua organização. Empreende assim várias considerações sobre o que seria o caráter – que passa a identificar igualmente por *couraça* –, qual seria sua função e como se formaria. Também retoma argumentos, apresentados em *O caráter impulsivo...* (Reich, 1925/1975), sobre os fatores do desenvolvimento sexual infantil que exerceriam um papel na constituição específica do caráter. Entre esses fatores estariam: a fase do desenvolvimento na qual a pulsão é frustrada, a frequência e a intensidade das frustrações, as pulsões contra as quais a frustração é dirigida, a correlação entre indulgência e frustração, o sexo do principal responsável pela frustração e a coerência das interdições. Não é difícil reconhecermos aqui os elementos inventariados em nosso quarto capítulo. O autor oferece, ademais, exemplos de como essas influências se dão, contrastando a formação de diversos tipos de caráter.

O oitavo capítulo propõe a distinção entre duas formas de caráter: o genital e o neurótico. Essa é uma distinção elástica, posto que, para esse autor, a diferença entre eles tem base mais quantitativa do que qualitativa, variando conforme o grau de satisfação sexual direta e o grau de estase da libido. Mesmo assim, seus extremos representam os protótipos de saúde e doença para Reich. O autor começa o capítulo

apresentando novamente considerações sobre a função do caráter no psiquismo, remetendo às proposições freudianas atinentes. Resultam daí mais elementos refinadores da sua noção de caráter. Em seguida, passa a diferenciar o caráter genital do neurótico. Com esse intuito, mostra como o id, o superego e o ego se estruturam e funcionam nesses caracteres. Dentre as distinções que destaca, encontra-se a predominância da culpa e de um moralismo sádico no caráter neurótico, enquanto no caráter genital prevaleceria a auto-regulação da ação com base numa economia saudável da libido²⁴. Encerrando esse capítulo, Reich apresenta a sublimação e a formação reativa como processos ligados respectivamente ao caráter genital e ao neurótico.

O capítulo seguinte é uma ligeira discussão de casos clínicos, na qual, além de reforçar a influência das situações infantis sobre a gênese do caráter, o autor reconhece que certos traços de caráter do adulto podem se originar de fobias vividas na infância. A partir dessa constatação, procura discutir esse novo elemento sobre a formação do caráter.

O décimo capítulo, “Algumas formas definidas de caráter”, configura a construção reichiana que, nesse livro, mais se aproxima da formulação de uma tipologia²⁵. Apresentam-se, nele, algumas manifestações de caráter, como o histérico, o compulsivo, o fálico-narcisista e o passivo-feminino. Sua descrição se concentra no funcionamento psíquico desses caracteres, embora também se ocupe de suas características típicas, que não chega a ilustrar clinicamente.

²⁴ É importante notar a explicitação, nesse capítulo, da noção de auto-regulação - das mais importantes no pensamento reichiano. Uma abordagem aprofundada do desenvolvimento dessa noção no pensamento de Reich é apresentada por Bellini (1993).

²⁵ Nesse capítulo em particular, mas também em outras partes do livro, Reich descreve algumas formas definidas de caráter. Essas descrições, no entanto, não pretendem alcançar toda a diversidade

No capítulo onze, engendra mais uma discussão clínica sobre um tipo específico de caráter – o masoquista. Discorre longamente sobre suas características e sobre sua formação, ilustrando clinicamente suas colocações. As considerações precisas e contundentes acenam para suas conseqüências teóricas. Estas, de forma geral, negam a leitura freudiana de então sobre o masoquismo. Aliás, o começo desse capítulo consiste exatamente numa problematização da proposição freudiana do masoquismo primário, ou erógeno, esta baseada na hipótese da existência de uma pulsão de morte da qual o masoquismo seria uma manifestação. Reich critica a radical transformação da formulação do conflito neurótico, antes expresso como o conflito entre libido e medo de punição, e agora enunciado na antítese entre libido e desejo de punição, expressões da pulsão de vida e de morte. O autor aponta, ainda, a redução da importância do mundo externo, da sociedade, para a compreensão do sofrimento humano, decorrente desse enfoque freudiano. Demora-se, então, em ponderações acerca da precariedade da sustentação da hipótese de uma pulsão de morte. Só depois dessa introdução é que parte para a consideração, a que me referi acima, do caráter masoquista do ponto de vista clínico propriamente dito. Esse capítulo exhibe, portanto, as diferenças do pensamento entre Reich e Freud. Mas, para além da divergência, ao propor o debate no qual se insere a crítica à teoria da pulsão de morte e à afirmação do masoquismo primário, Reich confere legitimidade a essa discussão, e se vê em choque com a instituição psicanalítica. Seguiu-se à publicação desse artigo, em 1932, a réplica de um outro psicanalista (Siegfried Bernfeld), que advertia a respeito da vinculação política de Reich em relação ao Partido

de tipos, nem mesmo sistematizá-los segundo critérios fixos. Por isso, não chega a se constituir como uma tipologia, no sentido apresentado no capítulo dois desta pesquisa.

Comunista, tentando desqualificar o texto reichiano, a partir dessa nota, em termos científicos.

O último capítulo dessa segunda parte de *Análise do caráter* (Reich, 1948/1995), o texto “Algumas observações sobre o conflito básico entre necessidade e mundo externo”, complementa as críticas à segunda teoria pulsional de Freud, enunciadas no capítulo anterior. Buscando fornecer uma conclusão teórica a esse livro, Reich afirma que a antítese que fundamenta a constituição do psiquismo é sempre entre o ego (num sentido ampliado, abrangendo o id) e o mundo externo e não entre pulsão de vida e pulsão de morte. Reafirma que o masoquismo é uma conseqüência tardia do desenvolvimento, e que os fenômenos dos quais se procura deduzir a existência de uma pulsão de morte são, de fato, decorrências de uma fuga narcísica do mundo, em virtude de suas características frustradoras e ameaçadoras. Encerra seu raciocínio com a formulação de que “... o sofrimento provém da sociedade. Por isso, temos toda razão em perguntar por que a sociedade produz sofrimento e a quem isso interessa.” (1948/1995, p. 264).

Essa segunda parte do livro, como vimos, aborda a formação do caráter acompanhando de perto os argumentos psicanalíticos e aqueles utilizados por Reich em *O caráter impulsivo...* (1925/1975). Na seqüência, encaminha-se para uma postura mais crítica em relação à segunda teoria pulsional de Freud. É um texto que claramente pertence ao campo psicanalítico e representa, assim, uma certa continuidade em relação aos dois textos que abordamos anteriormente²⁶.

²⁶ Se aqui incluo esse livro no conjunto da produção psicanalítica desse autor, faço-o por diversas razões. Historicamente, tem-se que foi escrito num período em que Reich estava associado ao movimento psicanalítico, sendo que alguns de seus capítulos publicaram-se originalmente na revista oficial da Associação Psicanalítica e outros foram apresentados em congressos da mesma. Em termos de referências, vemos que os pares com quem Reich dialoga são majoritariamente autores psicanalistas. Do ponto de vista teórico, utiliza-se, aqui, como já afirmei a respeito dos textos

Do ponto de vista do contexto histórico contemporâneo à produção desse livro, vale dizer que o período de 1926 a 1933 foi de muita atividade para esse autor – o que se constata pela quantidade de textos escritos nesse período – e de intensificação de seu interesse pela sociologia e pela política. Em 1927, Reich publicou *Psicopatologia e sociologia da vida sexual: Die Funktion des Orgasmus* (1927/s.d.), livro em que explica e desenvolve sua teoria do orgasmo. Nesse mesmo ano, coroou sua aproximação política com a esquerda e o marxismo, filiando-se ao Partido Comunista Austríaco. Daí aprofundou seus estudos no marxismo e levou a público, em 1929, *Materialismo dialético e psicanálise* (1929/1975). Também se envolveu em trabalhos de profilaxia da neurose e de informação sobre as questões ligadas à sexualidade da população. Em 1929, Reich visitou a Rússia e, em setembro de 1930, mudou-se de Viena para Berlim.

Lá encontrou, junto aos psicanalistas e comunistas, maior receptividade às suas idéias, tanto referentes à política e à crítica social, quanto à importância da sexualidade e ao esclarecimento e à crítica da moral sexual. Nessa cidade, Reich iniciou sua análise didática com o psicanalista húngaro Sándor Rado, que, no entanto, teve de ser interrompida no ano seguinte, quando Rado se transferiu para Nova York.

Em 1931, a partir da iniciativa de Reich de projetar uma entidade que unisse a ação revolucionária econômica e a sexual, fundou-se, ligada ao Partido Comunista Alemão, a Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária – Sexpol, da qual Reich participou intensamente.

referidos anteriormente, das principais noções psicanalíticas, em sentido equivalente ao utilizado em sua época. Além disso, nos próprios prefácios à primeira e à segunda edição, o autor insere esse livro no “quadro da psicanálise freudiana.” (1948/1995, p. 9). Por fim, vale ressaltar que autores ligados à

Em 1932, publicou *O combate sexual da juventude* (Reich, 1932/1978) e *Irrupção da moral sexual repressiva* (Reich, 1932/ s.d.). No começo do ano de 1933, com o avanço do nazismo e o início da perseguição a intelectuais e a simpatizantes do comunismo, Reich retornou a Viena. De lá, não tendo encontrado receptividade às suas idéias no meio psicanalítico, partiu para Copenhague, na Dinamarca. Em sua brevíssima passagem por Viena, publicou *Análise do caráter* (1948/1995). No mesmo ano, em Copenhague, viria *Psicologia de massa do fascismo* (1933/1974).

Curiosamente, *Análise do caráter* (1948/1995) concentra as reflexões clínicas desse autor. Poucas vezes nesse livro aparece explícita a referência às questões sociológicas e políticas, que, para ele, eram intrínsecas à formação do caráter e sobre as quais produzia tanto nessa época. Há apenas uns poucos apontamentos dispersos ao longo do texto.

A esta altura, creio termos conformado uma visão geral da primeira edição da obra sobre a qual vamos nos debruçar. Evidentemente, uma apresentação tão sucinta não pode pretender contemplar todos os elementos importantes desse texto; o intuito aqui é obter um apanhado proveitoso.

Sendo assim, acredito devermos esmiuçar um pouco mais o contexto de aprimoramento técnico da psicanálise, que engloba e que afetou enormemente a elaboração desse livro. Ainda que nos tenhamos detido nisso no capítulo anterior, convém trazer à cena, agora, mais elementos.

psicanálise, como Berlinck (1995) e Landa, E. (1995), incluem esse texto na tradição psicanalítica. Creio que a reflexão mais apurada sobre esse livro revela adequada essa inclusão.

5.2 O contexto técnico da primeira edição de *Análise do caráter*

Se podemos identificar uma intenção em *Análise do caráter* (Reich, 1948/1995), trata-se exatamente de extrair da experiência analítica acumulada até então as lições que permitem a formulação de preceitos técnicos amplos e universais, para orientar a apreciação dos casos individuais. Logo, podemos dizer que esse é um livro de finalidade técnica. Tal vocação evidencia-se, como vimos, nos seus primeiros capítulos, nos quais Reich se concentra em realizar uma apresentação e a problematização sistemática da técnica psicanalítica vigente, passando em seguida a propor as soluções que imaginou.

O autor não estava sozinho na busca por uma reflexão sobre a técnica. Ferenczi e Rank, para retomar dois exemplos mencionados, já buscavam, antes dele, rever a técnica psicanalítica com a ousadia que levaria ao desenvolvimento das inovadoras propostas de tais autores – a técnica ativa que Ferenczi propõe em 1919²⁷, e a terapia ativa idealizada por Rank em 1926 (Roudinesco, 1998). Não é possível, portanto, dizer que nas décadas de 1920 e 1930 a psicanálise já dispusesse de preceitos técnicos amplos e consensuais, como explica Dadoun:

Quando Reich elabora os conceitos de análise caracterial e suas modalidades de intervenção, primeiro na época em que dirige o seminário de técnica psicanalítica de Viena,

²⁷ Ferenczi “... supõe que o analista possa ser capaz de abandonar sua posição, dita de ‘receptividade passiva’, para propor ao paciente, por exemplo, fazer uma experiência de frustração (interdição de um gesto, de um movimento), cujo objetivo é assegurar que as tensões habitualmente descarregadas pela motilidade possam ter acesso à análise.” (Haynal, 1995,p. 19).

entre 1924 e 1930, e depois durante a sua intensa atividade em Berlim, de 1930 a 1933, a psicanálise, por estranho que pareça, não dispunha de uma verdadeira estratégia terapêutica. Os poucos princípios propostos por Freud, aprofundados e refinados por analistas como Abraham, Rank ou Ferenczi – regra de associação livre, leitura e interpretação do material inconsciente, especialmente onírico, transferência dos afetos ao psicanalista, tomada de consciência – configuram um marco bastante impreciso, dentro do qual são postos à prova todos os tipos de táticas pessoais. (Dadoun, 1991, p. 100).

Reich voltou-se, então, justamente à busca por referências técnicas precisas para o trabalho de análise; preceitos que não apenas servissem de parâmetro para a formação de novos analistas, mas que pudessem também responder com rigor às necessidades oriundas da clínica, a partir do pressuposto de que:

... uma situação analítica definida admite apenas uma única possibilidade ótima de solução, e que existe apenas uma intervenção técnica que pode realmente ser correta em um dado caso. Isso é válido tanto para uma situação particular como para a técnica analítica como um todo. Daí se conclui que a tarefa consiste em estabelecer os critérios dessa técnica correta e, sobretudo, como se chega a ela. (Reich, 1948/1995, p. 20).

Vale lembrar que, se Reich de fato busca uma técnica inequívoca, ele repete, diversas vezes, a ressalva de que essa técnica não é:

... um princípio assentado em práticas rigidamente fixadas, mas um método que se apóia em certos princípios teóricos básicos; ademais, ela só pode ser determinada em função do caso e da situação individuais. (1948/1995, p. 20).

O autor acredita que tal técnica ótima é contextualizada e, portanto, flexível. Crê também que essa técnica ótima, desenvolvida a partir dos casos individuais, deva permitir que o analista se aproxime da “... realização da exigência de ser capaz de explicar, em todo e qualquer caso, por que exatamente conseguiu ou não efetuar uma cura.” (p. 22). Evidentemente, tal busca, aos nossos olhos contemporâneos, de tempos “... de rupturas, contradições e fragmentações, de psicanálises...”, como diz Eva Landa (1995, p. 17), parece difícil sem se apelar para a convicção religiosa. No entanto:

... se renunciarmos à ‘técnica inequívoca’, isto não significa que renunciemos ao duro trabalho de seguir fundamentando nossas opções em termos teóricos e técnicos, a partir da experiência analítica... (Landa, E., 1995, p. 18).

Talvez essa observação indique uma das qualidades desse texto reichiano, que, aliás, o torna um clássico – consiste num esforço concentrado de fundamentação teórica e técnica da prática clínica.

Se, além disso, considerarmos a pessoa do analista como um elemento singular, que também constitui a situação clínica, podemos extrapolar a posição de Reich, tendo que, para analistas diferentes, a solução ótima seria diferente²⁸. Isso demonstra certa ambigüidade do autor – por um lado busca diretrizes técnicas universais, por outro, o respeito às peculiaridades pessoais. Nesse livro, ao menos, o autor parece ceder mais ao primeiro intuito.

Inevitável que se levante a pergunta: e de que forma esse movimento e essa intenção de busca de definição da técnica ótima se relacionam ao desenvolvimento da noção de caráter? Ora, justamente essa noção, que já se fazia presente nos escritos psicanalíticos do período, vai ser mais rigorosamente exigida conforme o desenvolvimento que a técnica tomar. É que a técnica vai se dirigir, como vimos, do sintoma, como algo mais restrito e mais isolado, para o caráter, como uma dimensão total e ampla. Essa direção, em Reich, parte da crítica de uma psicanálise debruçada apenas sobre os sintomas (e também sobre a transferência positiva) e segue para o elogio de uma psicanálise cujo esforço se dirige à análise das transferências negativas e à análise de todas as formas de resistência. Isso leva, por fim, à sua proposta de análise do caráter, sendo

²⁸ Essa conclusão se identifica com uma colocação de Freud num de seus textos de considerações técnicas, “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” (1912/1988), no qual ressalta que a técnica que no texto vai recomendar aos leitores psicanalistas “... é a única apropriada à minha individualidade; não me arrisco a negar que um médico constituído de modo inteiramente diferente possa ver-se levado a adotar atitude diferente em relação a seus pacientes e à tarefa que se lhe apresenta.” (p. 125).

ele pensado também como uma resistência, e das mais importantes. Essa chegada à análise do caráter não se deu, portanto, de forma direta ou por razões conceituais, mas pela necessidade oriunda da clínica, para a qual a resposta foi se desenvolvendo, na experiência desse autor, coerentemente nesse sentido. Com essa transformação, salientou-se a importância de pensar sobre o que seja mesmo o caráter e sobre como ele se forma nas tramas inconscientes que constituem o homem, sujeito da psicanálise.

5.3 O viés psicanalítico e sociopolítico sobre o conceito de caráter

Nos capítulos anteriores, viu-se a utilização da noção de caráter por autores como Freud, Abraham, Adler e Ferenczi. Vimos como esse conceito emerge na obra de Reich e suas relações com os autores citados. Sintetizemos suas proposições a fim de avivar a memória.

O conceito de caráter foi adotado por Freud, na sua apropriação mais elaborada, como sendo uma parte do ego modificada e constituída pelo prolongamento e pelas transformações das pulsões parciais e por processos de identificação com objetos amorosos abandonados. Abraham, por sua vez, valoriza o papel desempenhado pelo desenvolvimento psicosexual na formação do caráter. Acrescenta a constituição cultural do caráter e o fato de que ele é uma organização mutável. Adler e Ferenczi atentam para a importância de dirigir a análise ao caráter do paciente.

Banhado por essas referências, Reich começou a utilizar o termo caráter para designar a dimensão total das atitudes e ações individuais em relação ao mundo. Essa dimensão teria lugar no ego e sua constituição estaria ligada aos mesmos elementos descritos pelos autores

anteriormente, ou seja, pela transformação das pulsões parciais ao longo do desenvolvimento psicosssexual, por processos de identificação e por fatores culturais e históricos. Além desses determinantes, o autor concede importância a fatores intrapsíquicos como a relação entre o ideal de ego e o ego e a receptividade do ego-prazer às restrições e identificações relativas ao mundo externo. Quanto à importância da análise do caráter para a psicanálise, Reich é enfático ao afirmá-la.

Mais uma vez se vê explicitado o surgimento da noção de caráter, em Reich, dentro do seu pensamento psicanalítico. Verifiquemos de que forma esse conceito aparece nos primeiros doze capítulos de *Análise do caráter* (1948/1995).

O modo pelo qual realizaremos essa reflexão procura colocar em destaque os pontos que, de alguma maneira, modificam ou acrescentam elementos a essa definição. Devido à densidade e ao volume desse livro, seria impraticável tomá-lo capítulo a capítulo, pontuando as referências feitas a caráter, como fizemos nos outros textos. Contentemo-nos, então, em ressaltar os elementos mais significativos para nossa empreitada.

Logo no prefácio, o autor apresenta uma dimensão do caráter que considera fundamental, embora não vá abordá-la diretamente ao longo do texto – a dimensão sociopolítica.

5.3.1 A dimensão sociopolítica do caráter

O olhar de Reich sobre a dimensão social e política da existência e do sofrimento humano é uma marca de seu pensamento. Talvez sua sensibilidade para a exploração e a desqualificação social do humano

datasse de sua infância, e penso que não é exagero relacionar essa sensibilidade às experiências infantis em que via seu pai exercer, a seus olhos, de forma exagerada, seu poder e sua autoridade sobre os camponeses de sua fazenda (Reich, 1988[1922]/1996). Pode-se supor, também, que a dificuldade econômica que viveu logo antes da morte de seu pai e que se repetiu em Viena, enquanto estudante, tenha aguçado essa sensibilidade. De qualquer modo, seu engajamento político e sua leitura de Marx e Engels deram consistência analítica e crítica a ela. Particularmente em sua preocupação clínica, essa característica possivelmente fora estimulada pelos atendimentos efetuados na Clínica Psicanalítica de Viena, onde a pressão da precariedade social contava fortemente no desenlace dos casos. Desse modo, a noção de caráter em Reich foi permanentemente pensada, em sua constituição, como um produto social e político. Observa-se isso, por exemplo, quando o autor coloca, no prefácio escrito em 1933 para a primeira edição de *Análise do caráter* (1948/1995), que:

... as estruturas caracterológicas do povo de uma dada época ou de um sistema social não são apenas um espelho desse sistema. Mais significativamente, representam sua ancoragem (...). É nessa ancoragem da ordem social na estrutura do caráter que se encontra a explicação da tolerância das camadas oprimidas da população em relação ao domínio de uma classe social superior. (p. 5).

Mais adiante, estendendo essa proposição à reflexão política sobre a adesão das massas ao fascismo, chega à constatação de que subjaz a ela

um processo de influência sobre o caráter dos indivíduos que constituem a massa, um processo que o autor articula da seguinte maneira:

A estrutura sócio-econômica da sociedade determina modos definidos de vida familiar, mas estes não só pressupõem formas definidas de sexualidade como também as produzem, na medida em que influenciam a vida pulsional da criança e do adolescente, do que resultam mudanças de atitudes e de modos de reação. A esta altura podemos ampliar nossa afirmação anterior sobre a reprodução e a ancoragem do sistema social e dizer: a estrutura do caráter é o processo sociológico congelado de uma determinada época. As ideologias de uma sociedade podem se tornar uma força material apenas com a condição de que mudem realmente as estruturas de caráter do povo. Portanto, o estudo da estrutura do caráter não tem somente interesse clínico... (Reich, 1948/1995, p.7).

Nesse sentido, a análise do caráter, ou a visão reichiana psicanalítica do caráter, é comprometida política e cientificamente com a reflexão, não apenas sobre o indivíduo e sua psicologia, mas também

sobre o mundo que constitui este indivíduo²⁹, com suas forças históricas. Tal visão afigurava-se inovadora³⁰ e repercutiu no engajamento político presente, em certo momento, na prática reichiana.

Da mesma forma, ao desenvolver e formular, através de sua prática psicanalítica, os meios pelos quais o caráter se constitui, expande-se, para Reich, o horizonte de análise dos fenômenos sociais. A análise que realiza em *Psicologia de massa do fascismo* (1933/1974) é exemplo disso. Nessa análise, ao pensar de forma original sobre a adesão das massas ao fascismo, Reich contribuiu para a chamada “psicologia política”, mostrando como as estruturas caracteriais de que o fascismo necessitava para existir podem ser produzidas.

Ainda que rica, essa reflexão política e sociológica sobre o caráter e sua formação só foi desenvolvida diretamente por Reich em outras obras. Em *Análise do caráter* (1948/1995), procura utilizar a clínica psicanalítica como um observatório privilegiado para a investigação da “estrutura humana” e, dessa forma, o interesse pelo aprimoramento da técnica é justificado como um afinamento do instrumento que é a análise individual para o fim de investigação sobre o homem. Decerto por isso as primeiras considerações feitas sobre o caráter, nesse livro, estão inteiramente ligadas à problematização da técnica.

²⁹ Um exemplo desse compromisso é dado no livro *O caráter impulsivo...* (Reich, 1925/1975), no qual Reich reconhece a importância da ideologia e da cultura na constituição do caráter, através dos modelos oferecidos como passíveis de adoção como ideal de ego. Ilustra esse processo com o caso da condição feminina que, até o começo do século XX, tinha como único modelo possível de ideal de ego feminino a realização como mãe ou esposa (noutros termos, a solução feminina “saudável” para o desejo do pênis e a castração se daria pela renúncia ao pênis e substituição desse desejo pelo desejo por um filho ou um marido). Em sua época, Reich percebia que começavam a surgir também como possibilidade de ideal de ego feminino caminhos que antes eram prerrogativas masculinas, por exemplo o desejo de estudar e se realizar pelo trabalho não doméstico.

³⁰ Embora Abraham (cf. p. 50) aponte a relação entre a forma do caráter individual e as condições históricas da sociedade no qual este surge, a reflexão reichiana alcança uma extensão social e política que lhe é peculiar.

5.3.2 O caráter como resistência

Nos três primeiros e no sexto capítulo desse livro, como já ressaltamos, Reich reflete sobre as dificuldades usualmente encontradas na clínica psicanalítica. Com base na reflexão sobre casos difíceis e fracassos clínicos, reconhece que, na história de tais casos, a resistência do paciente à análise sempre havia sido descuidada pelo analista. Extrai dessa observação a tese – que teoricamente já transitava na psicanálise em vigor, apesar de, como aponta Reich, ser pouco freqüentemente posta em prática – de que a análise das resistências do paciente deve ser a primeira tarefa da análise e seguramente tem que ser realizada antes que análises de significado, mais profundas, sejam experimentadas, sob o risco de se inutilizar uma interpretação, aumentar a resistência do paciente, chegando, às vezes, ao abandono do processo analítico.

Das formas de resistência que analisa, uma que frisa ser freqüentemente negligenciada é a que decorre da transferência negativa. Daí sua atenção se voltar bastante às suas possíveis manifestações encobertas.

Após apresentar e justificar a tese da importância da análise sistemática das resistências e da análise da transferência negativa antes da análise de significado e da transferência positiva, Reich acrescenta à sua reflexão uma forma de resistência intensa e não abordada até então pela psicanálise: a resistência de caráter. Os capítulos quatro e cinco desse livro mergulham nessa forma de resistência e nas proposições técnicas para sua análise.

A instituição do caráter como resistência à análise é o primeiro acréscimo que esse livro traz à noção de caráter. Não que essa idéia não

tivesse sido aventada outrora por Reich. Em *O caráter impulsivo...* (1925/1975), o autor já aponta a relação entre o caráter e a forma tomada por certas resistências e ressalta que Freud também já deixara esse caminho indicado em suas considerações de “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico” (1916/1974). Mesmo assim, a proporção que *Análise do caráter* (1948/1995) dá à exploração do significado do caráter como resistência é inédita. O que podemos entender dessa designação? Isso que o autor chama de caráter, ou seja, a dimensão total e ampla das atitudes individuais em relação ao mundo, “trabalha”, na situação analítica, no sentido de evitar que certos conflitos e sentimentos inconscientes se tornem conscientes. E como essa resistência se manifesta?

Ao abordar a manifestação do caráter como resistência, Reich retoma outro ponto que enunciara antes: as resistências de caráter se ligariam à forma dos comportamentos, aos pequenos traços de caráter que, revelando dimensões resistentes à análise, davam novas possibilidades interpretativas ao psicanalista.

Certas considerações clínicas obrigam-nos a designar como “resistências de caráter” a um grupo particular de resistências que encontramos no tratamento de nossos pacientes. *Estas derivam seu caráter especial não de seu conteúdo, mas dos maneirismos específicos da pessoa analisada.*[grifos do autor] (1948/1995, p. 53)

Assim, o que marca essas resistências de caráter é o fato de aparecerem e operarem não por algum conteúdo ideativo isolado, mas

por modos de agir próprios da pessoa, que carregam em si, de forma inconsciente, tendências resistentes e defensivas. Essa direção define o caráter como sendo o conjunto de maneirismos, de modos de agir do homem, os quais, na análise, cumprem uma função de resistência.

Vale destacar que, ao falar em maneirismos, Reich não está concebendo comportamentos excêntricos ou descolados da totalidade da pessoa. Para ele, o caráter é o “modo de existir específico de uma pessoa.” (1948/1995, p. 56), é “... *a característica fundamental de uma personalidade.*”[grifos do autor] (1948/1995, p. 150-151). Vemos aqui, novamente, o caráter delimitado como um elemento individual e distintivo, tal qual aparece em *O caráter impulsivo...* (Reich, 1925/1975), bem como em diversos outros autores do terreno da caracterologia abordados em nosso capítulo dois. Assim, pensado como modo de agir característico de um indivíduo, o caráter se distancia ainda mais da noção de sintoma, pois além de, diferentemente deste, não ser localizado e isolado num evento específico (como uma conversão histérica ou uma idéia obsessiva), também se caracteriza por não ser estranho ao paciente (ego-distônico); o caráter consiste justamente no que lhe é mais próprio e particular (ego-sintônico)³¹. É sua forma de se comportar.

Considerar a forma de se comportar como expressão do caráter ou como o caráter em si não era pioneiro em termos da caracterologia. Diversos autores, como fizemos notar em nosso capítulo dois, reconheciam precisamente aí o domínio do caráter. O próprio Reich

³¹ O uso dos termos ego-distônico e ego-sintônico é, a meu ver, esclarecedor da distinção do modo como o caráter e os sintomas se relacionam com a experiência que o sujeito faz de si. Ainda assim, talvez, seguindo a sugestão de Josephs (1994), fosse melhor buscar uma expressão equivalente a self-sintônico e self-distônico para enfatizar o sentido identitário de ego de que se revestem essas expressões, sem perder de vista o fato de que o ego não é uma estrutura unitária, mas dividida em componentes múltiplos e conflituosos entre si.

tratara dessa forma o caráter no seu texto *O caráter impulsivo...* (1925/1975).

Forma-se, portanto, um novo quadro, mais elaborado, da noção de caráter para esse autor. Tomamos o conceito como o conjunto de atitudes e maneiras de agir de um indivíduo, que o singulariza e identifica, podendo operar de forma inconsciente, como resistência à emergência de conflitos inconscientes e também como resistência à análise. Porém, ao identificar o caráter com a forma do comportamento, esse autor desloca a técnica psicanalítica, em termos de foco, do conteúdo narrativo para os modos de sua apresentação, o que é uma mudança significativa decorrente dessa reorganização da noção de caráter. Diz o autor:

A resistência de caráter não se expressa em termos de conteúdo mas de forma: o comportamento típico, o modo de falar, andar, gesticular, e os hábitos característicos (como o indivíduo sorri ou escarnece, se fala de maneira coerente ou incoerente, o *quanto* é polido e o *quanto* é agressivo) (...). O indício da resistência de caráter não está naquilo que o paciente diz e faz, mas no *modo como* fala e age. Também não está no que ele revela em sonhos, mas no *modo como* ele censura, distorce, condensa etc. (...). A resistência de caráter permanece a mesma no mesmo paciente, independente do conteúdo. [grifos do autor] (Reich, 1948/1995, p. 59).

Vemos, nesta citação, a percepção da necessidade de deslocar o foco da análise, do conteúdo para a forma. Ilustrando este ponto, um

psicanalista e ex-paciente de Reich, O. S. English, nos conta, sobre a postura daquele como psicanalista, em 1929, o seguinte:

Foi por esta época que me lembro do Dr. Reich utilizando seu interesse em outras apresentações da personalidade além das verbais. Por exemplo, ele iria freqüentemente chamar minha atenção para a monotonia de meu tom de voz enquanto eu associava livremente. Ele também chamaria atenção para minha posição no divã e me lembro particularmente que ele confrontou-me com o fato de que ao entrar e sair do consultório, eu não me dirigia para um aperto de mãos com ele como era costume tanto na Áustria como na Alemanha. (1977, p. 241).

O psicanalista contemporâneo a Reich, Richard Sterba, também comenta que:

Reich tinha uma sensibilidade particular para o reconhecimento de resistências latentes e de sua notável influência no material consciente do paciente. A forma como o paciente apresentava seu material, seu modo e peculiaridade de falar, como entrava no consultório, como apertava as mãos do analista (em Viena esse era um costume estabelecido para o fim e o início de cada sessão) – tudo isso Reich nos ensinou a usar como uma informação importante, particularmente sobre as

resistências latentes.” (Sterba³² citado por Haynal, 1995, p. 52-53).

Nessas citações, percebemos o impacto dessa reformulação conceitual dentro da clínica, na direção que leva à análise do caráter. Ora, se no contexto analítico o caráter opera com função de resistência à análise, então, do ponto de vista mais técnico, até aqui abordado, essa função do caráter exige que ele seja, em primeiro lugar, submetido à análise para que esta tenha condições reais de se realizar e não apenas parecer se realizar. Tal discriminação, que visa instaurar verdadeiramente as condições de análise, é crucial para Reich que, como aponta Landa, “... não podia suportar uma análise (...) que fizesse cena de ser mas que não era...” (Landa, F., 1995, p. 21). O que Reich descobre é que, pela análise do caráter, o caminho para a análise dos significados inconscientes vai sendo espontaneamente aberto, pois o caráter traz em si o registro de sua constituição histórica pulsional e defensiva. Para melhor entender o que isso quer dizer, voltemos nossa atenção, uma vez mais, para a definição e as considerações que surgiam a respeito do caráter.

5.3.3 A formação do caráter

³² STERBA, R. F. *Reminiscences of a viennese psychoanalyst*. Detroit, Wayne State University, Press,

Havíamos dado no reconhecimento do caráter como resistência manifesta através dos maneirismos do comportamento. E como se constituem esses maneirismos? Ou, de forma mais ampla, como se forma o caráter? Vimos que Reich concede importância a vários fatores relativos à constituição e à transformação do caráter. Fizemos referência ao foco que põe sobre os processos de identificação, o processo de desenvolvimento psicosexual, as relações intrapsíquicas entre ego e ideal de ego e à receptividade do ego-prazer às restrições e decorrentes identificações. A isso, Reich acrescenta, antes de mais nada, a dimensão histórica (infantil) do mesmo:

A forma das reações do ego, que difere de um caráter para outro mesmo quando conteúdos das experiências são semelhantes, pode ser remontada às experiências infantis, da mesma maneira que o conteúdo dos sintomas e das fantasias. [grifos do autor] (1948/1995, p. 53)

Dentre essas experiências infantis, inclui uma dimensão não explicitada anteriormente. Em seus textos precedentes, já reconhecia que as experiências infantis ligadas ao desenvolvimento psicosexual, como a educação e a inibição das pulsões parciais, e as identificações encadeadas na constituição do superego, se transformariam e comporiam traços de caráter. No livro que agora abordamos, ele mostra, também, como quadros patológicos na infância – por exemplo, as fobias – podem ser transformados e resolvidos através de modificação no caráter. Isso fica claro quando explica:

Enquanto o aparecimento de uma fobia é um indicativo de que o ego estava fraco demais para dominar certos impulsos libidinais, o surgimento de um traço de caráter ou de uma atitude típica no lugar de uma fobia constitui um fortalecimento da formação do ego na forma de um encorajamento crônico contra o id e o mundo externo. Uma fobia corresponde a uma cisão da personalidade; por outro lado, a formação de um traço de caráter corresponde a uma consolidação da personalidade. O segundo caso é a reação sintetizadora do ego a um conflito da personalidade que não pode mais ser suportado. (Reich, 1948/1995, p. 192).

A constituição do caráter na solução de sintomas neuróticos infantis é mais um elemento original que explica donde provêm os modos de agir, os maneirismos de que falamos antes. No que se refere à constituição da forma do caráter, essa é, a meu ver, a principal novidade que esse livro aporta.

5.3.4 A função defensiva da couraça do caráter

No entanto, Reich tece ainda outras considerações elucidativas sobre a noção de caráter. Faz isso, por exemplo, quando esclarece a função dinâmica do mesmo. Frente à questão sobre a função à qual o caráter serve, na estrutura psíquica do homem, Reich remete-se

inicialmente à sua localização original. Para ele, o ego, do qual o caráter é parte, se situa entre as demandas pulsionais do id, exigentes e imperativas, e o mundo externo, que distribui as gratificações e frustrações segundo seu padrão heterônomo. Assim sendo, o caráter do ego teria a função de defendê-lo das exigências de um lado e do outro³³, protegendo-o simultaneamente da angústia decorrente desse conflito³⁴. Essa função de defesa consolida-se como mais uma das características originais dispostas por Reich a respeito do caráter, nesse texto. Ao pensá-lo dessa maneira, o autor concebe o caráter como um “muro de proteção” que absorve o impacto das exigências do id e do mundo externo sobre o ego. É por isso que, na situação de análise, o caráter, logo que sinta a aproximação de alguma ameaça (vinda de fora ou de dentro) passa a exercer sua função de defesa, impedindo, por exemplo, que conflitos inconscientes potencialmente desestabilizadores do equilíbrio do ego tornem-se conscientes. Para Reich, o modo pelo qual o caráter defende o ego é o enrijecimento de sua forma³⁵, ou seja, a adoção incondicional, estereotipada e crônica de um modo de se comportar, se mover etc., constituindo o que o autor chama de couraça de caráter³⁶. A couraça fortalece o ego, só que, ao mesmo tempo, diminui “... a

³³ Para esse autor, o conflito entre o mundo externo e as necessidades internas é a base de todos os outros pares antitéticos que atuam na constituição do psiquismo, pares como libido de ego e libido objetal, sexualidade e angústia, amor e ódio etc. Em seu texto, Reich desenvolve mais longamente sua argumentação que, para efeito de nossa abordagem, não precisa ser aprofundada.

³⁴ Essa angústia, apenas para citar a visão reichiana, surge como angústia de estase ou como angústia real. A primeira, quando derivada da “... frustração externa do avanço em direção à mobilidade ou da satisfação de uma necessidade” (Reich, 1948/1995, p. 260) e a última, quando derivada da “... fuga dos investimentos de energia para o centro do organismo” (p. 260), provocada pela antecipação de um perigo exterior, num movimento gerador de desprazer. Mesmo nesse segundo caso, o resultado posterior do retorno dos investimentos seria a formação de estase de libido.

³⁵ Ao referir a enrijecimento do ego – e, mais tarde, da musculatura – Reich parece ter em mente a idéia de cronificação. Para este autor, a saúde liga-se à capacidade de alternância entre estados de tensão e relaxamento. A paralisia num desses estados configuraria, nessa perspectiva, o que se está chamando de enrijecimento. Por essa visão, poderia se falar, por exemplo, em um enrijecimento da couraça num estado hipotônico.

habilidade do ego para agir e sua liberdade de movimentos.” (Reich, 1948/1995, p. 192-193), restringindo a capacidade de satisfação sexual e intensificando, pela estase de libido, a intensidade dos conflitos que inicialmente buscava evitar. Pode-se argumentar que, olhada dessa forma, a couraça de caráter seria uma defesa muito incompetente, posto acabar aumentando inevitavelmente o conflito. Ao que, mais adiante, replicaremos, ao tratar da dimensão econômica do caráter.

Por enquanto, gostaria de destacar as características que se agregam à noção de caráter a partir da percepção de sua função defensiva.

Ao atribuir ao caráter a condição de defesa, devemos considerá-lo como uma abrangente estratégia, pois qualquer componente concebível do caráter pode ser um aspecto de sua couraça, bastando, para isso, que desempenhe uma função defensiva. Não se trata, portanto, de um mecanismo de defesa específico, mas de algo mais vasto, que se diferencia dos mecanismos de defesa de forma semelhante àquela com que se diferencia dos sintomas – pela sua amplitude.

Se procurarmos incluir essa dimensão defensiva à concepção acumulada que temos do caráter, veremos que seus diversos significados ainda se articulam coerentemente: o caráter está, até aqui, proposto como a dimensão total das atitudes individuais que singularizam e identificam o indivíduo através da forma como essas atitudes se apresentam. O conjunto unificado dessas atitudes traz, como que decantada nas mesmas, a história de sua constituição e seus elementos constituintes. Ao mesmo tempo, cumpre permanentemente a tarefa de proteger o ego da

³⁶ A idéia de que o caráter possa se enrijecer ou encourçar aparece também em Adler e Ferenczi, como indicado no capítulo três. Ferenczi utiliza, inclusive, uma metáfora equivalente para indicar essa situação falando em “carapaça”, ao descrever uma resistência estereotipada de caráter. (cf. p. 53).

desintegração e da angústia provocadas por sua localização intermediária entre o id e o mundo externo. Frente a isso, o caráter tem a possibilidade de apresentar-se mais rígido (encouraçado) ou mais flexível, conforme tenha que exercer uma proteção mais ou menos intensa³⁷. É por seu significado defensivo que o caráter, na análise, pode vir a consistir uma forte resistência ao trabalho analítico.

No que se refere à sua formação, nesse livro acrescentou-se aos diversos processos constituintes do caráter abordados anteriormente mais um: o processo de transformação de sintomas neuróticos em traços de caráter.

5.3.5 A dimensão econômica do caráter

Como se vê, a quantidade de elementos que Reich apresenta nessa obra a respeito da noção de caráter é expressiva. Tomemos apenas mais um: a dimensão econômica do caráter.

Para Reich, o caráter é, além do que já vimos, uma estrutura com um papel na economia sexual do indivíduo³⁸. Ele soluciona um impasse econômico da libido. Faz isso na medida em que não apenas protege e domestica o ego e a pulsão, mas também consome, para sua manutenção,

³⁷ Convém destacar que a intensidade da defesa não é proporcional a sua eficácia, sendo geralmente sinal de que a ameaça de colapso do ego está próxima.

³⁸ Vale lembrar que Freud, em *O ego e o id* (1923/1980), também fez referência à função econômica desempenhada pelo caráter. (cf. p. 43).

uma parte da libido que busca satisfação. Em outras palavras, o caráter absorve parcialmente a libido impossibilitada de se realizar diretamente ou pela sublimação. A esse processo Reich dá o nome de “base de reação do caráter”, reconhecendo nele uma importante função para a manutenção da saúde psíquica, porque, se funciona adequadamente, permite que a couraça do caráter proporcione um equilíbrio libidinal ao psiquismo. Porém, se o encouraçamento do caráter ultrapassa certos limites, passa a inviabilizar a satisfação direta e sublimada da libido, prejudicando a própria economia sexual do indivíduo. Surge, então, a estase de libido, que sobrecarrega, por sua vez, essa função econômica. O caráter torna-se, enfim, neurótico: incapaz de absorver toda a libido em estase, deixa que se proliferem os mecanismos de formação reativa com vistas a conter esse impasse. Por isso, a intensidade da repressão a que o caráter é submetido o marca; afinal, uma repressão externa excessiva resulta em maior ameaça ao psiquismo e em conseqüente encouraçamento do caráter do ego. Esse encouraçamento passa a desencadear o processo econômico, que redundará na intensificação da neurose do caráter. Eis, fundamentalmente, a leitura econômica que Reich faz até aqui sobre o caráter. Percebe-se sua importância – inclusive clínica – no fato de tal formulação oferecer uma compreensão do processo de manutenção econômica de um caráter neurótico.

Embora nossa pretensão não fosse, e não é, chegar a um sentido unívoco do que seria caráter para Reich, reconhecemos que, ao menos enquanto sua produção esteve ligada à psicanálise, houve enorme coerência e complementaridade entre as dimensões atribuídas ao conceito. Retomemos suas proposições a fim de verificar isso.

Nessa obra, Reich parte da noção de caráter como sendo a dimensão total das ações individuais em relação ao mundo, formada em conexão com os processos de identificação, transformação de pulsões parciais, transformação da relação entre ideal de ego e ego e de receptividade do ego-prazer às restrições e identificações. A essa definição, acrescenta a qualidade singularizante e identitária. O autor mostra, então, que essas atitudes componentes do caráter trazem, inscritas em si, a história de sua formação. Também revela como o caráter exerce uma função defensiva ao proteger o ego da desintegração e da angústia, ao mesmo tempo em que, como parte do ego, protege o id das restrições do mundo externo. Para realizar essa função, o caráter pode se enrijecer e se estereotipar, fortalecendo o ego. Na análise, esse mesmo processo de proteção, através da rigidez e da estereotipia, pode surgir como resistência ao trabalho analítico.

Ainda em relação à sua função, Reich destaca que o caráter tem o papel, na economia libidinal, de absorver parte da libido impossibilitada de se descarregar. Se consegue absorvê-la, cumpre seu papel de regulador, evitando o acúmulo de estase. Por fim, ao falar sobre a formação do caráter, Reich pontua a ocorrência da transformação de sintomas neuróticos infantis em traços de caráter.

Creio termos avançado sobremaneira na compreensão desse conceito, destacando-lhe a coerência e a riqueza que lhe foram impressas pelo viés psicanalítico e sociopolítico peculiares a esse autor. Vejamos, agora, como essa noção aparece na continuação, um pouco mais tardia, do livro em questão.

5.4 O contexto das duas edições ampliadas de *Análise do caráter*

A segunda edição de *Análise do caráter* (Reich, 1948/1995) foi publicada em 1944, com ampliações. Compunha-se de apenas um capítulo a mais, o texto “Contato psíquico e corrente vegetativa”, no qual aparecem os elementos que culminaram na virada do pensamento reichiano para o campo mais biológico da fisiologia, representando, como o próprio autor diz, “... a transição da psicologia profunda de Freud para a biologia e depois para a biofísica do orgone.” (1948/1995, p. 10). Esse texto se baseia em uma palestra proferida em 1934, bem próxima à data da primeira edição do livro e, portanto, pode ser pensado como um primeiro momento dessa transição.

Na edição seguinte, de 1948, mais três capítulos foram incorporados, os dois primeiros de 1948, e o último de 1945. Assim, a distância que separa esses escritos das primeiras partes do livro ultrapassa uma década, o que ilustra com clareza a transição da análise do caráter fundamentada na psicanálise para a vegetoterapia e a orgonoterapia.

Em todo esse período, de 1933 a 1948, Reich esteve muito ativo. No começo do ano de 1933, como vimos, com o avanço do nazismo na Alemanha e o início da perseguição a intelectuais e simpatizantes do comunismo, Reich resolveu sair de Berlim e partir para Viena, de onde seguiu para Copenhague, na Dinamarca. Sua esposa, Annie, ficou com as filhas em Viena, e o casal decidiu se separar. Em seu breve retorno a essa cidade, Reich publicou a primeira edição do livro *Análise do caráter* (1948/1995). No mesmo ano, publicou, já em Copenhague, *Psicologia de massa do fascismo* (Reich, 1933/1974). Depois disso, a relação de

Reich com o Partido Comunista Alemão se deteriorou. Ele também criticou o Partido Comunista Dinamarquês por auxiliar apenas os indivíduos exilados indicados pelo Partido Comunista Alemão, não apoiando outros necessitados – o próprio Reich chegou a alojar por algum tempo um desses refugiados relegados ao descaso (Albertini, 1994). Em consequência de tais atritos, Reich foi expulso do Partido Comunista em novembro de 1933.

Ainda nesse ano, iniciou um relacionamento amoroso com Elza Lindenberg, bailarina e militante comunista que ele conhecera em Berlim e com quem viveu até 1939.

Após alguns meses na Dinamarca, Reich teve seu visto revogado. Visitou Londres, Paris e Zurique, mas radicou-se novamente na Escandinávia, em Malmö, na Suécia. Posteriormente, em 1935, mudou-se para Oslo, na Noruega. De acordo com Roudinesco, sua passagem pela região escandinava marcou profundamente o desenvolvimento da psicanálise nestes países, especialmente na Dinamarca e na Noruega. (1998).

Em agosto de 1934, no 13º Congresso Internacional de Psicanálise, em Lucerna, Reich foi expulso da Associação Psicanalítica Internacional. Sobre sua expulsão, Wagner (1996) e Lore Reich Rubin (1998), filha de Reich, esclarecem que envolveu razões de cunho fundamentalmente político, devido ao esquerdismo de Reich e à situação da psicanálise numa Europa às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Eles relatam também que Reich só soube de sua expulsão já no Congresso. Embora alguns historiadores da psicanálise apresentassem o fato como se Reich houvesse se afastado da Associação, parece que houve uma manobra para seu afastamento, envolvendo diretamente Anna

Freud, Ernest Jones e Max Eitingon, aparentemente com a aprovação do próprio Freud.

Mesmo expulso da Associação Psicanalítica Internacional, Reich cumpriu sua participação nesse Congresso. O capítulo 13 de *Análise do caráter* (Reich, 1948/1995) é justamente um texto baseado na palestra que proferiu.

De 1934 a 1939, na Escandinávia, além de analisar pacientes, Reich, interessado nas bases vegetativas das neuroses, dedicou-se à investigação das reações vegetativas e bioelétricas do ser humano em contextos emocionais diversos. Aí também começou a realizar pesquisas sobre biogênese e descobriu as vesículas de energia às quais chamou bions. Apresentou suas novas descobertas em 1938 no livro *Os experimentos Bions* (1938/1979). Publicou ainda nesse período alguns textos ligados ao seu interesse pelo marxismo, pela sociologia e a política: lançou *O que é a consciência de classe?* (1934/1976), *Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura?*(1934/s.d.) e *A revolução sexual* (1936/s.d.).

A partir de 1937, começou a designar sua técnica terapêutica não mais como análise do caráter, mas chamava-a de vegetoterapia carátero-analítica. Esse termo “... faz referência ao sistema nervoso vegetativo, atualmente denominado sistema nervoso autônomo. Esse sistema, encarregado das funções autônomas do organismo, se divide em dois sub-sistemas: simpático e parassimpático.”(Wagner, 2000, p. 58). Essa mudança indica a direção que seu pensamento todo tomou, em busca da compreensão e da intervenção sobre as bases biológicas do psiquismo.

Em 1939, Reich foi convidado aos Estados Unidos da América para trabalhar na *New School for Social Research* em Nova York, na

qualidade de professor associado. Como sua permanência na Noruega se prejudicara por uma campanha difamatória iniciada em 1937, decidiu aceitar o convite. Foi para os Estados Unidos com sua terceira esposa, Ilse Ollendorf, com quem ficou casado até sua morte e com quem teve seu terceiro filho, Peter.

Nesse país, dedicou-se mais ainda à sua pesquisa sobre a bioenergia e a energia orgone. Em dezembro de 1940, encontrou-se com o físico Albert Einstein, para quem apresentou suas descobertas. Inicialmente impressionado com suas colocações, Einstein não respondeu às posteriores aproximações de Reich, que prosseguiu ainda mais isolado em suas pesquisas. Em 1942, publicou *A função do Orgasmo* (1942/1981), uma biografia teórica de seu pensamento até aquela data.

Em 1944, publicou a referida segunda edição de *Análise do caráter* (1948/1995), acrescentando apenas um texto elaborado a partir da palestra proferida em 1934. Em 1948, tendo publicado *A biopatia do câncer* (1948/1985), que apresenta o desenvolvimento das pesquisas sobre a energia orgone, voltou sua atenção cada vez mais à biofísica. Nesse mesmo ano publicou a terceira edição ampliada de *Análise do caráter* (1948/1995).

5.5 A visão pós-psicanalítica sobre caráter em Reich: o viés biológico

As muitas voltas dadas pela vida de Reich compõem um interessante pano de fundo para a transformação teórica que se operava e que se revela de modo contundente nos três capítulos que vieram constituir a terceira parte de seu livro.

Nesta abordagem, vamos nos concentrar nos elementos que nos parecem mais proveitosos ao refinamento e à conseqüente transformação da noção de caráter. Decerto ficarão de lado as considerações que não se liguem diretamente ao nosso estudo. Não poderíamos desenvolver, por exemplo, as reflexões que dão suporte à sua teoria orgonômica, sob pena de excedermos a proposta da presente pesquisa e adentrarmos um universo para o qual não nos julgamos adequadamente preparados.

Quanto a nosso propósito, como vimos, as duas primeiras partes desse livro procuram elaborar, a partir de reflexões técnicas, clínicas e metapsicológicas, os princípios da análise do caráter. Nota-se nelas, também, que Reich fala a língua da psicanálise, mesmo que com um certo sotaque particular.

Já no décimo terceiro capítulo, adicionado na segunda edição ampliada, o autor acrescenta alguns elementos novos, que representam a transição da psicanálise para a biologia, segundo registro do próprio autor. Esse capítulo retoma algumas considerações sobre a técnica da análise do caráter, elabora uma formulação teórica sobre o fundamento pulsional do psiquismo, analisa o entrelaçamento das defesas, discute o mecanismo de falta de contato psíquico no contexto da organização das

tendências pulsionais no caráter; aborda, enfim, uma farta gama de temas.

Daqueles que nos dizem respeito neste momento, temos que o autor inicia o capítulo retomando as bases teóricas e as evoluções técnicas que culminaram na elaboração da análise do caráter. Ao fazer isso, enfatiza a importância da restauração da potência orgástica como meta da análise do caráter. Já dissera isso antes, mas aqui, ao compor a noção de caráter com a de potência orgástica, consegue chegar a critérios muito particulares e interessantes para avaliar o binômio saúde-doença. Diz ele:

O ego, isto é, a parte do indivíduo exposta ao perigo, torna-se rígido quando está continuamente sujeito ao mesmo conflito, ou a conflitos semelhantes, entre a necessidade e o mundo externo gerador de medo. Nesse processo adquire um modo de reação crônico, que funciona automaticamente, ou seja, seu ‘caráter’. É como se a personalidade afetiva se encouraçasse, como se a concha dura que ela desenvolve fosse destinada a desviar e a enfraquecer os golpes do mundo externo bem como os clamores das necessidades internas. (1948/1995, p. 314).

Esse encouraçamento de caráter corresponde a uma alteração do ego, cujo fim é sua defesa e a solução da estase de energia. Até esse ponto, a abordagem é a mesma que discutimos no capítulo anterior – muito embora pareça reduzir um pouco essa noção, ao realçar o caráter como um modo de reação *crônico* e automático, enfatizando a dimensão

patológica do mesmo, quando, até então, ela se fazia menos intensa. Mais adiante, nesse mesmo capítulo, o autor altera essa ênfase, ao dizer que o caráter genital, protótipo de saúde, como descrito no capítulo oito desse livro, tem também uma couraça, só que não é crônica nem automática, sendo “... usada ou dispensada conforme a vontade.” (Reich, 1948/1995, p. 321). Assim se recupera a graduação quantitativa que esse autor supõe separar os extremos de saúde e doença. Mas a ênfase que o autor apresenta acima deriva do fato de que esse processo de proteção que provido pelo caráter resulta num preço libidinal. É o que se evidencia quando Reich diz:

Esse encouraçamento torna a pessoa menos sensível ao *desprazer*, mas também restringe sua motilidade agressiva e libidinal, reduzindo assim a capacidade de realização e de prazer. Dizemos que o ego ficou menos flexível e mais rígido; e que a capacidade de regular a economia de energia depende da extensão do encouraçamento. (1948/1995, p. 314).

Ou seja, o encouraçamento insensibiliza a pessoa e afeta a capacidade de regular a economia libidinal, função direta da flexibilidade do caráter. Até aqui repetimos o que já foi, de alguma forma, discutido no capítulo anterior. Porém, nesse contexto, o autor reapresenta de forma singular a noção de potência orgástica, que se destaca como um meio de

verificar a motilidade do organismo³⁹ – consequência direta da flexibilidade do caráter – e não apenas como um fim em si. E, embora

³⁹ É interessante observar uma modificação terminológica que nesse capítulo tem curso: se nas duas primeiras partes desse livro Reich usa predominantemente os termos “indivíduo” e “pessoa” para designar o ser humano, sujeito ao qual suas reflexões se referem; aqui passa a usar com frequência o termo “organismo” para designar o mesmo. Isso seguramente se relaciona à transição para o campo biológico, que o autor afirma realizar nesse texto.

isso possa ser contradito em outros momentos, dá condição de sobrepor a motilidade em geral sobre o orgasmo propriamente dito como horizonte de objetivo reichiano, rebatendo possíveis críticas de uma “disciplina sexual” em Reich. O autor diz:

Consideramos a potência orgástica como um meio de medir esta capacidade [de regular a economia de energia], dado que ela é uma expressão direta da motilidade vegetativa. O encouraçamento do caráter requer energia, porque é sustentado pelo consumo contínuo de forças libidinais ou vegetativas que, de outro modo (no caso de sua inibição motora), produziriam angústia. É assim que a couraça do caráter cumpre sua função de absorver e consumir energia vegetativa. (Reich, 1948/1995, p. 314).

Esta colocação apresenta, por fim, a trama existente entre a couraça do caráter e a solução das exigências libidinais do indivíduo, reafirmando a formação da couraça como instrumento de absorção da libido incapaz de se realizar diretamente, por exemplo, através da motilidade. Esses são os primeiros elementos que o autor oferece, nesse texto, para pensarmos a noção de caráter. Fundamentalmente, eles retomam as considerações ainda ligadas a uma visão psicanalítica de caráter, de modo que há total coerência entre elas.

Um outro ponto desse mesmo capítulo que convém destacar, sobretudo porque ele traz efetivamente um novo olhar sobre o caráter, deriva da percepção de Reich de que o mesmo aparecia, em seus pacientes, não apenas em maneirismos e atitudes, mas na própria

constituição da mobilidade do corpo, no modo como o corpo funcionava e, muito particularmente, se movimentava⁴⁰.

Isso já era contemplado na concepção clínica de Reich e aparece nos casos descritos na primeira parte desse livro, mas, nessa altura, desemboca no reconhecimento de que há uma relação entre o encouraçamento, a rigidez de caráter, e uma rigidez muscular que o autor chama de couraça muscular do caráter. Esta seria a atitude muscular crônica e fixa que acompanharia a estereotipia cronificada do caráter do ego. Assim, a couraça muscular do caráter comporia a dimensão fisiológica da couraça de caráter. A relação entre ambas será expressa como sendo de unidade, quando Reich diz que “... toda cura [da neurose] se manifesta diretamente num relaxamento ou numa melhoria do tônus muscular.” (1948/1995, p. 315-316).

Dessa forma, podemos entender que, para Reich, o encouraçamento do caráter, no sentido anteriormente forjado, e a couraça muscular do caráter são duas faces de um mesmo fenômeno, o encouraçamento do caráter pensado não mais como uma instância psíquica, mas biopsíquica. Assim chegamos a uma alteração significativa na noção de caráter no contexto da obra reichiana. Se antes essa era uma noção própria ao domínio psicológico, a partir daí passa a agregar um significado fisiológico; o caráter pode *também* ser pensado como uma “atitude” neurovegetativa do organismo, que se expressa em sua relação com o mundo e com suas excitações biológicas por meio da capacidade de aumento ou de diminuição da tensão muscular em determinadas regiões do corpo. Não pretendo discutir os processos pelos quais a couraça muscular opera, tampouco examinar os princípios e referências

⁴⁰ Aqui, vale relembrar as considerações de Abraham que, ao discorrer sobre o caráter anal, introduz a observação de que a estampagem do caráter transparece na fisionomia de seu possuidor. (cf. p. 48).

teóricas que sustentam essa noção, o que nos importa, agora, é saber que esses processos serão reconhecidos fundamentalmente no próprio campo da fisiologia⁴¹.

Com essa formulação, o foco de sua intervenção terapêutica foi se deslocando gradativamente da couraça de caráter – tomada psicologicamente – para a couraça muscular⁴². Esta alteração de foco revela-se de modo emblemático quando Reich diz, no prefácio à segunda edição, de 1944, que “... o economista sexual e vegetoterapeuta é essencialmente um *bioterapeuta*, e não mais apenas um psicoterapeuta.” [grifos do autor] (Reich, 1948/1995, p. 10).

É necessário lembrar que, para Reich, essa passagem teórica é, na realidade, mais um aprofundamento do que uma ruptura com suas proposições pregressas, uma vez que ele acredita estar levando a cabo o desafio abandonado pela psicanálise, qual seja, de encontrar a base biológica da neurose. O que afasta Reich da psicologia, aproximando-o da fisiologia, é, portanto, um aprofundamento semelhante ao que a psicanálise fez em relação à psicologia da consciência. Para ele, uma psicologia apenas representacional configuraria uma psicologia de superfície.

Do ponto de vista da pesquisa e do desenvolvimento que Reich, a partir daqui, realizou na clínica, a noção de caráter até então conformada perdeu paulatinamente importância, ficou, digamos assim, “eclipsada” pelo seu desdobramento fisiológico: a couraça muscular de caráter.

⁴¹ Uma discussão mais específica sobre esses pontos pode ser encontrada no sétimo capítulo de *A função do orgasmo* (Reich, 1942/1981), intitulado “A irrupção no campo biológico”.

⁴² Vale observar que à época em que Reich escreveu a base desse artigo, em 1934, ele ainda trabalhava com análise do caráter, como descrita na primeira parte desse texto. Utilizava-se então de interpretações verbais que, mesmo atentas ao comportamento e às atitudes corporais do paciente, não envolviam manipulação direta de seu corpo nem sugestão de que o mesmo se conscientizasse e agisse sobre o próprio corpo, a não ser por sugestões muito indiretas como, por exemplo, de que o paciente se levantasse do divã e fizesse a sessão sentado na poltrona. (Wagner, 2000).

Dessa forma, algumas questões permanecem sem resposta. Reich não examina as eventuais convergências das proposições elaboradas pela pesquisa psicanalítica, metapsicológica e sociopolítica sobre caráter com suas novas proposições; também não explicita como os processos constituintes do caráter, no sentido psicanalítico, se traduzem no campo fisiológico. Em suma, não responde ao que poderíamos sintetizar na questão: que processos correspondem à identificação, à transformação da pulsão, à transformação do sintoma etc., na formação da couraça muscular do caráter?

Tal situação indica, sobretudo, a meu ver, o gênio desbravador de Reich, que se dedicava muito mais intensamente às suas descobertas recentes do que às formulações que, de algum modo, já assimilara.

Assim temos que, dos caminhos delineados nesse texto, as duas principais contribuições ao nosso estudo do caráter são a sofisticação que o autor propõe quanto à relação entre caráter e potência orgástica – mostrando que a última pode ser um importante indicador da flexibilidade e da saúde do caráter – e a ampliação da noção de caráter – que passa a designar uma unidade biopsíquica, abrangendo não apenas as dimensões psíquicas e comportamentais do caráter, como fora até então, mas também sua couraça muscular, isto é, sua dimensão neurovegetativa.

5.6 A visão pós-psicanalítica sobre caráter em Reich: o viés orgonômico

O prosseguimento da pesquisa de Reich, registrado em parte nos três últimos capítulos desse livro, configura mais um “eclipse” teórico, quando ele encontra a base energética da couraça e do caráter. A partir dessa constatação, Reich converte sua teoria num tipo de energetismo, seguindo um caminho que, segundo Assoun (1983), acaba por afastá-lo da psicanálise de Freud. Daí, sua pesquisa, reflexão e clínica dirigem-se não mais à dimensão psicológica ou fisiológica do caráter, mas a sua expressão energética ou biofísica. O caráter e a couraça passam, então, a ser pensados como modos de organização do funcionamento da bioenergia ou energia orgone de um organismo. Essa é a grande modificação que os últimos capítulos de *Análise do caráter* (Reich, 1948/1995) engendram, rearranjando a própria noção de caráter nesses termos. Vejamos então como isso se constrói ao longo dos três capítulos.

No capítulo 14, o autor apresenta a passagem da análise do caráter à orgonoterapia. Por orgonoterapia Reich “... compreende todas as técnicas médicas e pedagógicas que usam a energia biológica, o orgone.” (1948/1995, p. 329). O autor procura mostrar que há continuidade entre as três técnicas, posto que:

... muito antes dessa descoberta [da energia orgone], o objetivo da análise do caráter consistia na liberação da “energia psíquica” (como era então chamada) da couraça

do caráter e da couraça muscular, e no estabelecimento da potência orgástica. (Reich, 1948/1995, p. 329).

Além de continuidade, reconhece que a análise do caráter e a vegetoterapia podem ser incluídas na denominação de orgonoterapia, isso porque, do ponto de vista desta, as três têm por objetivo a mobilização das emoções e das correntes plasmáticas no organismo, o que, por sua vez, quer dizer o mesmo que a mobilização da energia orgone.

Esse movimento de incorporação ou tradução da análise do caráter e da vegetoterapia em orgonoterapia efetua-se também sobre a noção de caráter, já que, no contraste com as postulações orgonômicas sobre o esse conceito e o de couraça, as considerações de natureza psicanalítica e fisiológica deixam de ser valorizadas por referirem a uma dimensão mais superficial do fenômeno energético constituinte do caráter.

Mais adiante, ainda nesse capítulo, o autor procura explicar a raiz evolutiva das couraças musculares de caráter e apresenta a idéia de que ela se dispõe em segmentos independentes entre si, os quais podem, inclusive, enrijecer-se de forma diferente. A seguir, apresenta os diversos segmentos, ou anéis, que compõem a couraça (ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico). Essa concepção de couraças dispostas em anéis posteriormente se fez bastante significativa para a clínica e a caracterologia pós-reichiana, servindo como parâmetro à leitura corporal, ao diagnóstico e à classificação de tipos (Navarro, 1995). Ao falar sobre o corpo, as couraças e seus anéis, Reich, vale lembrar, está pensando sempre em termos orgonômicos.

Desse modo, do ponto de vista de nossa reflexão, o que se extrai de novidade desse capítulo é a percepção de que nele as atitudes do caráter passam a significar “... a expressão de estados biofísicos.” (Reich, 1948/1995, p. 348), com a tradução das reflexões psicanalíticas e fisiológicas num crivo de leitura energetista.

Nessa orientação, Reich ilustra a proposta da orgonoterapia, no capítulo seguinte, com um relato clínico. No texto escrito em 1948, o autor relata, numa linguagem orgonômica, um atendimento realizado a partir de 1940 (Wagner, 2000). O relato apresenta minuciosamente anotações e reflexões, na forma de um diário das sessões, sobre o atendimento de uma paciente esquizofrênica.

Observa-se, nesses registros, uma grande modificação técnica em relação ao que se dispunha nos primeiros capítulos, acerca da análise do caráter. Já há, por exemplo, uma intervenção corporal específica – através de sugestões por parte do terapeuta de alterações de comportamento da paciente, como modificar a respiração, bater no divã etc. – e uma intervenção energética – com uso de um acumulador de orgone. Por essas modificações e pela condução do caso, a noção de caráter proposta na primeira parte do livro não perde seu sentido, mas deixa de ter a mesma importância clínica. Tanto é que, na descrição desse caso, há poucas observações sobre o caráter da paciente. Nem mesmo a questão sobre a existência ou não, na esquizofrenia, de uma estrutura de caráter, é explicitada.

O último capítulo recupera em parte a dimensão social que vimos constar do prefácio do livro. Mas o autor imprime sobre ela uma nova perspectiva, mais individualista do que sociológica. Apresenta a idéia de peste emocional como uma classificação energético-patológica que

difere do caráter neurótico e do caráter genital, e que se distingue desses também por seu efeito mais pernicioso sobre a sociedade. Descreve e analisa esse tipo de caráter bem como o que o diferencia do caráter genital e do neurótico. Na luta pelo entendimento do caráter pestilento, pela sua transformação e cura, a orgonomia pretende contribuir à transformação social, posto que esse tipo de patologia (biopatia) produz seus efeitos nocivos na comunidade e nas instituições sociais. Novamente o caráter surge como uma chave da porta que comunica clínica e sociologia, terapia e política.

Nesses últimos dois capítulos, do ponto de vista da reflexão específica sobre o caráter, não se acrescentam novas ponderações. Todavia, retomando nesses três textos elementos concernentes à reflexão sobre o conceito de caráter, é evidente que a transformação encerrada foi enorme. O que eram maneirismos, modos de ser, pensados a partir da psicanálise, da sociologia, da política e, posteriormente, da fisiologia, passou a ser pensado segundo as concepções da orgonomia, como expressão da energia orgone do organismo. Essa evolução conduz Reich a uma linguagem e um campo de referências totalmente diferente dos visitados até então.

A alteração de campo e de referencial epistemológico não é acompanhada, nesse livro, de um esforço mais eficaz de explicação dos laços que unem, por exemplo, essa visão sobre o caráter às que discutimos antes. É necessário lembrar, de novo, que, para Reich, essa mudança de referencial é, na realidade, um aprofundamento de suas proposições anteriores.

Do ponto de vista da pesquisa e da produção teórica, a noção de caráter descrita anteriormente quase desaparece. Não que essa noção não

tenha mais importância; ela tem, mas apenas em sua nova acepção, a saber, um modo típico de funcionamento da energia orgone no organismo. Assim, suas caracterizações anteriores ficam “eclipsadas” por sua nova formulação. No que tange à relação entre as formulações anteriores sobre o caráter e essa mais recente, também não encontramos nesse texto muitos elementos explicativos. Reich não analisa, por exemplo, se as proposições desenvolvidas por suas pesquisa anteriores sobre caráter são coerentes com suas novas proposições. Também não explicita como os processos que constituem o caráter, a transformação da pulsão, a identificação, a transformação do sintoma etc., ocorrem em termos orgonômicos. Tais lacunas tornam difícil arbitrar com firmeza sobre essas transformações que a noção de caráter sofre deverem ser consideradas continuidade ou ruptura em relação às proposições precedentes.

Ao menos do ponto de vista epistemológico, a ausência desses esclarecimentos favorece, a meu ver, a consideração de que há uma ruptura na evolução do conceito, especialmente quando da leitura do caráter pela orgonomia. As três perspectivas sobre caráter que citei neste capítulo se, por um lado, não se chocam; por outro, pertencem a referências epistemológicas distintas – a psicanálise, a biologia (fisiologia) e a orgonomia. Sendo assim, parece complicado supor que haja um princípio epistemológico que as unifique ou que suplante suas diferenças sem incorrer em reducionismo.

5.7 Síntese

No presente capítulo, nos debruçamos sobre as contribuições à noção de caráter em Reich constantes de *Análise do caráter* (1948/1995). Arrolamos alguns acontecimentos da vida do autor para situar melhor as diversas partes desse livro. Em seguida, sintetizamos seu conteúdo, começando pelos doze primeiros capítulos componentes de sua primeira edição, nos quais se registram reflexões de base psicanalítica sobre a metapsicologia do caráter e sobre a técnica de análise do caráter.

Com base nisso, pontuamos diversos acréscimos ao delineamento do conceito que se revelou, afinal, como a dimensão total das atitudes individuais em relação ao mundo, as quais singularizam e identificam o indivíduo através da maneira como essas atitudes se expressam. O caráter seria formado pelos processos de identificação, de transformação de pulsões parciais, de transformação de sintomas neuróticos, de transformação da relação entre ideal de ego e ego e pela receptividade do ego-prazer às restrições e identificações.

Ademais, viu-se que o caráter traz, em si, na sua forma, a história de sua constituição. Cumpre também uma função de defesa, protegendo o ego da desintegração e da angústia, ao mesmo tempo em que, como parte do ego, protege o id das restrições do mundo externo. Na realização dessa função, o caráter pode se enrijecer e estereotipar, ou permanecer mais flexível, conforme seja chamado a exercer maior ou menor proteção. É por seu significado defensivo que essa instância, na análise, pode vir a constituir uma resistência ao trabalho analítico.

Ainda em relação à sua função, o autor postula ter o caráter, na economia libidinal, o papel de absorção da parte da libido impossibilitada de se descarregar.

Ainda revelou-se uma dimensão sociopolítica do caráter, que reside no fato de este se mostrar não apenas submetido e influenciado pela cultura da época em que se forja, como também convertido em base material da ideologia, reproduzindo no psiquismo os modelos de existência de seu mundo, particularmente o familiar.

Todas essas características competem a uma visão reichiana psicanalítica sobre o caráter.

A certa altura, revelou-se um pouco da visão pós-psicanalítica de Reich sobre o caráter. Procuramos, mais uma vez, situar os textos partindo de uma breve referência à vida do autor. Dentre os elementos citados, detivemo-nos um tanto mais na consideração da expulsão de Reich da Associação Internacional de Psicanálise.

Quanto à noção de caráter, destacou-se o refinamento que Reich propôs no estabelecimento da relação entre essa noção e a de potência orgástica, fazendo da última um importante indicador da flexibilidade e da saúde do caráter. Em seguida, verificou-se a ampliação da noção de caráter na formulação que contempla não apenas dimensões psíquicas, comportamentais e sociopolíticas, como também uma dimensão neurovegetativa, na forma de couraça muscular do caráter – um elemento novo. Assim, o caráter passa a designar uma unidade biopsíquica, deslocando essa noção de sua matriz psicanalítica; de um domínio psicológico, ela passa a um significado também fisiológico.

Por fim, num sentido mais tardio, o caráter se coloca como a expressão de estados biofísicos ou, em outras palavras, como expressão

da energia orgone no organismo. Essa concepção se propõe a traduzir, como mostramos, as reflexões psicanalíticas e fisiológicas para o vocabulário energetista da orgonomia.

Assim foi que atravessamos a leitura de *Análise do caráter* (Reich, 1948/1995) e, nela, destrinchamos os meandros da construção da noção de caráter, atentos ao que lhe aconteceu quando das viradas epistemológicas desse autor, desde a psicanálise até a fisiologia ou a orgonomia.

6. CONCLUSÃO

Na presente pesquisa, parece-me ter sido possível mostrar como a noção de caráter surgiu e se desenvolveu em Reich.

O conceito, central no pensamento do autor, ligando vários campos como a clínica e a política, e também diversas referências epistemológicas como a psicanálise, a fisiologia e a orgonomia. Isso contrasta com a escassez de material reflexivo sobre esse tema. Até a década de 1990, praticamente nenhum trabalho de pesquisa acadêmica sobre Reich foi publicado. Nos últimos dez anos isso mudou; porém, os vários trabalhos surgidos iluminam pouco a noção de caráter. Assim, esta investigação promoveu-se com o intuito de engrossar o movimento recente, cujos esforços dirigem-se à reflexão acadêmica apurada sobre a teoria reichiana. Pretendeu-se, também, contribuir para a explicitação e a discussão dos significados do termo caráter, através de uma leitura de parte da obra desse autor, enraizando-o na tradição em que foi desenvolvido.

Concentramo-nos na contextualização do material trabalhado, em suas conexões, tanto internas (com outras noções reichianas, por exemplo), quanto externas (com sua história, com a tradição em que se inclui e com a obra que constitui). Nesse sentido, buscamos apresentar, ainda que de forma recortada, o campo da caracterologia e um pouco de sua história. Partimos do significado coloquial do termo caráter – que o liga à consistência moral, à constância e aos traços singularizantes de um indivíduo – reconstituindo sua história, desde seu surgimento na Grécia, onde definia uma marca distintiva que era reconhecida coletivamente,

passando pela apropriação que alguns filósofos posteriores fizeram do termo, até sua incorporação pela ciência psicológica. A partir dessa incorporação, caráter passou a designar traços que, além de marcarem o indivíduo pelo seu modo de se comportar e reagir à vida, por exemplo, falavam de sua natureza e permitiam que se buscasse classificá-los, delimitando o campo da caracterologia tomada como exercício de classificação.

A abordagem que fizemos desse campo seguiu uma referência a diversos autores, distribuídos conforme os critérios de cada um para discriminar os tipos de caráter. Ressaltaram-se, então, tais critérios e os tipos de caráter neles baseados.

Ainda visando contextualizar a obra de Reich, buscamos compor mais um panorama, desta vez sobre as contribuições que alguns psicanalistas fizeram ao conceito de caráter nas três primeiras décadas do século XX. Reich, que começou sua carreira na psicanálise, revela, nos textos seus que abordamos, a presença de uma raiz psicanalítica. Daí começarmos a composição a que nos propusemos pelos usos de Freud desse termo, desde sua apropriação mais moral até um emprego mais definitivamente psicanalítico.

Freud se detém, sobretudo, na sugestão e no exame da relação entre a formação do caráter e o desenvolvimento psicosssexual, contemplando também a relação entre essa formação e os processos de identificação responsáveis pela diferenciação do aparelho psíquico.

Outro autor tratado, Adler, ressalta a importância de se dirigir a análise ao caráter do paciente e ainda acentua a relação existente entre caráter e neurose.

Em Abraham, vimos novamente a aproximação entre caráter e neurose e a proposição da importância da análise do caráter. Além disso, destacamos o detalhamento que esse autor desenvolveu sobre a relação entre a formação do caráter e o desenvolvimento do erotismo infantil.

O último psicanalista a que nos referimos foi Ferenczi. Ele também destacou a importância da virada técnica da análise de sintomas para a análise do caráter e relacionou-o a um certo automatismo nas reações.

Orientados por esse contexto teórico do campo da análise do caráter, começamos a trabalhar alguns textos de Reich.

Acompanhamos o trabalho da noção de caráter desse autor, desde seu primeiro aparecimento no texto “Dois tipos narcisistas” (1922/1975) até seu uso mais extenso em *O caráter impulsivo...* (1925/1975). Vimos que nos dois casos o autor oferece elementos esclarecedores e condizentes tanto com as referências àqueles outros autores, como entre si.

Reich, nesses textos, define o conceito de caráter de várias maneiras: comenta o seu modo de manifestação, discute clínica e metapsicologicamente os processos que o formam, e indica sua relação com a neurose e com a técnica terapêutica. Caráter, então, seria a dimensão total das atitudes e ações individuais em relação ao mundo. Sua formação estaria ligada aos processos de identificação, de desenvolvimento psicosexual, à receptividade do ego-prazer às restrições e à relação entre o ideal de ego e o ego – constituindo-se de elementos do ideal de ego incorporados pelo ego, deixando de operar como crítica, para assumir a condição de identidade. A variação desses fatores, devida ao contexto social, cultural e sexual, bem como à

disposição herdada pelo indivíduo, poderia aproximar ou afastar o caráter da neurose.

A comparação que Reich faz entre neurose de caráter e neurose ou, simplesmente, entre caráter e sintoma, reforça a dimensão total e ampla do caráter, ao contrastá-la com a especificidade e a localização restrita do último. Mas, se por um lado Reich diferencia a neurose de caráter da neurose; por outro, afirma, ainda nesse texto, que na base de toda neurose há um caráter neurótico, tornando a abordagem do caráter essencial para qualquer intervenção terapêutica e enfatizando a vantagem técnica da análise do caráter sobre a análise de sintomas. Reich indica, por fim, algumas dificuldades terapêuticas ligadas às neuroses de caráter que descreveu. Essas dificuldades seriam a pouca intensidade da transferência positiva, a transferência negativa inicial vigorosa, as couraças narcísicas contra a análise e a falta de consciência da patologia; visão inteiramente de acordo com o que encontramos em Freud.

Debruçamo-nos, então, sobre as contribuições à noção de caráter em Reich presentes em seu livro *Análise do caráter* (1948/1995). Essas contribuições, até um certo momento, derivam principalmente do conhecimento e da pesquisa psicanalítica, em seguida, porém, passam a incorporar elementos exteriores ao campo da psicanálise, deixando essa referência eclipsada pelas outras. Relatamos ainda alguns acontecimentos da vida do autor, para melhor situar o processo de produção desse livro, e discutimos os diversos acréscimos à noção de caráter nele realizados.

O caráter prossegue, a partir daí, como a dimensão total das atitudes individuais em relação ao mundo, as quais identificam o indivíduo e o singularizam. Seria formado pelos mesmos processos

descritos antes, mais a transformação de sintomas neuróticos infantis, trazendo em si, na sua forma, a história de sua constituição.

A função do caráter passa a ser reconhecida como defensiva; ele protege o ego da desintegração e da angústia, ao mesmo tempo em que, como parte do ego, protege o id das restrições do mundo externo. Essa tarefa se realiza devido à possibilidade que o caráter tem de se enrijecer e estereotipar ou permanecer mais flexível, de acordo com o exercício de proteção, mais ou menos intensa, que se lhe demande. É por essa função de defesa que, na análise, ele poder vir a erigir-se como resistência.

Ainda em relação à sua função, do ponto de vista econômico, Reich entende que o caráter desempenha o papel de absorver parte da libido impossibilitada de se descarregar.

Por fim, revela-se uma dimensão sociopolítica do caráter, a qual, na medida em que reproduz no psiquismo, como a pesquisa psicanalítica mostra, os modelos de existência de seu mundo, converte-se em base material da ideologia.

Todas essas características compõem a visão reichiana psicanalítica sobre o caráter.

Adiante, em *Análise do caráter* (Reich, 1948/1995), encontramos contribuições não derivadas da reflexão psicanalítica, mas oriundas de outras fontes. Amplia-se a noção de caráter, passa-se a considerá-lo uma unidade biopsíquica composta não apenas por dimensões psíquicas, comportamentais e sociopolíticas, mas também por uma dimensão neurovegetativa, na forma de uma couraça muscular do caráter. Um outro sentido, mais tardio, acresce-se à trama conceitual, revelando as atitudes do caráter como a expressão de estados biofísicos. Essa concepção desloca as reflexões psicanalíticas e fisiológicas para o

vocabulário energetista da orgonomia, deixando as primeiras relegadas a um segundo plano.

Com a apresentação das considerações pós-psicanalíticas sobre o caráter, acompanhamos as principais viradas epistemológicas que esse autor realizou ao longo de sua vida.

Creio que a principal contribuição deste trabalho – que se pretende central no mesmo – é a explicitação e a decorrente discussão dos significados que o conceito de caráter teve ao longo da obra de Reich, com suas referências, repercussões e mudanças. Acredito, também, ter levantado elementos que permitem o diálogo de Reich com outros autores da caracterologia, em particular com os psicanalistas.

Com base nisso, gostaria, para concluir, de apontar algumas questões que resultaram inexploradas neste percurso, oferecendo-se como convites a novas pesquisas.

Privilegiamos, aqui, a discussão contextual e metapsicológica do caráter. Devido a essa escolha, as dimensões descritivas do caráter e a sua utilização concreta na clínica não foram exploradas. Parece-me serem interessantes as possibilidades que o desdobramento dessas dimensões oferece, a partir do material analisado neste texto.

Uma questão de natureza clínica e metapsicológica que permanece em aberto diz respeito ao quanto, efetivamente, se pode falar em caráter para além da neurose. Reich usa o termo para referir quadros impulsivos e esquizofrênicos, mas será esse uso de fato adequado, ou seja, será que esses quadros chegam a constituir um caráter?

Uma outra brecha que neste trabalho se evidencia concerne à apreensão mais detalhada do significado do caráter segundo a orgonomia.

Finalmente, uma perspectiva de pesquisa também aberta ao longo destas reflexões decorre das considerações sobre a constituição do caráter, as quais podem nos remeter ao modo pelo qual a sociedade o constitui atualmente – que formas de caráter são predominantemente impressas? Que meios são usados para isso? Como andam os meios antigos (família, igreja, escola, exército etc.)? E os modernos (TV, Rádio, Internet, Indústria cultural etc.)?

Encerrando com essas perguntas o presente trabalho, busca-se destacar algumas brechas do mesmo, no anseio de que este texto faça brotar junto das respostas formuladas às questões que o nortearam, novos elementos de tensão que possam manter viva a reflexão sobre Reich.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. Caráter In: Dicionário de filosofia. 2. ed. São Paulo, Mestre Jou, 1982a, p. 109-111.

_____. Temperamento In: Dicionário de filosofia. 2. ed. São Paulo, Mestre Jou, 1982b, p. 908.

ABRAHAM, K. (1921). Contribuição à teoria do caráter anal. In: Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido. Rio de Janeiro, Imago, 1970. p. 174-195.

_____. (1924). A influência do erotismo oral na formação do caráter. In: Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido. Rio de Janeiro, Imago, 1970. p. 161-173.

_____. (1925). A formação do caráter no nível genital do desenvolvimento da libido. In: Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido. Rio de Janeiro, Imago, 1970. p. 195-205.

ADLER, A. (1912). El caracter neurótico. Buenos Aires, Paidós, 1954.

ALBERTINI, P. Uma contribuição para o conhecimento do pensamento de Reich: desenvolvimento histórico e formulações para a educação. São Paulo, 1992. 130 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

_____. Reich: história das idéias e formulações para a educação. São Paulo, Ágora, 1994.

ALLERS, R. Psicologia do caráter. Rio de Janeiro, Livraria Agir, 1946.

ARAÚJO, M. E. Caráter: Estrutura x Processos Energéticos. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro, Imago, vol. 49, n. 2, p. 72-78, abr./jun., 1997

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOLOGIA. Cem anos de Wilhelm Reich. Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, abr./jun., 1997.

ASSOUN, P.L. Introdução à epistemologia freudiana. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

BARRETO, A. V. de B. Em busca de Eros: a democracia natural do trabalho e a relação entre poder e afetividade no pensamento de Wilhelm Reich. Campinas, 1997. 151 p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

BELLINI, L. M. Afetividade e Cognição: o conceito de auto-regulação como mediador da atividade humana em Wilhelm Reich e Jean Piaget. São Paulo, 1993. 270 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

BERGSON, H. A consciência e a vida. São Paulo, Abril Cultural, 1974.

BERLINK, M. T. Reich Psicanalista: algumas considerações. Boletim de novidades: Reich Psicanalista. São Paulo, ano VIII, n. 70, p. 5-14, fev., 1995.

BLUM, H. P. The clinical value of daydreams and a note on their role in character analysis. In: Person, E. S. (ed.); Fonagy, P. (ed.); et. al. On Freud's "Creative Writers and Daydreaming": Contemporary Freud: Turning points and critical issues. New Haven, Yale University Press, 1995, p. 39-52.

BOADELLA, D. Nos caminhos de Reich. 2. ed. São Paulo, Summus, 1985.

BOLLAS, C. Sendo um personagem. Rio de Janeiro, Revinter, 1998.

BRANDÃO, F. S.; SILVA, J. P. L. Caráter: Estrutura x Fluxos Energéticos. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro, Imago, vol. 49, n. 2, p. 79-83, abr./jun., 1997.

BRAUN, J. Is character any longer a meaningful concept? In: BRAUN, J. (ed.). Social pathology in comparative perspective: the nature and psychology of civil society. Westport, Praeger/Greenwood, 1995, p. 69-73.

CÂMARA, M. V. Contribuições para a atualização da noção de corpo na teoria de Wilhelm Reich pela ótica foucaultiana. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro, Imago, vol. 49, n. 2, p. 84-96, abr./jun., 1997.

_____. A propósito da (des)construção de alguns conceitos na teoria de Wilhelm Reich - a perspectiva deleuzeana. In: GIBIER, L. (org.) Reich contemporâneo: Perspectivas clínicas e sociais. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1998a, p. 20-35.

_____. Reich - o descaminho necessário: introdução à clínica e à política reichianas. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1998b.

_____. Para além do claustro bipessoal: proposições teóricas para uma psicoterapia grupal de base reichiana. Rio de Janeiro, 1999. 193 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CERRI, L. M. L. O pensamento social de Reich e o momento político atual. Revista Reichiana. São Paulo, n. 2, p. 26-31, 1993.

CIPULLO, M. T. As “Franjas” de Reich: uma pitada fenomenológico-existencial no caldeirão das corporalidades. Revista Reichiana. São Paulo, n. 6, p. 15-26, 1997.

CONGER, J. P. Jung e Reich: o corpo como sombra. São Paulo, Summus, 1993.

CORMAN, L. Connaissance des tempéraments par la méthode morpho-physiologique. Paris, J. Oliven, 1953.

DADOUN, R. Cem flores para Wilhelm Reich. São Paulo, Moraes, 1991.

ENGLISH, O. S. Some recollections of a psychoanalysis with Wilhelm Reich: September 1929 – Apr. 1932. Journal of the American Academy of Psychoanalysis. s. l., v. 5 (2), p. 239-253, 1977.

FAVRE, R. Terapias reichianas – 25 anos depois. Revista Reichiana. São Paulo, n. 2, p. 16-25, 1993.

_____. Grupo de movimento Somático-existencial. Revista Reichiana. São Paulo, n. 6, p. 7-14, 1997.

FENCHEL, G. H. A brief introduction to character. Issues in ego psychology, s. l., vol. 8 (1&2), p. 3-6, 1985.

FERENCZI, S. [1930] O tratamento psicanalítico do caráter. In: Psicanálise IV. São Paulo, Martins Fontes, 1992. p. 215-221.

FERREIRA, A. B. H. Caráter. In: Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa. s.l., Folha de São Paulo / Nova Fronteira, 1994-1995, p. 128.

FIGUEIREDO, L. C. M. Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi. São Paulo, Escuta, 1999.

FILLOUX, J. C. A Personalidade. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966.

FREUD, S.; BREUER, J. (1893-1895). Estudos sobre a histeria. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v. II.

FREUD, S. (1900-1901). A Interpretação de sonhos (parte II). In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1972. v. V.

_____ (1904 [1903]). O método psicanalítico de Freud. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1972. v. VII, p. 253-262.

_____ (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1996. v. VII, p. 117-181.

_____ (1908). Caráter e erotismo anal. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976a. v. IX, p. 171-181.

_____ (1908). Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976b. v. IX, p. 183-208.

_____ (1912). Recomendações aos médicos que exercem psicanálise. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago, 1988. v. XII, p. 121-133.

_____ (1916). Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v. XIV, p. 349-377.

FREUD, S. (1923). O ego e o id. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago, 1980. v. XIX, p. 13-80.

- GAIARSA, A. L. Física e Psicologia. Revista Reichiana. São Paulo, n. 2, p. 61-71, 1993.
- GAIARSA, J. A. Minha vida com Reich. Revista Reichiana. São Paulo, n. 1, p. 67-81, 1992.
- GAILLAT, R. Chaves da caracterologia. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- GALLO, C. A.; RUDGE, L. L. T.; MONTEIRO, M. Z. Intervenção em um ambulatório hospitalar pelo núcleo reichiano de saúde coletiva: relato de uma experiência. Revista Reichiana. São Paulo, n. 5, p. 7-24, 1996.
- GIBIER, L. (org). Reich contemporâneo: Perspectivas clínicas e sociais, Rio de Janeiro, Sette Letras, 1998.
- HAYNAL, A. A técnica em questão: controvérsias em psicanálise: de Freud e Ferenczi a Michael Balint. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1995.
- JOSEPHS, L. Empathic character analysis. The American Journal of Psychoanalysis. s.l., v. 54 (1), p. 41-54, mar., 1994.
- JUNG, C. G. (1920). Tipos psicológicos. 3. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- KRETSCHMER, E. (1921). Physique and character: an investigation of the nature of constitution and of the theory of temperament. New York, Harcourt, Brace and company, 1925.
- LANDA, E. Reich e a transferência. Boletim de novidades: Reich Psicanalista. São Paulo, ano VIII, n. 70, p. 15-18, fev., 1995.
- LANDA, F. Sobre Reich. Boletim de novidades: Reich Psicanalista. São Paulo, ano VIII, n. 70, p. 19-23, fev., 1995.

LE GALL, A. Caracterología de la infancia y de la adolescencia. Barcelona, L. M., 1959.

MALUF JUNIOR, N. (org). Reich: o corpo e a clínica. São Paulo, Summus, 2000.

MARINHO, L. C. Infiltrações ideológicas no campo das psicoterapias corporais. In: GIBIER, L. (org) Reich contemporâneo: Perspectivas clínicas e sociais. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1998.

MATTHIESEN, S. Q. A educação do corpo e as práticas corporais alternativas: Reich, Bertherat e Antiginástica. São Paulo, 1996. 144p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MOTA, M. V. S. Princípios reichianos fundamentais para a educação: base para a formação do professor. Piracicaba, 1999. 183 p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba.

NAVARRO, F. Caracterologia pós-reichiana. São Paulo, Summus, 1995.

OLIVEIRA E SILVA, J. R.; IGLIORI-GONSALES, F. Matéria e Caráter: substratos para o impulso vital em Bergson e Reich. Revista Reichiana. São Paulo, n. 9, p. 22-30, 2000.

ORGONIZANDO: psicoterapia corporal e orgonomia desde Wilhelm Reich. Portal disponível na internet: <http://www.orgonizando.psc.br/>

O SABER EM MOVIMENTO: tecendo a rede das psicoterapias corporais. [CD-ROM]. Rio de Janeiro, Sony Music, s. d.

- PACCHINI, D. R. Evoluzione del setting terapeutico e della teoria della terapia attraverso l'analisi caratteriale reichiana. Giornale Storico di Psicologia Dinamica. v. 10 (19), p. 122-137, gen., 1986.
- PAULHAN, F. (1893). Les caracteres. 3. ed. Paris, Librairies Félix Alcan et Guillaumin Réunies, 1909.
- PAVLOV, I. P. [1927]. Étude physiologique des types de système nerveux et des temperaments. In: Typologie et pathologie de l'activité nerveuse supérieure: Vingt ans d'expérience sur l'étude objective de l'activité nerveuse supérieure des animaux. Paris, Presses Universitaires de France, 1955.
- PENDE, N. Tratado de biotipología humana individual y social. Barcelona/Buenos Aires, Salvat, 1947.
- PSYCLIT: journal articles, chapters & books 1967-1998. [CD-ROM]. Washington, DC, American Psychological Association / Silver Platter, 1998.
- RAKNES, O. Wilhelm Reich e a orgonomia. São Paulo, Summus, 1988.
- REGO, R. A. Anatomia e Couraça Muscular do Caráter. Revista Reichiana. São Paulo, n. 2, p. 32-54, 1993.
- _____. Psicoterapia e corpo I- Biopsicotipologias. Revista Reichiana. São Paulo, n. 3, p. 24-43, 1994.
- _____. Conceitos de bioenergia. s. l., s. d., 30 p. [Digitado].
- REICH, W. (1920). Libidinal conflicts and delusions in Ibsen's Peer Gynt.. In: Early writings. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1975. v. 1, p. 3-64.
- _____. (1922). Two narcissistic types. In: Early writings. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1975. v. 1, p. 133-142.

- _____ (1925[1924]). Further remarks on the therapeutic significance of genital libido. In: Early writings. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1975. v. 1, p. 199-221.
- _____ (1925). The Impulsive Character: a psychoanalytic study of ego pathology. In: Early writings. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1975. v. 1, p. 237-332.
- _____ (1927). Psicopatologia e sociologia da vida sexual: Die Funktion des Orgasmus. São Paulo, Global, s. d.
- _____ (1929). Materialismo dialéctico e psicanálise. 2. ed. Lisboa, Presença, 1975.
- _____ (1932). O combate sexual da juventude. 2. ed. Lisboa, Antídoto, 1978.
- _____ (1932). Irrupção da moral sexual repressiva. São Paulo, Martins Fontes, s. d.
- _____ (1933). Psicologia de massa do fascismo. Porto, Publicações Escorpião, 1974.
- _____ (1934). O que é a consciência de classe? Porto, Textos Exemplares, 1976.
- REICH, W. (1934). Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura? Porto, Textos Exemplares, s. d.
- _____ (1936). A Revolução sexual. São Paulo, Círculo do Livro, s. d.

_____ (1938). The Bion Experiments: On the origin of life. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1979.

_____ (1942). A função do orgasmo: problemas econômicos-sexuais da energia biológica. 6. ed. São Paulo, Brasiliense, 1981.

_____ (1948). Análise do caráter. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

_____ (1948). La Biopatía del cancer. Buenos Aires, Nueva Vision, 1985.

_____ (1988 [1922]). Paixão de juventude: uma autobiografia 1897-1922. São Paulo, Brasiliense, 1996.

_____. Early writings. New York, Farrar, Straus and Giroux, 1975a. v. 1.

_____. Reich speaks of Freud. Middlesex, Penguin Books, 1975b.

REVISTA DA SOCIEDADE WILHELM REICH / RS. Porto Alegre, 1997-

REVISTA REICHIANA. São Paulo, Departamento Reichiano do Instituto Sedes Sapientiae, 1991-

ROBACK, A. A. (1927). The psychology of character. New York, Arno Press, 1973.

ROBINSON, P. A esquerda freudiana. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

RODRIGUES, H. J. L. F. O valor da linguagem escrita na ordem do saber reichiano. In: GIBIER, L. (org) Reich contemporâneo: Perspectivas clínicas e sociais. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1998.

- ROUDINESCO, E.; PLON, M. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- RUBIN, L. R. Wilhelm Reich e Anna Freud: sua expulsão da psicanálise. Revista da sociedade Wilhelm Reich / RS. Porto Alegre, v. 2 (2), p. 4-14, dez., 1998.
- RUDGE, L. L. T. Entre dores e amores, a produção de singularidades. Revista Reichiana. São Paulo, n. 6, p. 47-56, 1997.
- SAMSON, A. Psicoterapia e massagem: reflexões sobre a relação cliente-terapeuta. Revista Reichiana. São Paulo, n. 5, p. 25-43, 1996.
- SOFIATI, S. A importância da voz na psicoterapia reichiana. Revista Reichiana. São Paulo, n. 3, p. 52-58, 1994.
- SENNETT, R. A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro, Record, 1999.
- SHELDON, W.H. The varieties of human pysicsue: an introduction to constitutional psychology. New York/London, Harper & brothers, 1940.
- WAGNER, C.M. A Psicanálise de Sigmund Freud e a Vegetoterapia Carácter Analítica de Wilhelm Reich: continuidade ou ruptura?(uma introdução à reflexão da prática corporal reicheana na clínica psicanalítica). São Paulo, 1994. 145 p. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- WAGNER, C. M. Freud e Reich: continuidade ou ruptura?. São Paulo, Summus, 1996.
- _____. O humorístico e sua relação com a orgonomia. In: GIBIER, L. (org) Reich contemporâneo: Perspectivas clínicas e sociais. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1998.

_____. A transferência na vegetoterapia carátero-analítica. São Paulo, 2000, 186 p. Tese (doutorado) - Departamento de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

WALLON, H (1949). As origens do caráter na criança. São Paulo, Nova Alexandria, 1995.

WEINMANN, A. O.; VITOLA, E.S. Wilhelm Reich e a caracterologia Psicanalítica. In: Revista da sociedade Wilhelm Reich / RS. Porto Alegre, v. 3, n. 3, p.80 - 93, dez., 1999.